



O PARADIGMA DA ARQUITECTURA TERMAL E A COMUNIDADE SÉNIOR,  
Dissertação Teórico-Prática de Mestrado Integrado em Arquitectura.

Autora: Cláudia Patrícia Albuquerque Martins, nº 22333

Orientador: Professor Arquitecto Altino João Rocha;

Docente Projecto: Professor Arquitecto João Ventura Trindade.

Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.  
Dissertação escrita segundo o anterior acordo Ortográfico.

Évora 2012/2013

## RESUMO

PARADIGMA DA ARQUITECTURA TERMAL  
E A COMUNIDADE SÉNIOR

As cidades Europeias são metrópoles cada vez mais envelhecidas, fruto do envelhecimento da sua população e da tendencial procura das periferias para se habitar. As zonas mais afectadas são normalmente os centros históricos onde as preocupações de rejuvenescimento urbano e populacional se tornaram numa problemática recorrente. Neste contexto e no âmbito do concurso “Design for Aging”, base inicial ao projecto, pareceu pertinente a formulação das seguintes questões: a) De que forma é que a memória de um espaço pode influenciar a criação de novos programas e ambiências arquitectónicas? b) De que forma pode a arquitectura termal ser reintroduzida no ritmo veloz da sociedade contemporânea? c) De que modo é que os espaços termais podem gerar novas vivências e melhor qualidade de vida numa sociedade urbana crescentemente envelhecida?

Esta dissertação tem como objecto a elaboração de um projecto de arquitectura, no centro histórico de Lisboa (Largo do Rato), para um conjunto de residências assistidas de uma comunidade de 120 pessoas, tendo como elemento de conceito e metáfora a água, como recurso de tipologia histórica e como elemento reinterpretaivo das tipologias deste lugar (Mãe d’Água, Patriarcal, Aqueduto). Feita a análise e o reconhecimento do sítio, procedeu-se á introdução programática e reflexão sobre a temática conceptual implícita, representada pelo antigo sistema hidrológico de Lisboa, premissa para o estudo do programa comunitário do projecto. O programa do projecto consiste em três áreas principais - espaços intergeracionais (centro de dia/jardim), espaços comunitários propostos pelo aluno (espaço termal) e três tipologias do módulo habitacional com diferente grau de dependência e cuidados continuados do idoso. Foi desenvolvido em simultâneo com o trabalho de projecto uma investigação sobre arquitecturas de sociabilidade, bem-estar e saúde onde a água tem um papel primordial, ou seja, as termas e os hammamat. A compreensão das características paisagísticas, tipológicas e atmosféricas destas arquitecturas foram as temáticas alvo de maior estudo e reflexão com o objectivo de auxiliar o processo criativo e programático do espaço termal proposto no projecto.

O projecto de arquitectura procura sobretudo estabelecer relações harmoniosas e consolidadas com todas estas questões: 1) o sítio e a permeabilidade urbana, 2) o programa (residências assistidas) e o sítio, 3) a reinterpretação do espaço termal e 4) a implementação do espaço termal na rotina de uma comunidade sénior.

### Palavras-chave

Água, Arquitectura, Comunidade, Envelhecimento activo, Termas, Hammam, Termas bairro, Cidade, Lisboa, Sistema hidrológico, Interior bairro, Cidade permeável.

## ABSTRACT

PARADIGM OF THERMAL ARCHITECTURE  
AND ELDERLY COMMUNITY

The European cities are increasingly aged metropolis, due to the aging population and the tendencial seek to inhabit the peripheries. The historical centers are usually the most affected areas where the concerns with urban rejuvenating and urban population had become a recurrent problematic. In this context and within the competition with the motto "Design for Aging", it seems pertinent the formulation of the following questions: a) How does the memory of a space can influence the creation of new programs and architectural ambiances? b) How can historical thermae structures be reintroduced in the fast paced rythm of contemporary society? c) How can thermae structures spaces generate new experiences and a better quality of life in an increasingly aging urban society? This dissertation is aimed at the development of an architectural project in the historic center of Lisbon (Largo do Rato), for a range of assisted living residences for a community of 120 people, with the element of water as concept and metaphor, as a resource of historical typology and as an element of reinterpretative typology of this place (Mother Water, Patriarcal, Aqueduct). After analysis and site recognition, proceeded to the programmatic introduction and reflection on the implicit conceptual thematic, represented by the old hydrological system of Lisbon, premise for the study of the community program project. The project program consists in three main areas - intergenerational spaces (day care / garden), community spaces proposed by the students (thermae stucture) and three types of module housing with different degree of dependence and long-term care of the elderly. Simultaneously with the project work, a research was developed about sociability architectures, wellness and health where water has a primary role, ie, the roman baths and the arab baths. The understanding of the territorial, typological and atmospheric characteristics of these architectures where the themes of further study and reflection with the aim of assisting the creative and programmatic process of the thermae structure proposed in this project.

The architectural project primarily seeks to establish harmonious and consolidated relations with all these issues: 1) the site and urban permeability, 2) the program (assisted living) , 3) the reinterpretation of historical thermae structures and 4) implementation of a new thermae structure space in a senior community routine environment.

### Keyword

Water, Architecture, Community, Active ageing, Thermal baths, Hammam, Thermal baths quarter, City, Lisbon, Hydrological System, Interior quarter, Permeable city.

## ÍNDICE



ÍNDICE DE IMAGENS	6
ESTADO DA ARTE	10
INTRODUÇÃO	14
Envelhecimento Activo	16
A Dimensão Social do Banho	20
I. PARADIGMA DE ARQUITECTURA TERMAL	
Morfologia da Paisagem Termal	32
Materialidades	50
Atmosferas de Luz	54
O Termalismo Português	60
Águas Termais de Lisboa	70
II. O QUARTEIRÃO NO LARGO DO RATO	
Largo do Rato, séculos XIX, XX e XXI	76
Conceito Termal e o quarteirão do Rato	98
Novas relações Quarteirão/Cidade	108
III. O ESPAÇO TERMAL COMO BASE ESTRUTURANTE DE UMA COMUNIDADE	
O módulo habitacional	124
Adaptação do espaço Termal à rotina de uma comunidade Idosa	132
Conceito construtivo e materialidades	142
CONCLUSÃO	150
GLOSSÁRIO	154
BIBLIOGRAFIA	156
ANEXOS	159

## ÍNDICE DE IMAGENS

### ESTADO DA ARTE

- I.1 Capa livro *Vitrúvio Tratado de Arquitectura* de M. Justino Maciel.
- I.2 Capa livro *As Termas e Balneários da Lusitânia* de Maria Reis Pilar.
- I.3 Capa livro *A História da Vida Privada: da Europa Feudal ao Renascimento*, George Duby.
- I.4 Capa livro *Arab Baths* de Carlos Vilchez.
- I.5 Capa livro *Turkish Baths, a light onto tradition and culture: a guide to the historic Turkish bath of Istanbul* de Orhan Yilmazkaya.
- I.6 Capa livro *Zenithal Light* de Elías Torres.
- I.7 Planta piso térreo do Rehab Center em Basileia da dupla Herzog e Meuron.
- I.8 Página inicial do artigo *Largo do Rato Placa Distributiva de Lisboa, espaço de vários espaços* de Nestor Sousa.
- I.9 Capa livro *Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874-1909*.
- I.10 Capa livro *Além da Baixa - Índícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista* de Walter Rossa.
- I.11 Capa livro *EPAL Iconografia Histórica* de Paulo Oliveira Ramos.
- I.12 Capa livro *Plano Verde de Lisboa* do Arq. Gonçalo Ribeiro Teles.

### INTRODUÇÃO

- I.13 Gráfico com questionário de opinião sobre áreas é necessário desenvolver melhorias para tornar a sua localidade mais “adequada a pessoas de idade” do Eurobarometer, EUROPEAN COMMISSION, Página 4. Novembro 2011.
- I.14 Razões para a prática de desporto ou de uma actividade física na EU-27, Outubro 2009. Comissão Europeia, Special Eurobarometer No. 334 - Desporto e Actividade Física.
- I.15 Evolução da Pirâmide etária de Portugal, anos 1960, 2009 e previsão para 2050, do Instituto Nacional de Estatística (INE).
- I.16 Ilustração da provável aparência das termas de Caracala, em *Les Romains et L'eau - fontaines, salles de bains, thermes, égouts, aqueducs ...* de Alain Malissard.
- I.17 Gravura *Sauna* de Marti Vuorenjuuvi, Otava, 1967, em *Turkish Baths, a light onto tradition and culture: a guide to the historic Turkish bath of Istanbul*, pág.35.
- I.18 Representação *Banho em Louèche* de Hans Bock, 1597.
- I.19 Sentô, 1904. *Japan, the place and the people*, George Waldo Browne, Boston Estes Editor.
- I.20 J. Pascal Sebah et Joaillier, banho Turco, 1870. [www.coptichistory.org](http://www.coptichistory.org).
- I.21 Mikveh, *The Radom Ghetto*, [www.holocaustresearchproject.org](http://www.holocaustresearchproject.org).
- I.22 Turkish Bath, Jean Auguste Dominique Ingres, 1862. [www.humanitiesresource.com](http://www.humanitiesresource.com)
- I.23 Ilustração Estoril Costa do Sol, do cartaz e programa do ciclo de conferências *O Estoril e as origens do turismo em Portugal*, Câmara de Cascais, 2011.
- I.24 Cartaz publicitário da Águas de Vidago, Setembro de 1958. [www.vidagoimagens.blogspot.pt/2011/09/01\\_archive.html](http://www.vidagoimagens.blogspot.pt/2011/09/01_archive.html).
- I.25 Homens a jogar xadrez nas termas de Szechenyi, Budapeste. Autor desconhecido.
- I.26 Representação do banho popular em Zurique na Idade Média, autor desconhecido. [www.pressemeldungen.at](http://www.pressemeldungen.at).
- I.27 Representação do banho numa iluminura medieval alemã de Valerius Maximus 1470.
- I.28 *Massage, Bath Scene*, 1883, Edouard Depat Ponsan. *Turkish Baths, a light onto tradition and culture: a guide to the historic Turkish bath of Istanbul*, Orhan YILMAZKAYA, 2006, pág.49.
- I.29 Banho Turco, Jermyn Street Londres, 1951. Maurice Ambler.
- I.30 Banho Vichy nas Termas Reais na cidade Harrogate, Inglaterra, 1950. [www.culture24.org.uk/](http://www.culture24.org.uk/).
- I.31 Kneipp Cure, um ramo da hidroterapia desenvolvido no século XIX, 1900. [www.bastabalkana.com/2010/10/sebastian-knejp-sebastian-kneipp](http://www.bastabalkana.com/2010/10/sebastian-knejp-sebastian-kneipp).
- I.32 Piscina para fisioterapia, Termas de Harrogate, data por volta de 1950. [www.culture24.org.uk/](http://www.culture24.org.uk/).
- I.33 Hidroterapia nas Termas do Luso. Autor desconhecido.

### CAPITULO I

#### I. Morfologia da Paisagem Termal

- I/1.1 Planta Olímpia, *VITRÚVIO Tratado de Arquitectura*, de M. Justino Maciel, pág. 212.
- I/1.2 Planta termas de Pompeia de autoria própria baseada na planta em *VITRÚVIO Tratado de Arquitectura* de M. Justino Maciel, pág. 210.
- I/1.3 Fotografia aérea Timgad. Em [www.mcah.columbia.edu/roman/htm/lecture/kampen\\_116\\_89.htm](http://www.mcah.columbia.edu/roman/htm/lecture/kampen_116_89.htm)
- I/1.4 Ortofotomapa de Pompeia, Itália, Google earth.
- I/1.5 Planta termas de Caracala. Autoria própria baseada em *Arab Baths* de Carlos Vilchez, página 9.
- I/1.6 Ortofotomapa de Roma, Itália, Google earth.

I/1.7 Planta complexo Ganj Ali khan. Em [www.archweb.it/dwg/architettura\\_persiana/Hammam-e-Ganj-Ali-Khan/Ganj\\_Ali\\_Khan.htm](http://www.archweb.it/dwg/architettura_persiana/Hammam-e-Ganj-Ali-Khan/Ganj_Ali_Khan.htm).

I/1.8 Ortofotomapa cidade de kerman, Irão, Google earth.

I/1.9 Planta palácio de Comares, Alhambra. Em *The Alhambra* de Robert Irwin.

I/1.10 Ortofotomapa de Istambul, palácio Topkapi. Google earth.

I/1.11 Ortofotomapa de Alhambra, Granada. Google earth.

I/1.12 Planta do piso inferior do hammam de Comares, Alhambra. Autoria própria baseada em *Arab Baths* de Carlos Vilchez.

I/1.13 Ortofotomapas de Alhambra. Bing maps.

I/1.14 Ortofotomapa da vila termal de Vichy, França. Google earth.

I/1.15 Ortofotomapa do parque da cidade de Budapeste, Városliget, Hungria. Google earth.

I/1.16 Ortofotomapa parque termal das Caldas da Rainha, Portugal. Google earth.

I/1.17 Imagem do interior do Monte Tindaya. Em [www.ventilate.ca/2009/06/25/mount-tindaya/](http://www.ventilate.ca/2009/06/25/mount-tindaya/).

I/1.18 Ortofotomapa da vila termal Rogner Bad Blumau, Styria, Austria. Google earth.

I/1.19 Ortofotomapa Termas de Vals, Vals, Suíça. Bing maps.

I/1.20 Planta de cima das Termas de Vals, 1996. Em [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com).

I/1.21 Fotografia Hotel e Termas Vals, autor PABLO Echávarri. Em [www.panoramio.com/photo/15864063](http://www.panoramio.com/photo/15864063).

I/1.22 Fotografia Piscina exterior das termas de Vals, autor Hélène Binet, 2009. Em [www.archi-europe.com](http://www.archi-europe.com).

I/1.23 Vista aérea Vidago Palace e Spa. Em [www.freguesiadevidago.com](http://www.freguesiadevidago.com).

I/1.24 "Ponte"/acesso entre o edifício novo do Spa e o Palace Hotel de Vidago, FG+SG.

I/1.25 Vista lateral do Spa com as coberturas ajardinadas, FG+SG.

## 2. Materialidades

I/2. Parede de tijolo de burro emparelhada (Opus Testaceum), [www.istockphoto.com](http://www.istockphoto.com); Mármore azul, pedra muito utilizada nos hammans otomanos e revestimento de tecto em madeira da sala do apodyterium do hammam Tahtaminare, Istambul; em *Turkish Baths, a light onto tradition and culture* de Orhan Yilmazkaya.

I/2.2 Hipocaustum das termas de Bath, Inglaterra.

I/2.3 Pedra de Mármore do Cagalugio Hammam, em *Turkish Baths, a light onto tradition and culture* de Orhan Yilmazkaya.

I/2.4 Onsen Tsurunoyu, Japão.

I/2.5 Buvette das termas de Vichy.

I/2.6 Pavimento em mosaico romano com padrão geométrico, termas de Caracala; Revestimento de paredes em azulejo, caldarium do hammam de Comares de Alhambra, dinastia Nasrid; Tecto em estuque do Ganj Ali khan Hammam, dinastia Safavid, século XVII.

## 3. Atmosferas de Luz

I/3.1 Fotografia Interior Panteão de Roma, autoria de Bruno Pires, 2008.

I/3.2 Alçado Panteão de Roma, 1982, em *Zenithal Light* de Elias Torres, 2004, pág. 17.

I/3.3 Caldarium termas de Pompeia, séc. I d.C., em *Zenithal Light* de Elias Torres, 2004, fotografia de Elías Torres, pág. 123.

I/3.4 Corredor de distribuição do Pavilhão desportivo de Barcelona Llobregat da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira.

I/3.5 Clarabóia do Hammam Ganj Ali Khan em Kerman, século XVII;

I/3.6 Clarabóia da antiga sala de banhos da rainha D. Leonor, Caldas da Rainha.

I/3.7 Vão interior caldarium das termas de Pompeia,

I/3.8 Cobertura caldarium termas de Pompeia, em *Zenithal Light* de Elias Torres, 2004, fotografia de Elías Torres, pág. 131.

I/3.9 Vão interior termas de Diocleciano, Split, em *Zenithal Light* de Elias Torres, 2004, fotografia de Nuria vives, pág. 25.

I/3.10 Cobertura termas de Diocleciano Split, em *Zenithal Light* de Elias Torres, 2004, fotografia de Nuria vives, pág. 25.

I/3.11 Cobertura em formato de estrela de oito pontas, Alhambra. Fotografia do autor, 2008.

I/3.12 Memorial Fúnebre a Isaac Newton projectado por Étienne-Louis Boullé em 1784.

I/3.13 Tepidarium hammam do Palácio Comares, Alhambra.

I/3.14 Fotografia piscina interior termas de Vals, *A Construção de Atmosferas, matéria e tempo na obra de Peter Zumthor*, dissertação de mestrado Joel Gomes, 2010.

I/3.15 Piscina Pavilhão desportivo de Barcelona, Siza Vieira, FG+SG.

I/3.16 Piscina Rehab Center, 1998-2001, Herzog e Meuron. *Zenithal Light* de Elías Torres, 2004, pág. 49.

I/3.17 Cobertura Caldarium do hammam Beyazit, Istambul. *Turkish Baths, a light onto tradition and culture* de Orhan Yilmazkaya, 2006, pág. 45.

- I/3.18 Lanternins Termas de Vals, *A Construção de Atmosferas, matéria e tempo na obra de Peter Zumthor*, dissertação de mestrado Joel Gomes, 2010.
- I/3.19 Clarabóias piscina pavilhão Barcelona, Arquitecto Álvaro Siza.
- I/3.20 Clarabóias Rehab Center., Basel, 1998-2001, Herzog e Meuron. *Zenithal Light* de Elías Torres, 2004, pág.49.
- I/3.21 Natatio das termas Romanas de Bath, inicialmente com um cobertura em abóbada berço que acabara por ruir com o tempo.
- I/3.22 Claustro interior do Apodyterium do Hammam de Comares, mais conhecido por Sala das Camas, Alhambra.
- I/3.23 Alçado logitudinal interior Hammam do Palácio Comares, Alhambra.
- I/3.24 Piscina de Roubaix, nos arredores de Lille, arquitecto Albert Baertdeu.
- I/3.25 Piscina de Tourcoing, França.
- I/3.26 Banhos do hotel Gellert, Budapeste.
- I/3.27 Galeria superior do Salão Curia Palace, Mealhada.
- I/3.28 Galeria superior Vidago Palace Hotel.
- I/3.29 Galeria superior circular Hotel do Luso, fotografia do autor.

#### 4. Termalismo Português

- I/4.1 Mapa das termas da Lusitânia, baseado em *As Termas e os Balneários Romanos da Lusitânia* de Maria Pilar dos Reis (pág. 26 e 36).
- I/4.2 Fotografia da estação ferroviária de Vidago, autor Detlef Schikorr, 1910. <http://carrileiros-portugal.blogspot.pt/2012/03/muita-terra-muita-terra.html>.
- I/4.3 Identificação das termas de Portugal do século XX. Baseado na identificação feita e em [www.termasdeportugal.pt/estancias/termas/](http://www.termasdeportugal.pt/estancias/termas/) e na Carta de Portugal com a rede ferro-viária e Principaes Thermas de 1907, arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- I/4.4 Fotografia da alameda de plátanos da Curia, 2012. Autoria Própria.
- I/4.5 Ortofotomapa estância termal da Curia, Anadia, Portugal. Google earth.
- I/4.6 Ortofotomapa estância termal das Pedras Salgadas, Vila Real, Portugal. Google earth.
- I/4.7 Ortofotomapa estância termal de Vidago, Vila Real, Portugal. Google earth.
- I/4.8 Fotografia edifício termal do parque das Caldas da rainha, 1927. Biblioteca de Arte-Fundação Calouste Gulbenkian.
- I/4.9 Vista aérea dos banhos de Szechenyi, Budapeste. Em [www.budapestbaths.net/szechenyi-bath](http://www.budapestbaths.net/szechenyi-bath).
- I/4.10 Fotografia do estabelecimento termal de Vichy, Domes. Em [www.studyhydrotherapy.com/vichy4.htm](http://www.studyhydrotherapy.com/vichy4.htm).
- I/4.11 Fotografia do século XIX, primeiro balneário das termas do Luso. Em [www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2010/06/termas-do-luso.html](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt/2010/06/termas-do-luso.html).
- I/4.12 Fotografia da Buvette da estância Curia de 1914. Em [www.restosdecoleccion.blogspot.pt/search/label/Curia](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt/search/label/Curia).
- I/4.13 Fotografia estabelecimento termal do Estoril, século XX.
- I/4.14 Fotografia arcadas das termas da Vichy.
- I/4.15 Fotografia arcadas das termas da Curia, inícios do século XX. Em [www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/CuriaPtBR22.html](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/CuriaPtBR22.html).
- I/4.16 Fotografia piscina termal do Luso de 1893. Em catálogo Malo Clinic Spa Luso.
- I/4.17 Fotografia buvette da Curia, produzida durante a actividade do Estúdio Horácio Novais, 1930-1980, Estúdio Horácio Novais. Em [www.flickr.com/photos/biblarde/496290251/](http://www.flickr.com/photos/biblarde/496290251/).
- I/4.18 Planta do ante-projecto do Palace Hotel de Vidago.
- I/4.19 Fotografia Palace Hotel Curia de 1926. Em [www.restosdecoleccion.blogspot.pt](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt).
- I/4.20 Fotografia Palace Hotel Estoril, anos 50. Em [www.restosdecoleccion.blogspot.pt](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt).
- I/4.21 Fotografia Vidago Palace Hotel, 2012, Fernando Guerra. Em [www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com).
- I/4.22 Fotografia Grande Hotel do Luso de 2012. Autoria própria.
- I/4.23 Fotografia do Grande Hotel e termas de Chão da Pena (Águas Radium), autor João Jesus, 2011. Em [www.flickr.com](http://www.flickr.com).
- I/4.24 Fotografia Termas de Monchique. Em Planos de Intervenção das Aldeias do Algarve, Junho de 2003.

#### 5. Águas Termais de Lisboa

- I/5.1 Antigas alcaçarias do Duque, Alfama.
- I/5.2 Área envolvente aos Banhos de São Paulo. Planta de Filipe Folque, 1856, nº 50.(pag.72,73).
- I/5.3 Plano de Pierre- Joseph Pezerat para as águas de Alfama, 1852.

Página 72 e 73

-PLANTA DO ESTABELECIMENTO DE BANHOS DAS ALÇAÇARIAS DO DUQUE, em RAMALHO, ELSA CRISTINA E LOURENÇO, MARIA CARLA, *AS ÁGUAS DE ALFAMA – MEMÓRIAS DO PASSADO DA CIDADE DE LISBOA*. [HTTP://E GEO. INETI.PT/GEOCIENCIAS/EDICOES\\_ONLINE/ARTIGOS/23.PDF](http://egeo.ineti.pt/geociencias/edicoes_online/artigos/23.pdf), p. 12.  
-PLANTA DO ESTABELECIMENTO DE BANHOS DAS ALÇAÇARIAS DE D. CLARA, in RAMALHO, ELSA CRISTINA E LOURENÇO, MARIA CARLA, *AS ÁGUAS DE ALFAMA – MEMÓRIAS DO PASSADO DA CIDADE DE LISBOA*. [HTTP://E GEO. INETI.PT/GEOCIENCIAS/EDICOES\\_ONLINE/ARTIGOS/23.PDF](http://egeo.ineti.pt/geociencias/edicoes_online/artigos/23.pdf), p. 13.  
-Planta do estabelecimento de banhos do Doutor, in RAMALHO, Elsa Cristina e LOURENÇO, Maria Carla, *As Águas de Alfama – Memórias do passado da cidade de Lisboa*. [http://egeo.ineti.pt/geociencias/edicoes\\_online/artigos/23.pdf](http://egeo.ineti.pt/geociencias/edicoes_online/artigos/23.pdf), p. 14.

## CAPITULO II

O Quarteirão no Largo do Rato

Página 74 e 75

- Fotografia panorâmica com vista sobre o Largo e Quarteirão do Rato, fotografia do autor.

II/1.1 Cartografia Lisboa/Largo do Rato, de Filipe Folque, 1856. (H-9/F-10).

II/1.2 Fotografia Largo do Rato, 1930. Espólio Eduardo Portugal (1900-1958), Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

II/1.3 Fotografia Largo do Rato após o seus alargamento com as obras públicas, 1930. Espólio Eduardo Portugal (1900-1958), Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

II/1.4 Fotografia Largo do Rato, 1950. Espólio Eduardo Portugal (1900-1958), Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

II/1.5 Cartografia Lisboa/Largo do Rato, de Silva Pinto, 1911. (H-9/F-10).

II/1.6 Edifício da Antiga Fábrica das Sedas da Rua da Escola Politécnica. Fotografia da autora.

II/1.7 Convento das Trinas. Espólio Eduardo Portugal (1900-1958), Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

II/1.8 Antigo Palácio de Palmela e actual Procuradoria Geral da República. Espólio Eduardo Portugal (1900-1958), Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

II/1.9 e II/1.10 Fotografias antigas do Chafariz do Rato. Espólio Eduardo Portugal (1900-1958), Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

II/1.11 Ortofotomapa Largo do Rato, 2009.

II/1.12 Lago e cobertura do reservatório da Patriarcal, jardim do Príncipe Real.

II/1.13 Árvore Borracheira centenária do Largo Hintze Ribeiro. Fotografia da autora.

II/1.14 Vista Rua de São Bento. Fotografia da autora.

II/1.15 Largo Hintze Ribeiro. Fotografia da autora.

II/1.16 Acesso do extinto teatro do Rato, em São Mamede em Revista.

II/1.17 Fotografia acesso ao quarteirão através do Largo do Rato, 1944. Fotografia da autora.

II/1.18 Vista do acesso do Largo do Rato a partir do interior do quarteirão.

II/1.19 Acesso da Rua da escola politécnica por uma velha fachada de um edifício demolido. Fotografia da autora.

II/1.20 Vista acesso da Rua Tenente Raúl Cascais. Fotografia da autora.

II/1.21 Vista Panorâmica a partir do interior do quarteirão. Fotografia de Daniel Manica.

## CAPITULO III

Conceito Construtivo e Materialidades

III/1.1 Frank Lloyd Wright demonstra com as mãos dois sistemas estruturais básicos, em cima um sistema orgânico de vigas entrelaçadas, em baixo o antigo sistema construtivo da coluna e da viga.

III/1.2 Beacon, museu da Dia Art Foundation em Nova York, 2003. Projecto de Peter Zumthor característico pela sua ampla cobertura em vigas de betão branco de padrão ortogonal.

III/1.3 Great Western Savings and Loan, 1961. Paffard Keatinge-Clay.

III/1.4 Faculdade de Arquitectura da Universidade de São Paulo, projecto de Vilanova Artigas, 1969.

III/1.5 e III/1.6 Imagem do espaço termal do projecto onde é visível a forte presença estrutural da cobertura e suas clarabóias. Fotografia da autora.

III/1.7 Reservatório da Mãe d'água, emblemática obra Joanina em pedra Lioz.

III/1.8 e III/1.9 Fachada em rede da Shibaura House em Tokio. Projecto da dupla Sejima e Nishizawa, 2011.

III/1.10 Maquete Torre das habitações de cuidados intensivos com a fachada em rede que as envolve. Fotografia da autora.

III/1.11 e III/1.12 Relação Interior Exterior que este tipo de fachada em rede permite através da distância e proximidade. Fotografia da autora.

## ESTADO DA ARTE

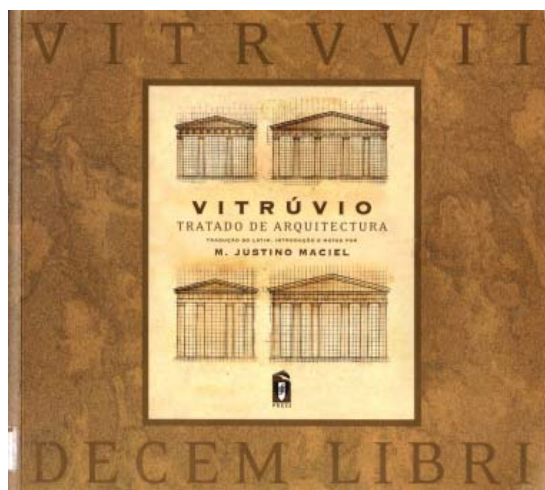
Os trabalhos de investigação sobre o termalismo e o termalismo português são extensos, reflectindo não só o interesse natural dos homens sobre esta temática mas também a variedade e o bom estado de conservação que este património ainda apresenta nos dias de hoje permitindo a elaboração desses mesmos estudos. As termas romanas são passíveis de avaliação sobretudo pelo vasto património arqueológico, no entanto para a compreensão da sua prática e procedimento foi essencial a leitura do Tratado de Arquitectura de Vitruvius, Livro V e capítulo X (fig. I.1), onde é feita a caracterização arquitectónica destes espaços. Num contexto mais próximo do nacional, Maria Pilar dos Reis, mestre em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, contribuiu com o mais completo levantamento do património arquitectónico termal romano da península ibérica compilado no seu trabalho *Las termas y balnea romanos de Lusitania* (fig. I.2). Este seu trabalho permitiu uma fácil familiarização com a funcionalidade e tipologias das primeiras termas que este território conheceu e a sua dispersão geográfica. Também os sites das Águas Termais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa<sup>1</sup> e da Associação das termas de Portugal<sup>2</sup>, um de vertente mais científica outro de vertente lúdica, constituem a mais completa e actualizada recolha de informação histórica, geológica e arquitectónica do termalismo nacional disponível em rede. Armando Cunha Narciso, médico hidrologista, desenvolveu uma vasta e pioneira obra sobre o termalismo português numa perspectiva química da água e da crenoterapia, área terapêutica que deu origem às termas do século XIX e XX. Acciaiulli, seu contemporâneo, também fundamentou o estudo sobre as águas minerais e terapêuticas de Portugal, inclusive as de Lisboa em Alfama. *As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa* de Elsa Ramalho e *Memória das Águas de Alfama* de Carlos Oliveira são dois trabalhos de investigação extremamente completos sobre a natureza das primeiras águas e alcaçarias da zona oriental de Lisboa.

Em relação ao Hammam e ao Banho Turco foi importante para a compreensão do espaço e da cultura a leitura das obras: *Arab Baths*, de Carlos Vilchez (fig. I.4), e *Turkish Baths, a light onto tradition and culture: a guide to the historic Turkish bath of Istanbul* de Orhan Yilmazkaya (fig. I.5).

I.1 *Tratado de Vitruvius*, M. Justino Maciel; I.2 *As termas e balneários da Lusitânia*, Maria Reis Pilar; I.3 *História da Vida Privada*, George Duby; I.4 *Arab Baths*, Carlos Vilchez; I.5 *Turkish Baths*, Orhan Yilmazkaya; I.6 *Zenithal Light*, Elias Torres.

<sup>1</sup> [www.aguas.ics.ul.pt](http://www.aguas.ics.ul.pt). Última data de acesso 28/09/2012.

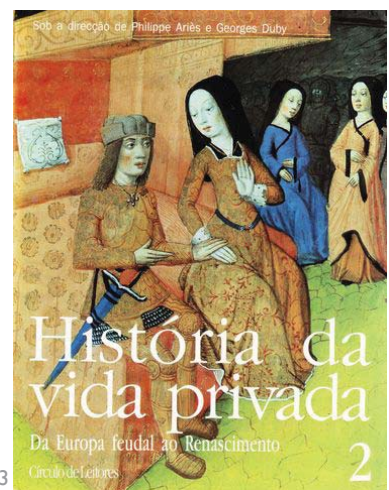
<sup>2</sup> [www.termasdeportugal.pt](http://www.termasdeportugal.pt). Última data de acesso 28/09/2012.



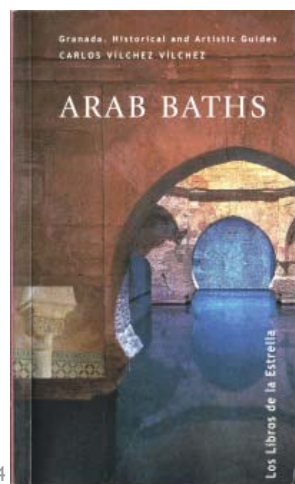
1.1



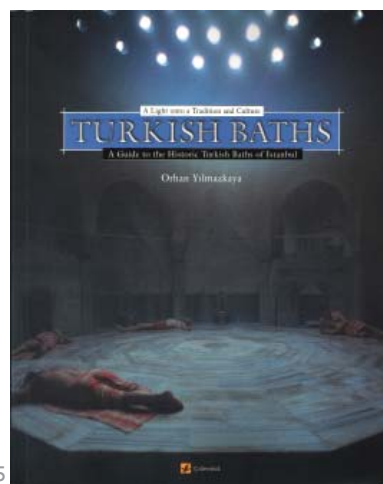
1.2



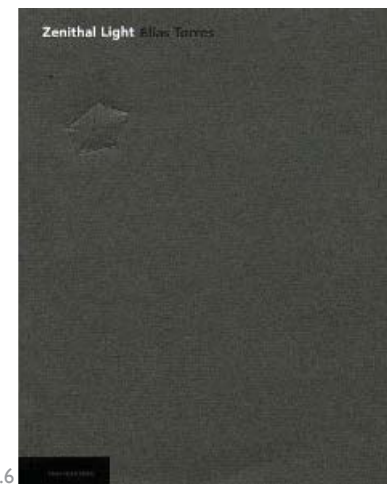
1.3



1.4



1.5



1.6



O livro *Zenithal Light* de Elias Torres (fig.1.6) constitui uma importante investigação e reflexão sobre a iluminação do espaço, tema de extrema importância nos banhos e termas onde maioritariamente a iluminação era e é feita de forma zenital.

A nível de produção arquitectónica contemporânea as Termas de Vals do Arquitecto Peter Zumthor e o Spa de Vidago do Arquitecto Álvaro Siza são dois curiosos projectos contemporâneos que se aproximam do conceito explorado no projecto da dissertação, complementando o tema da habitação temporária, neste caso unidades hoteleiras, com a prática termal. Apesar de todos os benefícios comprovados a junção literal no espaço/ programa do tema Água e Residências Assistidas é ainda muito pouco usual, onde apenas destaco o Rehab Centre de Basileia, projecto de 1998 da dupla Herzog e Meuron (fig.1.7), como o melhor exemplo a nível arquitectónico e funcional do conceito aqui apresentado. Em 1998 é implementado o programa nacional “Saúde e Termalismo Sénior” e que devido à sua crescente adesão viria a ser regulamentada na portaria n.º 237 a 30 de Março de 2010, definindo o financiamento do programa direccionado a cidadãos com idade igual ou superior a 60 anos contribuindo simultaneamente na dinamização da actividade termal nacional e economias regionais/locais.

No processo de análise do contexto do projecto, Lisboa e o Largo do Rato, destaco três leituras incontornáveis para a boa compreensão do lugar: *Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874 -1909*, *Além da Baixa* de Walter Rossa (fig.1.10) e *O Largo do Rato, placa distributiva de Lisboa, espaço de vários espaços* de Nestor de Sousa, 1984 (fig.1.8). Estas três fontes juntamente com a cartografia de Lisboa de Filipe Foulque e Silva Pinto são bases fundamentais para o conhecimento morfológico e arquitectónico do Largo do Rato e arredores. Também destaco a consulta do livro *Vol. I Epal Iconografia Histórica* de Paulo Ramos (fig.1.11) como importante fonte auxiliar de informação textual e gráfica da estrutura hidrológica da cidade, com destaque para os troços que vão do Reservatório da Mãe d’Água à Patriarcal e a São Bento.

Igualmente importante foi a consulta do *Plano Verde de Lisboa* de Gonçalo Ribeiro Teles (fig.1.12) para a compreensão da estrutura ecológica da cidade e no processo de criação de um novo espaço público e verde no Rato.

1.7 Rehab Center Basileia, Herzog e Meuron; 1.8 Largo do Rato- Placa distributiva de Lisboa, Nestor Sousa; 1.9 Lisboa de Frederico Ressano Garcia ; 1.10 Além da Baixa Índices de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Walter Rossa; 1.11 EPAL Iconografia Histórica, Paulo Oliveira Ramos; 1.12 Plano Verde de Lisboa, Gonçalo Ribeiro Teles.





1.7

O LARGO DO RATO — PLACA DISTRIBUTIVA  
DE LISBOA — ESPAÇO DE VÁRIOS ESPAÇOS

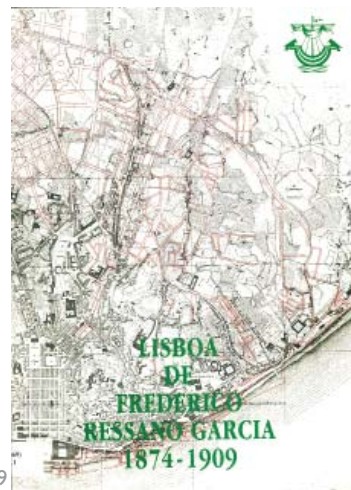
por  
MÓNICA DE SOUSA  
Alumna da Universidade do Azeite

A situação demográfica de um país é fator essencial das suas transformações económicas e sociais. Determinado no passado, é veículo para uma melhor compreensão destas no presente. Todavia, a evolução da população portuguesa, ainda que não passando pelo muito comum, como é o decurso do século XVIII e a primeira década do século XIX, chegou-se assim imprecisa em termos de variações, manchas de distribuição, taxas de natalidade ou de mortalidade, de casamentos ou solteiros.

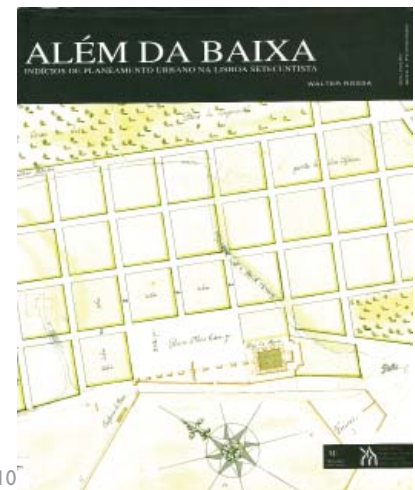
Por falta de estudos sistemáticos e completos das antigas paróquias, são reduzidos os dados que possuímos. Porque nos censos de 1712 a 1820, incluindo estes fogos, pessoas de condição ou matres de sacramento, as quantidades obtidas só com reservas podem ser acólitas. Porque as informações transmitidas pelos párocos se aproximam faltar de rigor, quando não propriamente falsas e, mesmo quando honestamente transmitidas, muitas vezes são vagas e resultantes de aproximação calculada, sejas se utilizado traços de população como os membros da igreja, os militares, pessoas em estabelecimentos de assistência ou prisões.

55

1.8



1.9



1.10



1.11



1.12

## INTRODUÇÃO

### Objecto de Estudo.

Esta dissertação tem como objectos de estudo a reinterpretação do espaço termal tendo em conta a condição particular do indivíduo idoso e o contexto urbano. A integração do indivíduo idoso no tecido urbano tem um acrescido grau de complexidade devido à fragilidade e sensibilidade característica deste tipo de população em contraponto com o ruído e agressividade da cidade, problemática que o programa comunitário das piscinas pretende amenizar. O contexto, Lisboa, o programa comunitário, piscinas e o espaço público, o jardim, são as três principais áreas pelas quais este trabalho se rege, com destaque particular pela segunda.

### Motivações/Objectivos.

O tema deste trabalho surge no âmbito do projecto desenvolvido em Projecto Avançado II e na participação do Concurso da AIA (American Institute of Architecture) com o tema Design for Aging. Ao analisar o enunciado formulado pela organização do concurso identifica-se de imediato dois grandes desafios: a aparente incompatibilidade da escala programática com a área de implantação proposta e a importância do programa comunitário na dinamização social e na integração da comunidade sénior na cidade. A escolha do género e a temática do programa comunitário faziam parte da proposta individual de cada aluno que, no meu ponto de vista, é um factor essencial para a harmonia e sucesso do projecto. A proposta do programa comunitário foi também o ponto de partida para a componente teórica da dissertação, sustentada numa ideia de envelhecimento activo como meio de obtenção de melhor qualidade de vida através do tema da água e do termalismo. Procedeu-se a uma análise de alguns casos de estudo paradigmáticos do vasto património termal com o intuito de assimilar e compreender o enquadramento, o funcionamento e a sua evolução, identificando características, tipologias e atmosferas particulares e intemporais da arquitectura termal.

O objectivo principal desta análise é a aquisição de ferramentas/conhecimento que auxiliassem o acto projectual, mas também a formulação de uma reflexão sobre a cultura termal e o potencial que esta pode ter na criação de novos e mais saudáveis estilos de vida.

#### Metodologia.

O trabalho está organizado em três capítulos, o Paradigma Termal, Enquadramento Projecto, e Proposta, sendo que o primeiro capítulo concentra estritamente a componente teórica da dissertação e o terceiro a componente prática. O primeiro capítulo desenvolve-se em cinco etapas principais tendo a recolha textual, gráfica e pesquisa bibliográfica constituído a etapa mais demorada, devido à dispersão e dimensão da informação encontrada. Esta etapa prevaleceu durante todo o processo da dissertação.

Procedeu-se também a algumas visitas de campo que contribuíram para uma real percepção do estado e utilização actual do espaço termal e também na experimentação pessoal do local.

#### Etapas metodológicas:

1. Recolha de informação e pesquisa bibliográfica nas bibliotecas da Universidade de Évora, Nacional, Gulbenkian, Arquivo do Gabinete de Estudos Olisiponenses e por internet;
2. Execução gráfica (desenho/imagem) dos casos de estudo seleccionados;
3. Visitas a alguns casos de estudo: Conímbriga, Termas das Caldas da Rainha, Termas do Luso, Termas da Curia e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros,
4. Exercício e análise comparativa de alguns casos de estudo;
5. Reflexão e aplicação das conclusões no projecto;

## Envelhecimento Activo

Nas próximas décadas todos os países da União Europeia terão aumentos acentuados na proporção de idosos na população total e um grande declínio no número de pessoas em idade activa prevendo-se que em 2050 a idade média da população seja de 49 anos. Com a esperança média de vida cada vez mais prolongada nas sociedades modernas europeias começam a surgir problemas significativos na sustentabilidade do sector económico, saúde e sistemas de cuidados de longa duração. Este é provavelmente um dos mais importantes desafios que a Europa enfrenta num futuro Próximo.

Um estudo da Special Eurobarometer 378 de Novembro de 2011 confirma que quem vive em áreas rurais descreve a sua área local como “friendly” com mais frequência do que aqueles que vivem nas grandes cidades o que faz pressupor que o sentido de comunidade e de auto-ajuda seja maior num meio mais pequeno e mais difícil em contextos de maior escala como é o caso de Lisboa. Nesse mesmo estudo também se concluiu que ainda é necessário fazerem-se melhorias significativas em diversos áreas relacionadas com a saúde, através de uma melhor prevenção e promoção de estilos de vida mais saudáveis por meio da actividade física, alimentação e no combate das desigualdades sociais, económicas e ambientais para com o idoso. Para além da carência de instalações de fisioterapia e exercício físico para pessoas idosas, o sector dos transportes públicos, estradas e segurança rodoviária, áreas públicas, como parques urbanos, são espaços de relevante importancia para a autonomia e qualidade de vida do individuo idoso que ainda necessitam de significativas melhorias ou processos de adaptação. Envelhecimento activo significa envelhecer com saúde e autonomia, tirar mais e não menos partido da vida à medida que se envelhece, tanto no trabalho, em casa ou na comunidade.

### Dados Significativos:

- Os problemas circulatorios constituíram a principal causa de morte na EU-27 em 2008.
- Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) por volta de 2025, pela primeira vez na história, haverá mais idosos do que crianças no planeta.

I.13 Questionário de opinião sobre áreas é necessário desenvolver melhorias para tornar a sua localidade mais "adequada a pessoas de idade".  
 N° de entrevistas UE-27: 26723  
 PT: 1204



I.14 Razões para a prática de desporto ou de uma actividade física na EU-27, Outubro 2009. (%)  
 Fonte: Comissão Europeia,

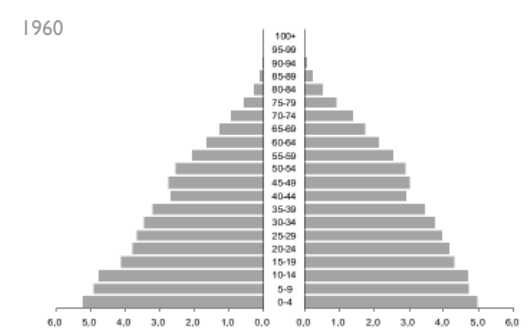
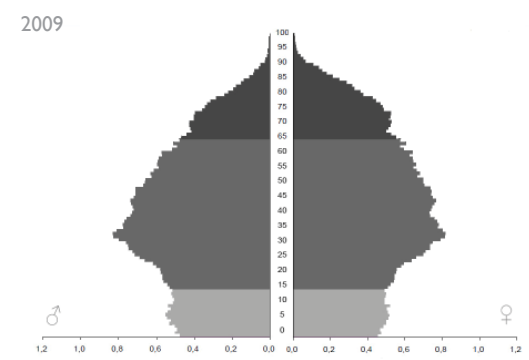
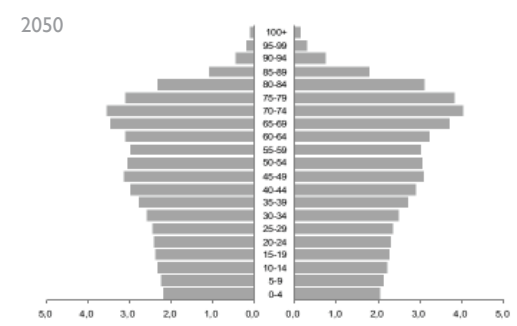
		Improve health	Improve fitness	Have fun	Relax	Improve physical appearance	Improve physical performance	Control weight	Be with friends	Counteract effects of ageing
Total	Aged 15+	61	41	31	39	24	24	24	22	15
	Aged 15-24	51	47	57	34	35	37	19	43	6
	Aged 25-39	56	42	40	45	27	26	24	28	9
	Aged 40-54	58	43	31	43	21	25	26	21	15
	Aged 55-69	64	41	22	37	13	21	23	17	24
	Aged 70+	67	34	22	35	8	16	15	13	28
Women	Aged 15-24	53	43	39	33	35	25	29	27	5
	Aged 25-39	62	40	28	42	34	22	29	18	9
	Aged 40-54	64	43	27	42	25	23	30	17	14
	Aged 55-69	67	40	23	35	14	21	24	19	26
	Aged 70+	68	36	22	30	11	19	15	15	29

Portugal, de acordo com os censos 2011, apresenta um quadro de envelhecimento demográfico bastante acentuado, com uma população idosa (pessoas com 65 e mais anos) de 19%, uma população jovem (pessoas com 14 e menos anos) de 14,9% e uma esperança média de vida à nascença de 79,2 anos. Prevê-se que se acentue em 2050 a tendência de afunilamento da base da pirâmide etária com 35,7% de pessoas com 65 e mais anos e 14,4% de crianças e jovens, apontando a longevidade para os 81 anos. Num espaço de sensivelmente um século Portugal passa de um país jovem para um país que se adivinha idoso, consequência dos países desenvolvidos, o que originará questões sociais delicadas que afectaram a economia e a qualidade de vida dos cidadãos. Como resposta a estes índices o governo português tem vindo a apresentar medidas que promovem o envelhecimento ativo também relacionadas com o ano 2012, simbolicamente promovido como o Ano europeu do envelhecimento ativo e da solidariedade entre gerações. Destaco o plano nacional para a saúde dos idosos que assenta em três dimensões: promoção do envelhecimento ativo; melhor adequação dos cuidados de saúde às pessoas idosas; e promoção de ambientes seguros e capacitadores de autonomia.

O envelhecimento demográfico e a imigração são simultaneamente os principais desafios e oportunidades que a sociedade portuguesa enfrenta e para os quais deverá encontrar respostas de modo a garantir a coesão social. “A velhice é uma consequência da longevidade humana e o envelhecimento demográfico um fenómeno social das sociedades ocidentais contemporâneas, incluindo a europeia. Prepara-se hoje, a velhice que se quer ter amanhã.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Citação do Programa Português de Acção 2012, do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações .AEEASG.



I.15 Pirâmide etária de Portugal, no sentido ascendente, nos anos 1960, 2009 e previsão para 2050.  
Fonte: INE.

## A Dimensão Social do Banho

O banho público e a prática termal surgem de um acto social em comunhão com um dos mais importantes elementos da natureza, a água. Não se pode perceber a sua importância e evolução sem a história do Mediterrâneo que durante milénios fora o ponto de confluência de tudo: homens, animais, viaturas, mercadorias, navios, ideias, religiões, profissões, rituais. Aqui nasceram, co-existiram e continuam a existir as mais influentes comunidades culturais, maneiras essenciais de pensar, de acreditar, de comer, de beber, de viver da humanidade. A Europa, o Norte de África e o Médio Oriente são territórios que testemunharam as duas mais ricas culturas termais, Império Romano e Otomano, onde o banho público teve um importante papel na vida social e quotidiana do homem. O banho público é original do período clássico helénico mas é no período romano que adquire significativa dimensão socio-recreativa, ocupando um espaço autónomo na cidade e atingindo uma escala social e arquitectónica de proporções monumentais e inaguardáveis. No contexto Otomano o espaço termal surge segundo os dogmas culturais islâmicos, diferenciando-se em diversos aspectos das termas romanas mas mantendo o carácter social e lúdico característico deste tipo de espaços.

A Alta Idade Média foi outro período termal rico, como comprovam as inúmeras representações em iluminuras e xilogravuras, no entanto as suas construções em madeira de carácter efémero e clandestino levaram ao seu desconhecimento nos dias de hoje.

Na representação do privado o banho assinala o espaço e o tempo da intimidade, uma área espacial e um tempo reservados ao íntimo, enquanto que o banho público ou as termas combinam no mesmo espaço dois mundos à partida distintos mas que juntos resultam numa harmoniosa experiência humana, o íntimo e o social como refere o renascentista Poggio: *“Creio verdadeiramente que estes lugares viram nascer o primeiro homem, estes lugares a que os judeus chamam o Éden; e são-no na verdade, o jardim da volúpia”*.<sup>1</sup>

O banho público ou a prática termal constitui também um ritual de reintegração na comunidade, hospitalidade e sociabilidade, para avaliar a sua verdadeira dimensão social é necessário compreender as suas áreas de influência das quais destaco três: religião, recreação e saúde.

I.16 Ilustração da provável aparência das termas de Caracala, Alain Malissard, 1994; I.17 Gravura *Sauna* de Marti Vuorenjuuvi, Otava, 1967; I.18 Representação *Banho em Louèche* de 1597.

<sup>1</sup> Poggio di Duccio, mais conhecido como Poggio Bracciolini (1380 – 1459) foi um dos mais importantes humanistas do Renascimento italiano. Citação retirada de *História da Vida Privada* de George Duby, página 596.



1.16  
1.17  
1.18



Uma civilização não se define apenas pela religião embora esta esteja no centro de todo o sistema cultural, é uma maneira de viver, são milhares de gestos que se repetem. Por isso cultura e religião são dois mundos intrinsecamente ligados e complementares que movem massas e moldam hábitos sociais.

No mundo mediterrânico nasceram três grandes civilizações e religiões da humanidade, a Crístidade, o Islã e o Ortodoxo grego. Todas elas adoptaram a água e o acto de “banhar-se” como simbolo purificador do corpo e da alma. O baptismo, ritual cristão, consiste no contacto com a água, mas que não consiste propriamente no acto banhar como acontece com o Mikveh Judeu, tanque onde o judeu imerge o corpo, provavelmente o exemplo mais fidegno da adopção da prática banhar associada ao acto religioso. A concentram de homens em cidades onde o Islão é a religião mãe acontece na mesquita e nos edificios que a rodeiam como medreses, bazares, hans e hammans. Antes de se entrar na mesquita descalçam-se e lavam-se os pés, porque está-se a pisar chão sagrado, e ao sagrado deve-se respeito, respeito através da água. Na Idade Média o banho público era uma prática usual mas clandestina e camuflada pela igreja e o poder régio talvez pela sua utilização de carácter pecaminoso. Para além do Mediterrânico existem outras práticas balneares relevantes em culturas e religiões de origem asiática como Xintoísmo no Japão, com os seus frequentados Onsens e os Sentôs.

A Crístidade não começa com Cristo, o Islão não começa no século VII com Maomé e o mundo ortodoxo não começa com a fundação de Constantinopla, em 330. Uma civilização é uma continuidade que , quando muda, mesmo tão profundamente quanto o pode implicar uma nova religião, integra valores antigos que sobrevivem através dela e permanecem como sua substância. Também a prática banhar permaneceu ao longo dos tempos, por hábitos culturais mas também por responsabilidade das entidades religiosas que a adoptaram como elemento simbólico purificador.

Ao longo do tempo foram gradualmente impostas normas que regulamentaram e modularam a prática do banho público por sexo, idade, temperamento, profissão e classe social, com mais ou menos restrições consoante o contexto sócio-cultural o exigia.

I.19 Sentô, banho público tradicional Japonês usual a partir da Idade Média até ao Período Meiji (1868-1912); I.20 Hammam de um comunidade Turca em Londres, 1870. (J. Pascal Sebah e Joaillier); I.21 Mikveh, banho integrado no ritual religioso do Judaísmo Ortodoxo.

*“O banho da alma*

*a cura termal  
convidar ao banho  
reconhecer-se sujo*

*despir-se  
apresentar-se nu perante Deus  
lavar os pés  
esfregar o corpo  
arranhar a pele  
fustigar-se com ramos*

*o roupão  
o banho de óleo  
o banho quotidiano  
o banho termal*

*agradecer ao mestre do banho*

*a purificação  
a revelação  
a confissão*

*renunciar aos vícios  
a vergonha  
a humildade  
escutar a confissão  
a penitência  
despertar ardor*

*a mortalha  
baptismo e extrema-unção  
a missa  
a conversão antes da morte*

*a acção de graças”<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Poema *A Água da Salvação* de Thomas Murner, retirado de *“História da vida privada- da França Feudal ao Renascimento”*, página 598, publicado em 1514. Thomas Murner humanista, teólogo católico, poeta e controversista alemão.



## Recreação

A prática termal é essencialmente uma actividade lúdica e é esta característica que justifica a sua exaltação social e arquitectónica em três principais períodos: Império Romano, Império Otomano e a Europa da Belle Époque, século XIX. O conjunto programático que envolvia as termas imperiais romanas, teatros, bibliotecas, ginásios, comércio, jardins, e os Caravanchas árabes reflectiam a ideia de recreio e lazer da prática termal como actividades complementares. Também o final do século XIX e início do século XX foi um período de crescente valorização da vida social e cultural na Europa através de movimentos como a Belle Époque determinantes no ressuscitar da moda termal. A frequência de casinos, teatros, hotéis, termas e passeios públicos faziam parte do quotidiano e do tempo livre do cidadão burguês. Nasceram as grandes estâncias termais da Europa de estilo Neoclássico e Arte Nouveau, refúgios naturais onde se podia usufruir de águas termais terapêuticas e passar férias de luxo. Neste período os franceses faziam o turismo de verão nas montanhas e nas cidades de águas e o turismo de inverno nas margens do Mediterrâneo.

Em Portugal esta moda surge com mais força no século XX, “*As caldas conciliam tudo: mudanças de ares, exercício, banhos, copinho, peregrinação, entretenimento, vita nova.*”<sup>1</sup> Apesar do vasto investimento em regiões onde a água tinha propriedades e abundância acrescida foi uma moda com curto prazo de vida, rapidamente substituída pelos banhos de praia. Nessa perspectiva o caso das termas do Estoril constituíram um interessante exemplo devido à sua situação geográfica, o litoral, conseguindo por tempo considerável aliar as duas tendências balneares. Juntamente com as Estâncias termais surgiam os luxuosos Palácios Hoteis, onde o turista termal descansava e usufruía de todo o programa lúdico a ele associado: salões de festas, restaurantes, piscina exterior, campo de golfe, autódromo, jardins, casino, entre outros. Autênticos cruzeiros ancorados em terra.

<sup>1</sup> Citação de Ramalho Ortigão em *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, 1875.

I.22 Pintura *O Banho Turco*, de Jean-Auguste Dominique Ingres, 1862; I.23 Ilustração Estoril Costa do Sol, século XX, o Parque e o Casino na zona central e lateralmente o Hotel e as Termas; I.24 Cartaz publicitário *Águas de Vidago*, Setembro de 1958.

I.22



I.23  
I.24



O ambiente de penumbra do espaço termal e a exposição do corpo nu são, entre outros factores, incitadores de envolvimentos íntimos de cariz sexual, como por exemplo as termas de Pompeia, famosas pelas representações explícitas do acto sexual pintadas no estuque das paredes interiores ou as representações dos banhos clandestinos da Idade Média, associados à luxúria e à gula. Também os sultões e emires observavam e partilhavam o hammam com as suas concubinas e Tellaks.<sup>2</sup>

Na Alta Idade Média os prazeres da água são largamente partilhados, faziam-se acompanhar por trovas, comida e bebida enquanto ouvia o saltimbanco.<sup>3</sup> A sauna era uma alternativa ao banho comum, muito conhecida no mundo eslavo e germânico. Banho e sauna são lugares de descanso, onde se limpa o corpo, onde também é possível a cada um conversar, recompor-se, divertir-se.

Em *História da Vida Privada* encontra-se uma breve descrição de Siegfried Helbling sobre a rotina do banhista da Idade Média: *”Logo que o mestre de banho faz soar a trompa, as pessoas afluem, pés nus e sem cinto, camisa de banho ou roupão no braço; deitam-se em bancos de madeira, na obscuridade do vapor, à volta das pedras aquecidas regularmente regadas, deixam-se massajar nas costas, nos braços e nas pernas por massagistas, pancadas com ramos activam a sudorese e o corpo é esfregado com cinzas e sabão; vem em seguida o cabeleireiro, que rectifica a barba e os cabelos; enfia-se por fim o roupão para se ir repousar num quarto vizinho. (...) o “Muitas vezes é na água que se tomam as refeições, pagando com a marca da entrada, estando as mesas postas na água (...)”.*<sup>4</sup>

<sup>2</sup>Tellak é o assistente masculino do banho turco, que lava, massaja e entretém o banhista. As assistentes femininas chamavam-se Natir.

<sup>3</sup> Saltimbanco: o que entretém o público, o acrobata, o bobo da corte.

<sup>4</sup> Procedimento do banho na idade média descrito pelo Austriaco Siegfried Helbling, século XIII. A *História da Vida Privada*, página 596.



1.25



1.26  
1.27



Podemos entender por saúde o estado de bem estar físico, mental e/ou social. O bem estar é um conceito desde muito cedo associado à prática termal, não só pelas propriedades curativas de algumas águas mas também pelos tratamentos corporais desenvolvidos à base da massagem, da fisioterapia e o todo o contexto recreativo que ajudam ao relaxamento do corpo e da mente. O hammam por exemplo constitui um género termal específico das populações muçulmanas que foge aos padrões mais identitários do termalismo pela ausência do tanque de água, ou seja, a imersão do corpo na água. É uma forma de bem estar mais passiva através do aquecimento gradual dos espaços e da esfoliação e massajamento do corpo já anteriormente utilizados nas termas romanas mas apenas como serviços complementares ao banho. Spa é o conceito termal contemporâneo que consiste sobretudo em tratamentos de wellness, um pouco à semelhança do hammam, conjugado com tratamentos sobretudo de ordem estética.

O termalismo do século XIX auxiliado ao desenvolvimento tecnológico da medicina deram origem à hidroterapia, área importante da medicina natural, que se baseia na ingestão, imersão, pressão e temperatura da água sob o corpo. Transformou-se numa importante alternativa terapêutica para pessoas com problemas motores, cardiovasculares e respiratórios à fisioterapia convencional, ideal em processos de reabilitação física. A hidroginástica é uma actividade física de carácter preventivo e de manutenção corporal igualmente importante para a saúde do indivíduo, melhora significativamente o equilíbrio e a coordenação motora, ideal para o conceito de envelhecimento activo. Estas actividades aquáticas são sobretudo apropriadas na reabilitação de idosos, permitindo o atendimento de grupos, facilitando a recreação e sociabilidade. Promovem um estilo de vida mais saudável e ajudam no processo de auto-estima do indivíduo.

“No caso específico do idoso e da hidroterapia, parece que o que realmente afecta o comportamento do idoso, aumentando sua autoestima e confiança, é a sensação de ausência de peso e dor, o domínio de um meio diferente ou nunca experimentado anteriormente e a melhora física”.<sup>1</sup>

I.28 *Massage, Bath Scene*, 1883, Edouard Depat Ponsan; I.29 Banho Turco, Jermyn Street Londres, 1951. (Maurice Ambler); I.30 Banho Vichy, nas Termas Reais na cidade Harrogate, Inglaterra, 1950. I.31 Kneipp Cure, um ramo da hidroterapia desenvolvido no século XIX, 1900; I.32 Piscina para fisioterapia, Termas de Harrogate, data por volta de 1950; I.33 Hidroterapia nas Termas do Luso, piscina de estilo Art Nouveau, projectada por Gustave Eiffel em 1893.

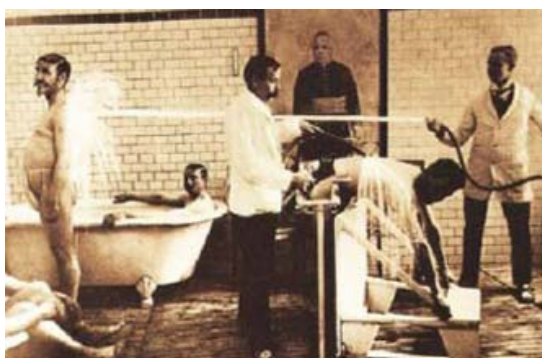
<sup>1</sup> Citação do artigo: *Fundamentos da Hidroterapia para Idosos* de Fátima Caromano e Júlia Candeloro.



I.28  
I.29  
I.30



I.31  
I.32  
I.33





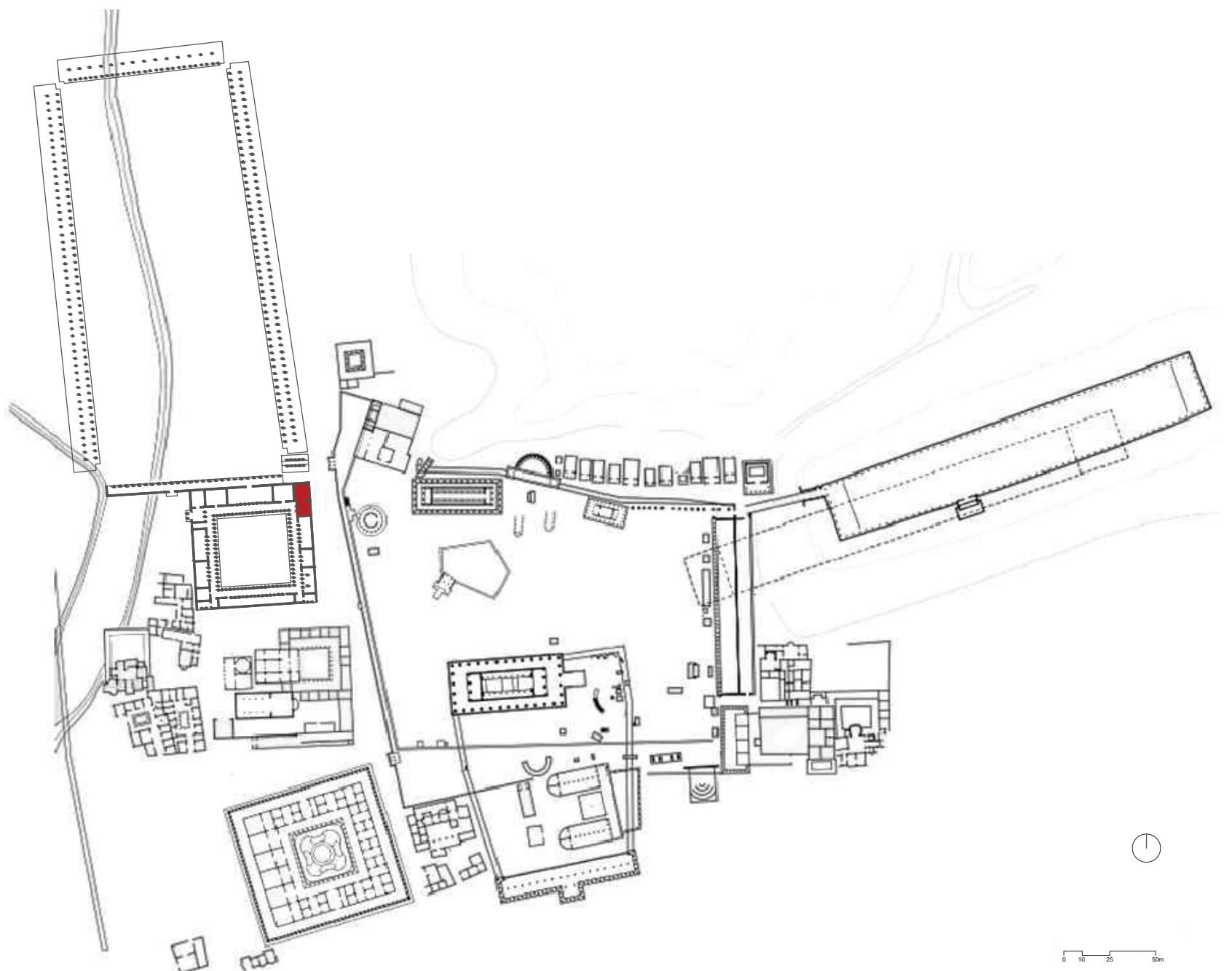


## MORFOLOGIA DA PAISAGEM TERMAL

As termas constituem um importante fenómeno de urbanização que valoriza a harmonia e integração com a paisagem envolvente seja esta de carácter urbano ou rural. A prática termal e suas actividades complementares contribuíram para o desenvolvimento de aglomerados populacionais constituído nalguns casos a fonte catalisadora da sua de origem, factor particularmente determinante na essência do termalismo português e do século XIX-XX.

Como é sabido a prática de desporto fazia parte da filosofia de vida de qualquer cidadão grego, que nos deixaram um património arquitectónico riquíssimo nesta matéria, testemunhos físicos de um estilo vida. Integrados nos complexos desportivos, como no caso de Olympia, surgem, ainda que de forma tímida, os primeiros banhos/balneários no espaço da palestra, edifício do período helénico característico pelo o seu amplo pátio interior onde se realizavam exercícios físicos e intelectuais. Aqui o banho constituía a última etapa do exercício físico, limpeza do corpo e relaxamento, e organizava-se em três principais espaços: frigidarium, tepidarium e caldarium. Foi a partir do traçado arquitectónico do edifício da palestra e das etapas do banho grego que se lançaram as bases para a que viria a ser a mais marcante e monumental arquitectura termal da antiguidade, as termas romanas. Podemos concluir que as influências bases do espaço termal do ocidente remontam aos complexos desportivos helénicos, portanto intrinsecamente associado à actividade física, como poderemos verificar na arquitectura termal dos períodos posteriores.

A elaboração deste capítulo consiste numa análise de diversos casos de estudos com significativa importância no panorama da arquitectura termal, com o objectivo de compreender de que forma é que se relacionam e transformaram a paisagem ao longo do tempo e em contextos geográficos e sociais diferentes. Como fios condutores desta análise foram utilizadas duas premissas principais, a ordem cronológica e contexto geográfico, que determinaram à partida cerca de oito géneros tipológicos distintos.

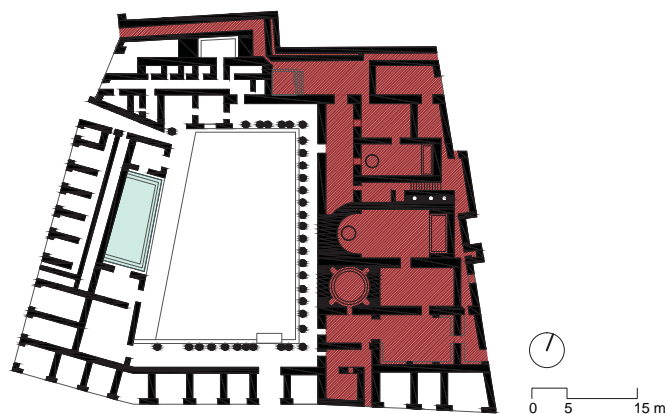


1/1. Planta de Olímpia, com a localização das termas no edifício da Palestra.

## Termas Quarteirão contexto urbano

Apesar de toda a transformação tipológica pela qual o espaço termal sofreu, as matrizes base de herança grega, do frigidarium, tepidarium, caldarium e da palestra mantiveram-se. Os vestígios arqueológicos que chegaram até hoje testemunham que num período inicial da formação do império romano as termas em contextos urbanos eram edifícios que se encontravam dispersos e integrados na malha urbana de forma camuflada. Ocupando metade de um quarteirão e ladeada por lojas as termas estabianas de Pompeia constituem um dos melhores exemplo desta tipologia termal onde é bastante perceptível a herança organizacional do espaço desportivo grego, a palestra, que aqui apresenta uma área semelhante à área ocupada pelos banhos. Apesar do aparente encerramento do edifício em torno do pátio interior da palestra as termas estabianas demonstram uma orgânica permeabilidade com as vias de comunicação da cidade através dos seus oito acessos, reflectindo um forte intuito funcional deste tipo de equipamento. O modelo organizacional das termas estabianas constituído por três principais zonas, palestra, banhos e comércio, foi o modelo que serviu de referência base para estes espaços e por isso o mais repetido no início do Império.

Na cidade romana de Timgad, construída muito posteriormente a Pompeia, é possível identificar na geometria ortogonal rígida das cidades imperiais, do *Cardo* e *Decumano*, as termas quarteirão que tal como os restantes edifícios públicos ajustavam-se à métrica da malha urbana e apresentam identidade própria. Nas periferias do núcleo central e administrativa da cidade cresciam as grandes termas imperiais do final do Império.

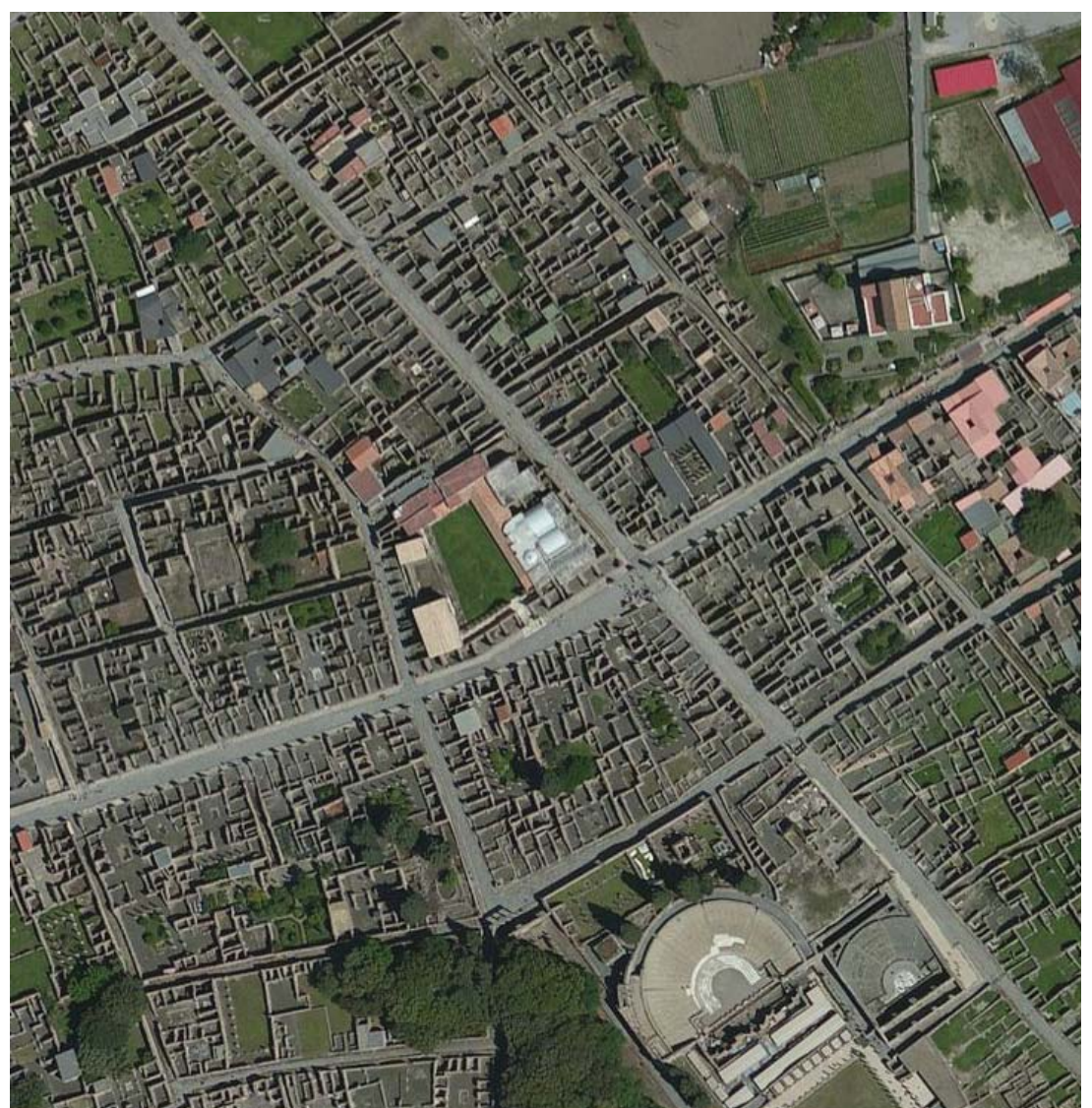


I/1.2 Planta termas estabianas de Pompeia do século I d.C.



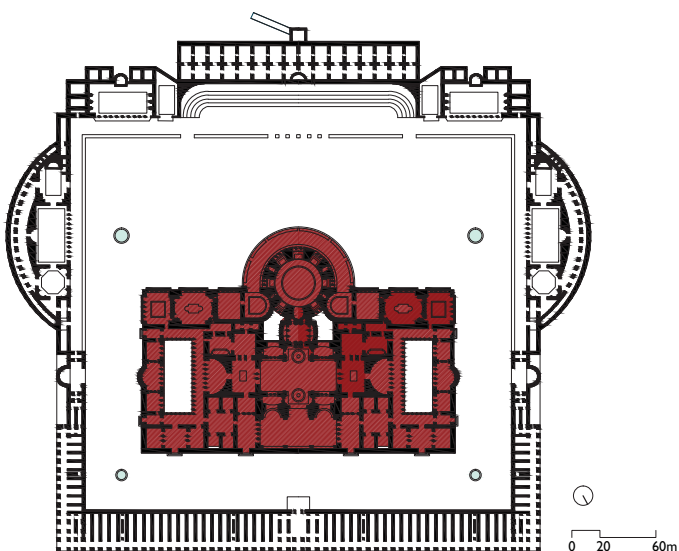


I/1.3 Fotografia aérea Timgad, ano 110 d.C., com a identificação das termas.



I/1.4 Ortofotomapa Pompeia. Termas Estabianas.



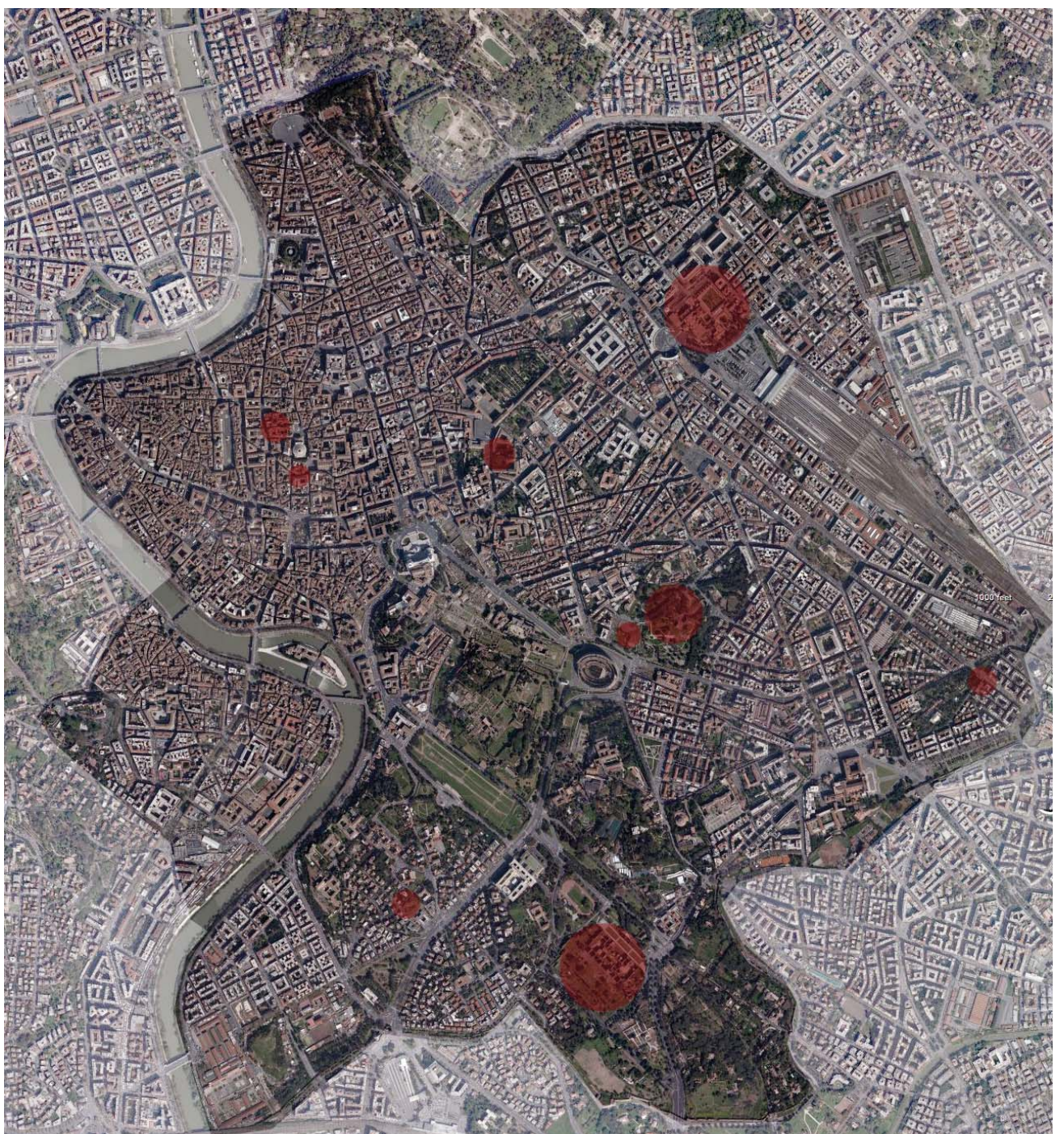


Territórios como a cidade de Roma, centros de poder de um império, são testemunhos físicos incontornáveis do percurso evolutivo de uma civilização, permitem uma leitura global de todo o processo metamorfose pelo qual o modelo termal passou, desde do modelo estabiano, à tipologia alinear, mais comum em contextos rurais, até à monumental tipologia imperial.

Tal como acontecia na cidade de Timgad as monumentais termas imperiais, edificações proporcionais ao poder que representam, situavam-se nas periferias da cidade como é o caso das termas de Caracala e Diocleciano. As termas de Caracala constituem a última etapa do modelo termal do Império Romano do Ocidente mais bem conservada que chegou aos dias de hoje, e que reflecte a verdadeira dimensão e impacto que esta prática teria na vida social romana. A adição de um novo edifício circundante que agregava múltiplos equipamentos de ordem cultural, desportiva, comercial e técnica, transformou as termas em importantes núcleos culturais e lúdicos da cidade. Esta cintura era composta por uma loggia de dois pisos de lojas que encerrava o perímetro termal e resguardava o edifício dos banhos do vento Setentrional e Aquilão, regulamentado por Vitruvius no tratado de *Arquitectura* para este género de equipamentos. A separar os dois edifícios do complexo estava um extenso jardim, um espaço verde de recreio e lazer importante na densamente construída cidade de Roma. Podemos verificar que a disposição das três principais áreas do modelo estabiano mantêm-se e relacionam-se de forma muito semelhante nas termas de Caracala com a zona dos banhos a ocuparem duas laterais perpendiculares do edifício, a zona da palestra e respectivas salas de apoio a ocuparem o outro extremo/centro do edifício e a galeria comercial a contornar a fachada exterior do complexo. Apesar da base organizativa ser a mesma existem alterações significativas em relação ao modelo anterior como: o espaço reservado aos banhos passou a ser comum aos dois sexos, a duplicação simétrica do espaço termal, menor número de acessos e permeabilidade com a malha urbana e a orientação do edifício termal que passa de sudeste/noroeste para nordeste/sudoeste.

I/1.5 Planta das termas imperiais de Caracala, ano 216 d.C.





I/1.6 Ortofotomapa de Roma, com o limite da muralha Aureliana (271-275) representado e identificação das principais termas.



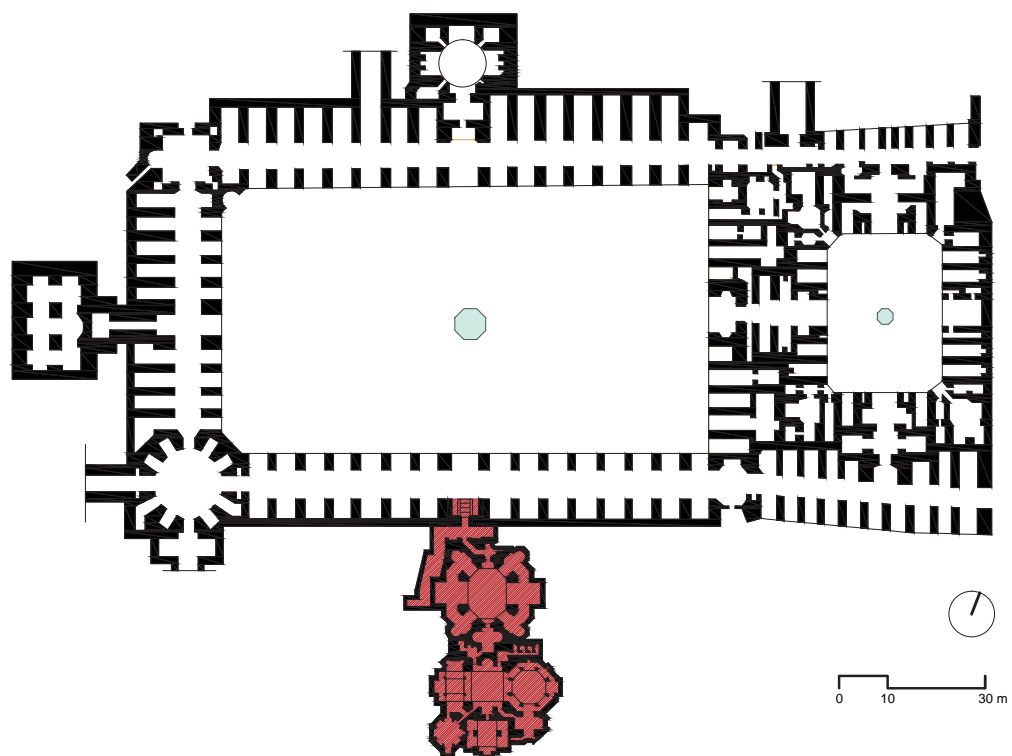
## Hammam contexto urbano

Tal como acontecera no império anterior a civilização dominadora impoem a sua cultura ao povos convertidos, o império otomano não foi excepção e reflecte-se na construção de mesquitas, hammans e outros hábitos culturais deixados por todo o território por onde passou, desde do Médio Oriente, norte de África até à Península Ibérica.

O hammam consiste numa tradição termal de herança bizantina adoptada pelo império otomano e que atingiu proporções significativas na sociedade muçulmana. O processo de adopção consistiu na transformação do espaço termal segundo as leis do Islão que implicou a passagem da simetria do banho romano para a assimetria do banho otomano e a simplificação arquitectónica e programática restrita apenas às etapas termais: o vestiário/frigidarium, o tepidarium, o caldarium e a zona técnica dos fornos (preafurnium/hiposcaustus). Independente de serem públicas ou privadas as termas muçulmanas são espaços que geralmente estão fisicamente agregados a outras edificações com as quais estabelecem uma relação ou estão associados. As dimensões relativamente modestas das termas árabes e a introspecção do espaço arquitectónico facilitou a introdução e disseminação deste equipamento na malha urbana das cidades árabes, muitas vezes integrados de forma quase imperceptível ao observador.

O hammam Ganj Ali Khan, situado na cidade de Kerman no Irão, constitui um interessante exemplo da integração do espaço balnear em importantes contextos culturais e comerciais da sociedade muçulmana, os caravançarás. Este são edifícios de planta quadrangular ou rectangular em torno de uma generosa praça que se destina à recepção e abastecimento de viajantes e comerciantes e onde acontecem cerimónias de índole governamental. Normalmente anexo a estes edifícios encontram-se bazares, mesquitas, medresas, hammans e palácios. O hammam de Ganj Ali Khan foi construído posteriormente ao restante complexo, num período mais tardio da dinastia Safavíd<sup>1</sup>, no século XVII, o que explica a diferença na métrica e a complexidade tipológica e ornamental dos espaços, que contrapõe com a referencial simplicidade e ausência decorativa do hammam otomano. O acesso ao hammam faz-se através do bazar de forma labirintica e descendente devido à sua implantação semi-enterrada como é habitual acontecer nos banhos árabes.

<sup>1</sup> Safavíd foi uma dinastia xiíta iraniana que governou a Pérsia desde 1502 até 1722 formada por povos étnicos originários do azerbaijão de uma região que incluía partes adjacentes do Irã, Iraque, Síria, Turquia, Arménia e Geórgia



I/1.7 Planta do núcleo principal de Ganj Ali Khan, composto por um caravansará, bazar, hammam, mesquita, uma escola e um reservatório de água.

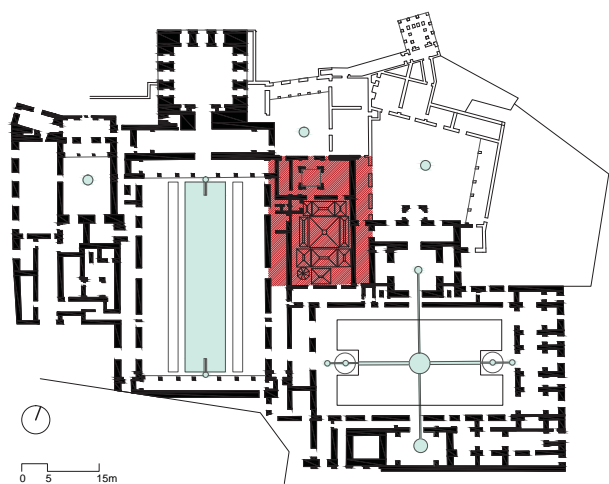


I/1.8 Ortofotomapa do complexo Ganj Ali Khan em Kerman, Irão, século XVII.

## Hammam contexto palatino

Os palácios árabes constituem importantes exemplares do hammam em contextos privado dos quais destaco dois exemplos incontornáveis da arquitetura muçulmana que apesar da distância geográfica e temporal apresentam características no seu enquadramento físico muito semelhantes: o palácio de Topkapi em Istanbul e Alhambra em Granada. Ambos ocupam extremos e saliências topográficas de um aglomerado urbano próximos de importantes cursos de água, o rio Bósforo e o rio Darro, recurso de extrema importância para o árabe tendo em conta as suas origens desérticas. Estes complexos palatinos também constituíam importantes espaços verdes e jardins na densa malha construída das respectivas urbes.

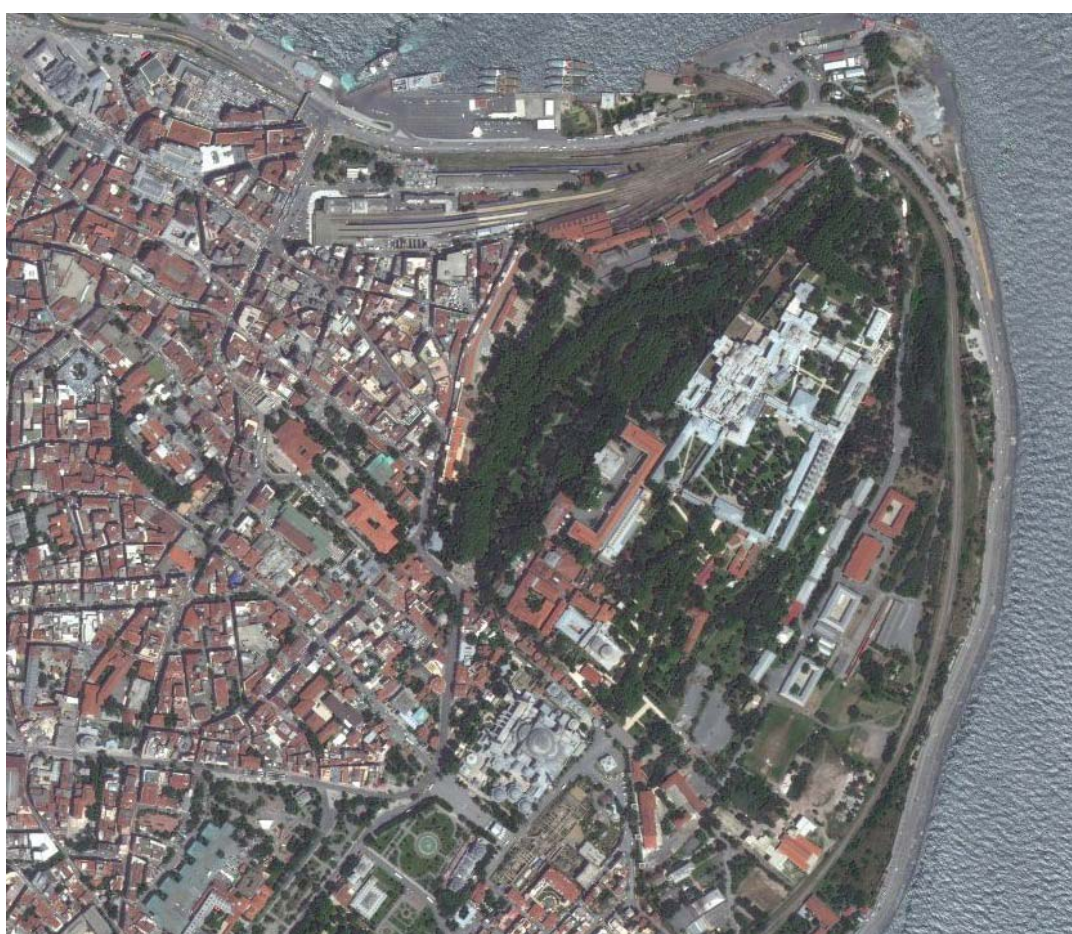
Alhambra é o nome atribuído à cidadela árabe que surgiu na colina de la Sabika em 1232, composta por palácios, residências de emires, jardins paradisíacos, medina, mesquita e hammamat. O abastecimento de água chegava por dois canais de irrigação que recolhiam água no cimo do rio Darro, passando pelo Generalife e unindo-se no extremo este da Alcáçova, na torre de água, onde era distribuída por apenas um canal com ramificações que percorriam todos os espaços de Alhambra até ao extremo Oeste. No entanto a água destinada aos banhos, que necessitavam de um fluxo considerável, era normalmente reforçada com o abastecimento de cisternas (al khubb) e rodas hidráulicas que facilitavam a elevação do nível da água. Os 11 hammamat identificados eram na sua maioria de carácter privado, pertenciam a palácios e residências senhoriais, apenas três deles foram identificados como públicos curiosamente dois dos quais implantados junto à Calle Real, esta que vinha no seguimento da praça da mesquita, entidade islâmica responsável pelos edifícios públicos. Os hammamat de Alhambra correspondem a um padrão construtivo, tipológico e decorativo tardio, desenvolvido só a partir do século XI na Península Ibérica. O Hammam do Palácio de Comares, um dos mais emblemáticos e bem conservados hammamat da Dinastia Nasrid, desenvolve-se em dois pisos em que o acesso fazia-se pelo piso superior, à cota do pátio dos Comares e o pátio de Daraxa, enquanto que a zona reservada aos banhos encontra-se num piso inferior enterrado à mesma cota do pátio de La Reja.



I/1.9 Planta palácio Comares, Alhambra, com hammam identificado a vermelho.

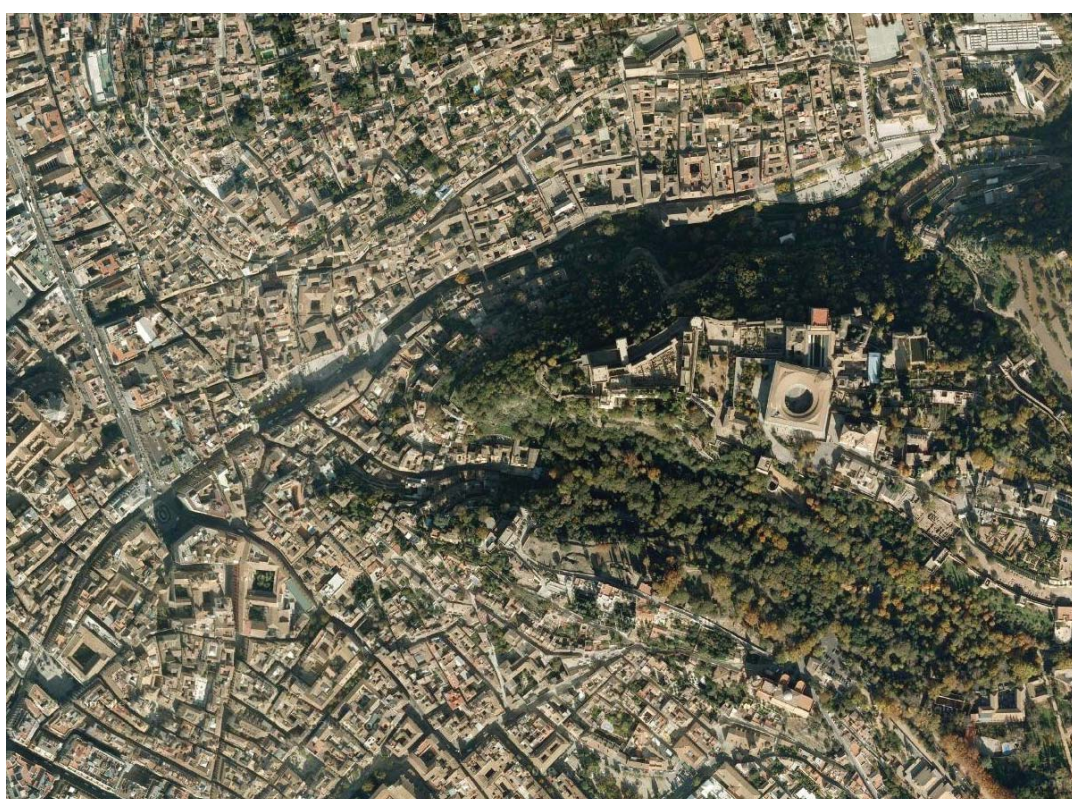


I/1.10 Ortofotomapa palácio Topkapi 1465-1856, Istambul.



I/1.11 Ortofotomapa Alhambra, século XIII e XIV, Granada.

A Dinastia Nasrid constitui o último reinado muçulmano em território Europeu, responsável pelo rico e ímpar património islâmico deixado na Península Ibérica. Instalou-se na zona da actual Andaluzia em 1232 mas foi na colina de La Sabika da cidade de Granada que se fixou e construiu o seu Oásis.





Hamam do Palácio de Comares, Sultão Yusuf I - Século XIV.

Hamam da residência de Muhammad I, Alcazaba - Século XIII.

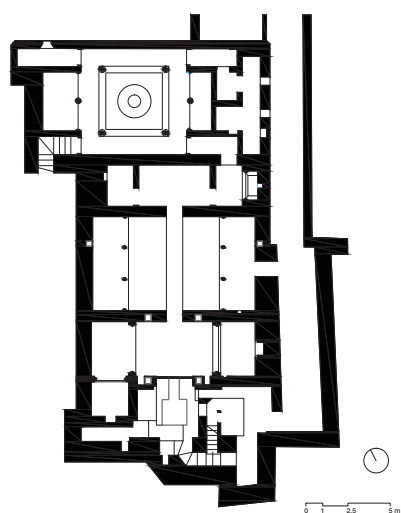


Hamam da Alcazaba, Muhammad I - século XIII. (Público)

Hamam da residência do Polinário, de Muhammad III - Início do Século XIV.

Hamam nº 51 da Avenida Real. (Público)

H  
M  
R



Este apresenta um padrão de paralelidade do espaços em formato rectangular muito característico nos hammans em contexto ibérico, tal como a decoração multicolor do revestimento em estuque e azulejo que se contrapunha ao despido hamman Otomano. Também o espaço do tepidarium apresenta dimensões invulgares o que revela uma evolução da importância dos espaços intermédios do hamman.

I/1.12 Planta do piso inferior do Hamam do Palácio de Comares, Alhambra; I/1.13 Ortofotomapas Alhambra.



Hamam do palácio do Partal Alto, de Muhammad II - finais do século XIII.

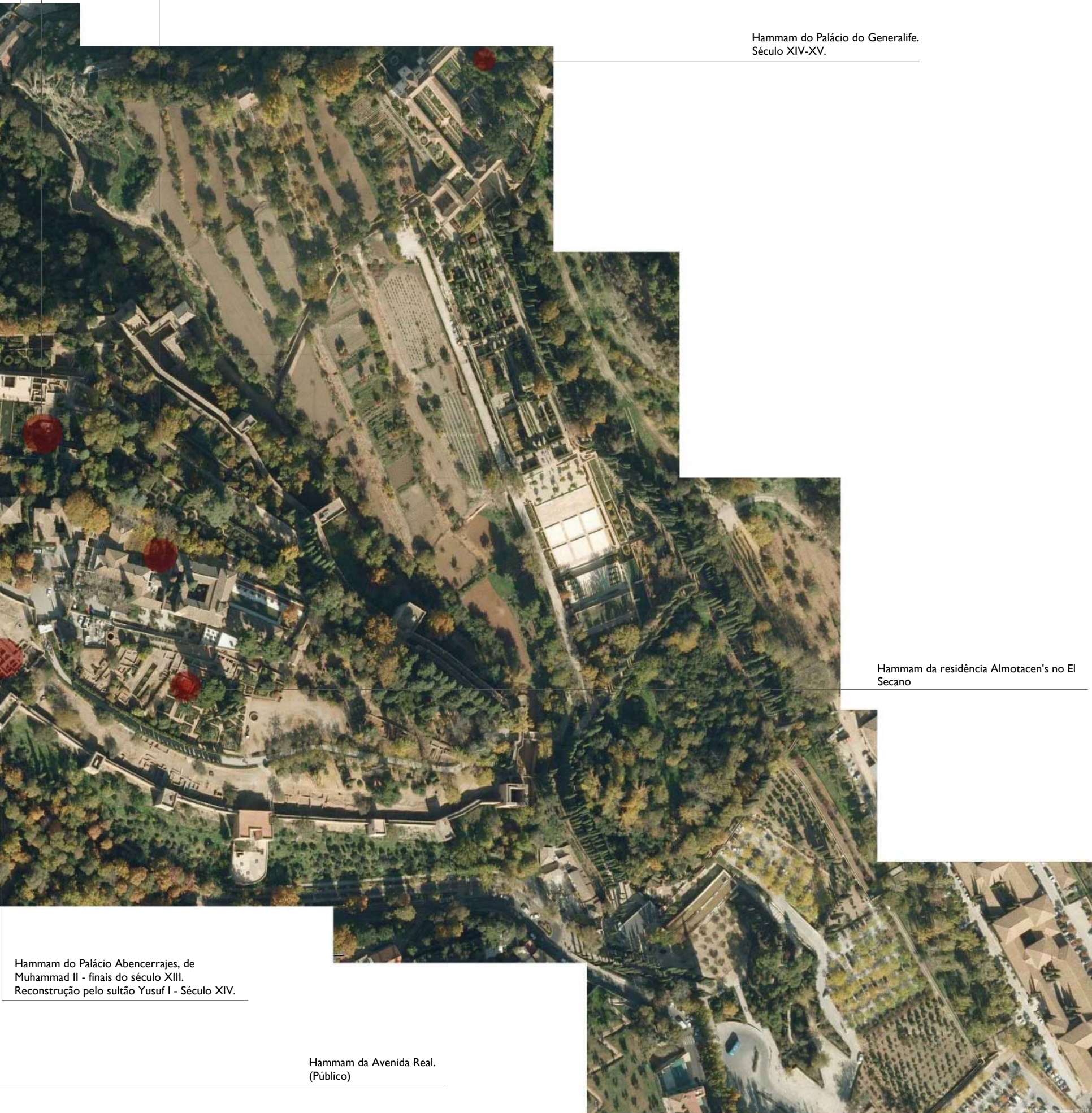
Hamam do Palácio Covento São Francisco - Início do século XIV.

Hamam do Palácio do Generalife. Século XIV-XV.

Hamam da residência Almotacen's no El Secano

Hamam do Palácio Abencerrajes, de Muhammad II - finais do século XIII. Reconstrução pelo sultão Yusuf I - Século XIV.

Hamam da Avenida Real. (Público)





#### Parque Termal contexto urbano

Existe um grupo específico de cidades termais onde a actividade termal é o motivo da sua génese ou porque ocupam uma parcela significativa da actividade turística e económica da cidade. Termas que funcionam através de fontes termais naturais locais em contextos urbanos têm que assegurar a continuação da sua fonte e isso implica preservar o meio natural que nela interfere, o que explica que a sua localização coincida com as principais massas verdes da cidade. Para além disso o parque constitui uma etapa essencial da cura termal, lazer; ao mesmo tempo que funciona como barreira ao desassossego e à poluição da paisagem. No caso Vichy e Caldas da Rainha o espaço termal foi o elemento impulsionador de tecido urbano, o que significa que a área correspondente ao parque constitui o epicentro do desenvolvimento da urbanização. No interior do parque ou nos limites do mesmo encontram-se todos os equipamentos associados ao programa termal, desde do edifício termal propriamente dito até aos hotéis, restaurantes, ginásios e os tranquilos passeios pelo parque. Outra característica em comum nestes três casos é a proximidade com a linha férrea.

Vichy constituiu uma importante referência para a moda do termalismo do século XX, rica em fontes termais que se encontram nos seus 140 hectares de parque em ambas as margens do rio Allier na zona poente da cidade edificada. Em Budapeste, capital da Húngria, a exploração das águas termais é conhecida desde do tempo dos Impérios romano e otomano, tendo alguns exemplares arquitectónicos sobrevivido até aos dias de hoje como o hammam Rudas e Király. A abundância de água é tanta que aqui se encontram as maiores piscinas termais da Europa, as termas de Széchenyi que se encontram no parque central da cidade. Nas Caldas da Rainha nasceu o primeiro hospital termal, fundado em 1485 pela rainha D. Leonor e expandido por D. João V órgão propulsor da vida e desenvolvimento local. Actualmente o parque termal encontra-se na zona nascente da cidade, composto pela mata D. Leonor e o parque D. Carlos I, factor que obrigou a vila a crescer nas outras direcções como se verifica. Como as Caldas da Rainha existem muitos outros exemplos de termalismo associado à corte portuguesa, principal entidade que nos deixou um vasto património nesta matéria após o período romano e até ao final da monarquia, século XX.



I/1.14 Ortofotomapa da vila termal Vichy, França.



I/1.15 Estes famosos banhos foram construídos quando a política do banho público foi implementada em Budapeste (1912-1918). Os banhos formam um complex único juntamente com o Hotel Gellért. Városliget parque.



I/1.16 Ortofotomapa parque termal Caldas da Rainha, ocupa a zona nascente da vila.





Nos finais do século XX surge uma nova tipologia termal que consiste na construção do espaço termal através do processo de escavação (subtracção) e modelação da paisagem natural que a técnica e sabedoria dos tempos também possibilitaram. A sintonia com a natureza e a ideia de refúgio que as estâncias termais do século XIX e XX exploraram teve continuidade mas de forma menos intrentiva, ou seja, sem que haja uma alteração da flora da paisagem valorizando as pré-existências do local. Também deixa de existir um delimitado perímetro do parque termal para passar a haver um espécie de permeabilidade natural entre paisagem, parque e os edifícios que se encontram camuflados na paisagem. A topografia do local e o carácter da paisagem envolvente são aspectos fundamentais neste novo conceito e que apesar de não ser uma excepção às arquitecturas termais é nelas onde encontramos uma maior veracidade e harmonia entre edifício e paisagem, intensificado pela partilha de um elemento em comum, a água. A geologia do lugar e o material escolhido também são factores igualmente importantes, este determina através da sua cor, textura e temperatura a boa comunicação entre a paisagem e o construído. *“Montanha, pedra, água, construir em pedra. construir com pedra, construir na montanha”*.<sup>1</sup> A luz aliada ao processo de escavação recria o efeito “gruta”, onde os contrastes luz e sombra se intensificam. *“um espaço interno continuo, como um sistema de cavernas geométricas, que serpenteia através da estrutura dos banhos de grandes blocos de pedra, crescendo em tamanho à medida que se afasta das cavernas estreitas da montanha em direcção á luz do dia”*<sup>2</sup>.

Próximos ou inseridos em pequenas localidades, como é o caso de Blumau e Vals, estas arquitecturas vêm perpetuar o estado natural e a subsistência destes povoados do interior muitas vezes ameaçados e abafados pela ecónomia e expansão dos grandes núcleos urbanos.

<sup>1</sup> Müller, Lars; Zumthor, Peter - Idem à nota 2. p.156

<sup>2</sup> Müller, Lars; Zumthor, Peter - Idem à nota 2. p.156





I/I.18 Rogner Bad Blumau, Styria, Austria.  
Projecto do Arquitecto Friedensreich Hundertwasser, 1997.



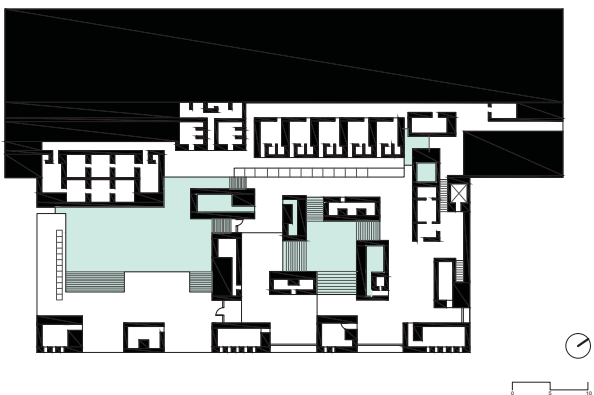
I/I.19 Termas de Vals, Suíça, do Arquitecto Peter Zumthor, 1996.





Até ao século XX as termas justificavam a presença do hotel para auxiliar a prática termal, a partir dos anos 90 começam a surgir casos inversos onde o espaço hoteleiro passa a justificar programas de wellness associados à prática termal também designados como Spas, ou seja, espaços que não têm necessariamente de usufruir de águas naturalmente quentes e com características terapêuticas. Este novo conceito baseia-se numa utilização mais lúdica do espaço da água numa componente mais direccionada para a estética e os prazeres do corpo.

Vals e Vidago são dois projectos que apresentam circunstâncias e propõem soluções muito semelhantes. Ambos foram construídos para servir um espaço hoteleiro já existente e apesar do aparente distanciamento do edifício hotel mantêm comunicação interna, através de um “cordão umbilical”. O contraste arquitectónico entre o edifício dormitório e o novo edifício termal não deixa de ser evidente, representam estilos distintos próprios do tempo que os separa, no entanto estes novos edifícios valorizam o sentido de pertença ao lugar através da implantação topográfica e dos materiais. Nas termas de Vals o arquitecto preocupa-se mais com a integração das termas na paisagem do que propriamente na relação arquitectónica com o complexo hoteleiro dos anos 60, sendo que a única relação que mantêm é na proximidade e no acesso subterrâneo. No Spa de Vidago encontramos uma dupla preocupação na integração do novo edifício termal pelas mais evidentes pré-existências do local, não só em relação à fisionomia da paisagem natural mas também com o hotel que possui uma presença esmagadora no espaço. Para além da assumida ligação física com o hotel é também adoptado o mesmo “tom de pele” do monumental hotel.



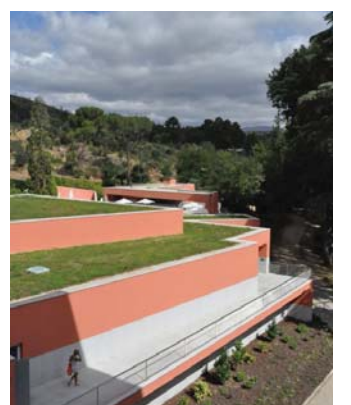
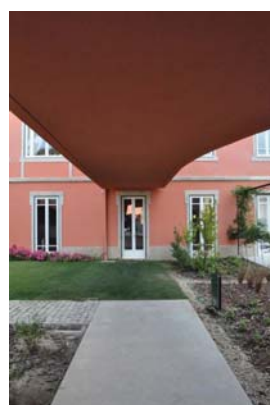
1/1.20 Planta de cima das Termas de Vals, Suíça. Arquitecto Peter Zumthor, 1996.

1/1.21 Fotografia Hotel e Termas de Vals, arquitecto Peter Zumthor; 1/1.22 Piscina exterior das termas de Vals, relação pedra paisagem. 1/1.23 Vista aérea do Palace Hotel e Spa de Vidago, este ultimo da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira; 1/2.24 “Ponte”/acesso entre o edifício novo do Spa e o Palace Hotel de Vidago; 1/2.25 Vista lateral do Spa com as suas coberturas ajardinadas.

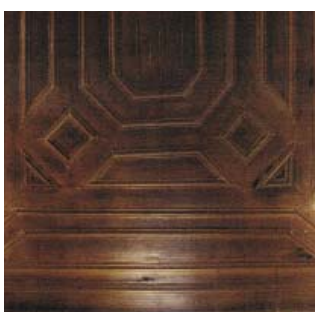
V.I.21  
V.I.22



V.I.23  
V.I.24  
V.I.25



## MATERIALIDADES



1/2.1

1/2.1 De cima para baixo: parede de tijolo de burro emparelhada (Opus Testaceum), Mármore azul, pedra muito utilizada nos hammans otomanos, revestimento de tecto em madeira da sala do apodyterium do hammam Tahtaminare, Istanbul.

1/2.2 Hipocaustum das termas de Bath, Inglaterra; 1/2.3 Pedra de Mármore do Cagaluglo Hammam; 1/2.4 Onsen Tsurunoyu, Japão; 1/2.5 Buvette das termas de Vichy.

Com a evolução da industrialização, sobretudo nos países ocidentais ou desenvolvidos, os métodos tradicionais de construção e os próprios materiais foram substituídos por materiais pré-fabricados, estandardizáveis e economicamente mais viáveis, aplicáveis indiferentemente à função específica de cada edifício o que também pode comprometer a identidade do espaço.

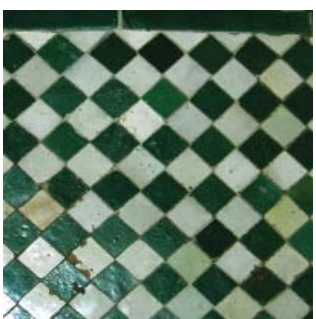
Na história da arquitectura os materiais estruturais base são: o tijolo, a pedra, a madeira, o betão e o ferro, e podemos encontra-los em todos os géneros de edifícios incluindo as termas, sendo que a sua maior ou menor utilização depende de diversos factores e contextos: culturais, geográficos, tecnológicos, temporais e programáticos.

Foi através do tijolo de burro juntamente com o betão e o cimento que se construíam as termas romanas e hammans, no entanto o tijolo ganhava mais visibilidade e importância nas áreas técnicas devido à inexistência de revestimentos e em pela exigência térmica sobretudo na área do hipocaustum, primeiro sistema de pavimentos radiantes. A pedra mármore é um material muito aplicado no espaço termal, em colunas de suporte e como revestimento, resistente à humidade, à mudança de temperatura e bom na transmissão de calor. É no hammam otomano que este material ganha um protagonismo particular e único, envolvendo os interiores, pavimentos e paredes, quase total do espaço que reflecte de forma eficaz a pouca luz que entra pelas abóbadas, e pela característica mesa de mármore quente onde se relaxa e se fazem as massagens. A madeira foi muito utilizada como revestimentos, escadas e outros promenores nas termas e hotéis das estâncias termais da Europa e nos tectos e compartimentos das sala do vestiário do hammam. Na arquitectura tradicional do oriente a madeira tem um papel global, desde da estrutura aos revestimentos, reflectindo-se nos típicos banhos termais japoneses, onsens e sentôs. No período da Belle époque e da Arte Nouveau o ferro surge como elemento estrutural de preferencial nalgumas estâncias termais dos séculos XIX e XX acompanhado por outros materiais com particular destaque no parque termal em Vichy. Com o ferro e o vidro o espaço termal adquiriu uma maior abertura, dimensão e ligação com o exterior. Actualmente o betão e o betão armado são os materiais estruturais de eleição do século XX e XXI onde as arquitecturas termais não são excepção.



V/2.2  
V/2.3  
V/2.4  
V/2.5





1/2.6

A exploração ornamental e decorativa do espaço termal foi marcada por dois períodos específicos: Império Romano e as últimas dinastias de origem Otomana.

A pedra mármore e o mosaico eram os materiais mais utilizados na ornamentação interior das termas romanas imperiais, o mármore encontrava-se sobretudo nos espaços cobertos enquanto que o mosaico ocupava os pavimentos exteriores como por exemplo nas palestras. O mosaico romano era composto por tesselas, pequenos fragmentos com variados tipos de pedra com cerca de 2cm x 2cm, que formavam complexos trabalhos artísticos com os mais diversos motivos e representações que mais tarde viriam a inspirar o aparecimento da calçada á portuguesa.

As últimas dinastias islâmicas da península ibérica (mourões) e de alguns povos do Médio Oriente como os Safavidas apresentavam uma complexidade arquitectónica que se reflectia entre outros aspectos na ornamentação dos espaços incluindo o hammam. Estes hammamat eram decorados com mosaicos cerâmicos com as mais variadas formas geométricas e cores, com maior utilização do branco, azul, verde e amarelo, e por minuciosos trabalhos de pedra e estuque esculpido com motivos vegetalistas e arabescos por vezes pintados. Na arquitectura contemporânea o uso do azulejo em espaços relacionados com a água continua a ser muito frequente no revestimento de interiores tal como o mármore que para além de atribuírem qualidades espaciais caracterizadoras dos termas, através do brilho e da uniformidade, são materiais que lidam muito bem com ambiente húmidos.



## ATMOSFERAS DE LUZ

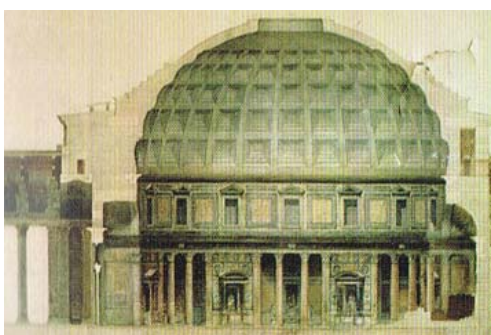
A essência da arquitectura termal consiste sobretudo na introspecção do espaço que resulta na relação do interior/exterior e na forma como a luz penetra o espaço. A luz zenital é o tema quase sempre presente no espaço termal e que juntamente com o desenho do vão/s constroem atmosferas mágicas.

O tamanho e posição do vão, vertical ou horizontal, altera significativamente as características do espaço, senão vejamos: o vão vertical permite em simultâneo a iluminação interior e a contemplação da paisagem enquanto que o vão horizontal permite a iluminação e contemplação do espaço interior, transformando o exterior numa realidade distante. A partir do vão horizontal surge a luz zenital, característica pela sua intensidade e pelos fortes contrastes de luz e sombra, elemento essencial para a criação de espaços simultaneamente íntimos e iluminados, pela luz do Sol durante o dia e pela luz da Lua durante a noite. A espessura e forma do vão, cilíndrica, paralelepédica ou afunilada também é muito importante para a definição da projecção da luz, mais pontual ou difusa, e consequentemente a áurea do espaço interior.

A luz zenital projecta o trajecto do sol durante quase todo o período diurno desenhando o seu rasto nas paredes e no pavimento modificando o tom e a intensidade consoante factores atmosféricos e a posição solar. Este movimento cria um fenómeno de mutação no interior do espaço termal semelhante ao que acontece no Panteão de Roma, deixando a sensação de que a superfície terrestre está por cima de nós, por onde a luz chega, e que o espaço interior encontra-se no interior da terra, subterrado, como se de uma gruta se trata-se.



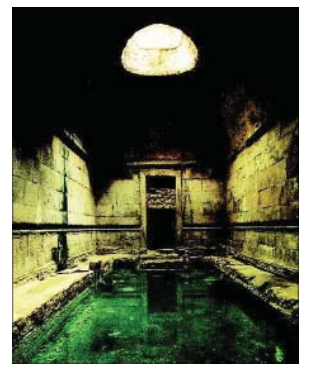
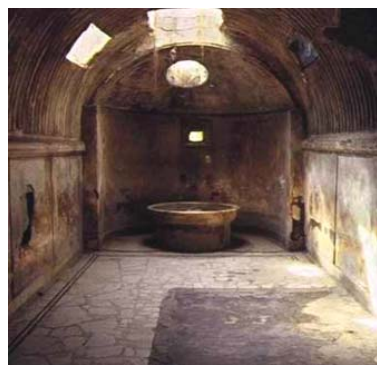
1/3.1



1/3.2

1/3.1 Óculo do Panteão de Roma; 1/3.2 Alçado interior Panteão de Roma, 1982.  
1/3.3 Caldarium termas de Pompeia, século I d.C.; 1/3.4 Corredor de distribuição do Pavilhão desportivo de Barcelona Ilobregat da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira (ano); 1/3.5 Clarabóia do Hammam Ganj Ali Khan em Kerman, século XVII; 1/3.6 Clarabóia da antiga sala de banhos da rainha D. Leonor, Caldas da Rainha. 1/3.7 Vão interior caldarium das termas de Pompeia, 1/3.8 Cobertura caldarium termas de Pompeia; 1/3.9 Vão interior termas de Diocleciano, 1/3.10 Cobertura termas de Diocleciano.

V/3.3  
V/3.4  
V/3.5  
V/3.6



V/3.7  
V/3.8  
V/3.9  
V/3.10





A Astronomia é uma das mais antigas ciências naturais estudadas pelo homem e pela qual o árabe nutriu um especial fascínio que se reflecte na sua arquitectura. Durante a Idade Média, enquanto a Europa entrava numa estagnação intelectual, o árabe absorvia conhecimentos de diversas civilizações da Ásia e da antiga Grécia que contribuíram para o desenvolvimento significativo da Astronomia, ciência representativa do elo entre terra e céu, entre o Homem e Deus.

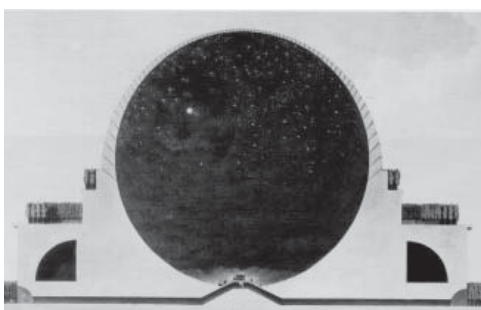
O memorial Fúnebre a Isaac Newton constitui um símbolo referência da relação entre arquitectura e astronomia, representado por uma monumental esfera perfurada onde a luz zenital entra pontualmente recriando o efeito estrelado no seu interior durante o dia, uma espécie de Planetário do Renascimento. A analogia entre a arquitectura e o mundo científico astronómico que o projecto de Boullé apresenta já fora anteriormente explorada no hammam otomano através de uma representação astronómica poética também sob o tema da Iluminação Zenital.

As clarabóias que intersectam as coberturas abobadadas do hammam são na sua grande maioria de geometria circular, com cerca de 15 a 20 cm de diâmetro, no entanto no período mais tardio da arquitectura Islâmica da idade média e na região do al-andalus podemos encontrar uma maior diversidade geométrica sendo a mais comum a representação literal da estrela de oito pontas também conhecida por khatam nas culturas islâmicas. Esta representa os quatro pontos cardiais, os dois solstícios e equinócios e fora um dos mais reproduzidos símbolos da arte islâmica durante a idade média nas mais diversas formas: em relevo, em vão, nos revestimentos em azulejo ou em forma de luz.

Esta forma pontuada de iluminar os espaços de água é frequentemente reproduzida na arquitectura contemporânea.



I/3.11



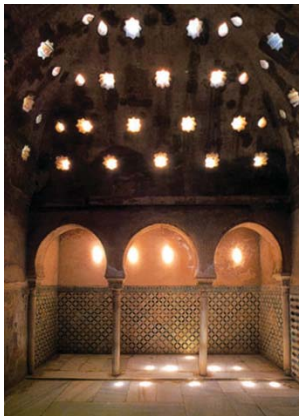
I/3.12

I/3.11 Cobertura em formato de estrela de oito pontas, Alhambra.

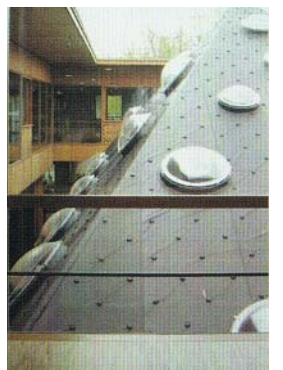
I/3.12 Memorial Fúnebre a Isaac Newton projectado por Étienne-Louis Boullé em 1784, arquitectura característica pelas geometrias elementares e representadora das leis da dinâmica e gravidade.

I/3.13 Tepidarium hammam do Palácio Comares, Alhambra; I/3.14 Piscina Interior termas de Vals; I/3.15 Piscina Pavilhão desportivo de Barcelona, Siza Vieira; I/3.16 Piscina Rehab Center, Herzog e Meuron; I/3.17 Cupula do Caldarium revestida exteriormente por placas de chumbo que com a incidência solar gerava uma espécie de efeito estufa no interior do caldarium; I/3.18 Lanternins Termas de Vals. I/3.19 Clarabóias piscina pavilhão Barcelona. I/3.20 Clarabóias Rehab Center,

I/3.13  
I/3.14  
I/3.15  
I/3.16



I/3.17  
I/3.18  
I/3.19  
I/3.20





O claustro interior que simultaneamente ventila e ilumina o espaço é também um elemento comum da arquitectura termal que se repete em diferentes contextos e períodos de tempo. Na época medieval os banhos privados de Baden eram descritos como “são muito chiques e também eles comuns aos homens e mulheres. Simples grades os separam, com numerosas janelinhas recortadas, graças às quais se pode beber em conjunto, conversar, ver-se de um lado para o outro, e até, como é hábito, tocar-se.”<sup>1</sup> Nas termas do século XIX e XX esta tipologia tornou-se mais recorrente em espaços termais de considerável amplitude e profundidade, correspondiam normalmente à sala da natatio (piscina) e ao apodyterium, salas de estar e de vestir. Nos hamamats este espaço era sempre acompanhado pelo lanternim, característica da arquitectura islâmica.

O desenvolvimento das novas tecnologias e a utilização de novos materiais, betão, ferro e vidro, permitiu a abertura de grandes vãos e conseqüentemente o retorno do “claustro”, solução que melhor se adequava à nova utilização do espaço e ao novo modelo de piscinas. A iluminação destes espaços passou a ser homogénea devido às novas e extensas coberturas de vidro e vãos laterais. Esta solução arquitectónica também se encontra no salão, recepção e salas de refeições dos Palaces Hotels das estâncias termais. No grande hotel do Luso, Cassiano Branco reproduz o efeito claustro através de uma nova forma geométrica, originalmente iluminado por dois grandes vãos.

<sup>1</sup> Citação retirada de *História da vida privada- da França Feudal ao Renascimento* de George Duby, página 594.



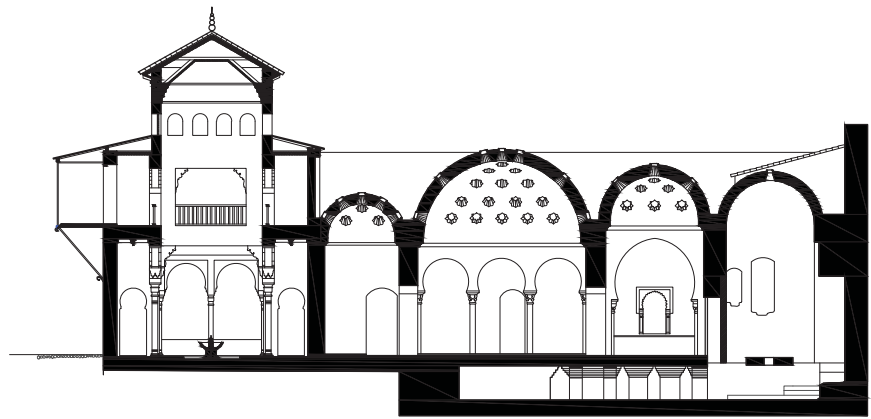
I/3.21



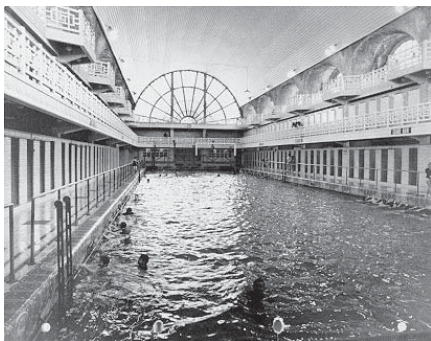
I/3.22

- I/3.21 Natatio das termas Romanas de Bath, inicialmente com um cobertura em abóbada berço que acabara por ruir com o tempo.
- I/3.22 Claustro interior do Apodyterium do Hammam de Comares, mais conhecido por Sala das Camas, Alhambra.
- I/3.23 Alçado logitudinal interior Hammam do Palácio Comares, Alhambra.
- I/3.24 Piscina de Roubaix, nos arredores de Lille, arquitecto Albert Baertdeu.
- I/3.25 Piscina de Tourcoing, França.
- I/3.26 Banhos do hotel Gállert, Budapeste.
- I/3.27 Galeria superior do Salão Curia Palace, Mealhada.
- I/3.28 Galeria superior Vidago Palace Hotel.
- I/3.29 Galeria superior circular Hotel do Luso.

I/3.23



I/3.24  
I/3.25  
I/3.26



I/3.27  
I/3.28  
I/3.29



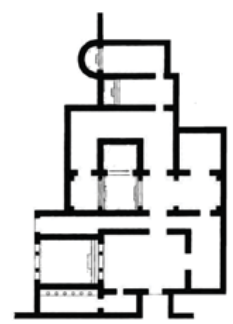
## TERMALISMO PORTUGUÊS

No período do Império romano parte significativa do território Português correspondia à província da Lusitânia com centro em Mérida e acima do rio Douro à província da Tarraconense. Os vestígios arqueológicos demonstram uma notável capacidade técnica na captação, conservação, transporte e distribuição de água para abastecimento público neste território, sobretudo na região sul onde a escassez de água seria maior e onde parte considerável desse recurso destinava-se às inúmeras termas que se encontravam de norte a sul deste território. Muitas termas romanas, sobretudo as da zona Norte do país onde existe maior afluência de rios, faziam o aproveitamento de águas com propriedades mineralógicas naturais o mesmo se veio a verificar posteriormente nas termas do século XX justificando assim a sua maior predominância na região Norte.

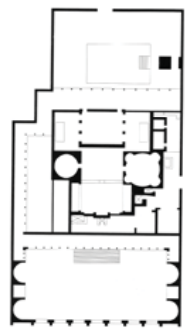
A maioria das termas romanas em território nacional eram de carácter rural e correspondiam à tipologia alinear, apenas constituída pelos espaços base (apodyterium, frigidarium, tepidarium, caldarium) e sem o espaço da palestra. Do período e tipologia Imperial destacam-se as termas de Trajano de Conímbriga, importante centro urbano da antiga Lusitânia, que apresentam uma organização simétrica e espaços amplos.

Após os romanos o termalismo português só voltou a ser explorado pela monarquia Portuguesa que procurava a cura dos seus males nas águas com propriedades curativas. A evolução da ciência mineromedicinal e a moda das curas termais é lançada no século XVII em diversos países da Europa, todavia só chegaria a Portugal no século XVIII e a institucionalização do termalismo nacional apenas aconteceu em 1892, data a partir da qual o sector passou a ser objecto de legislação específica regulamentando a actividade dos concessionários das termas e o exercício da medicina termal. Este período mais conotado como termalismo turístico destinado sobretudo a veraneantes e associado à aristocracia e às classes altas, basicamente desencadeou um processo de renovação da herança termal deixada pela monarquia transformando-a em estâncias de férias e retiros naturais.

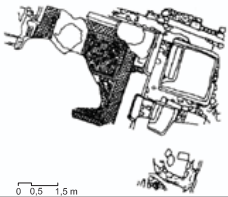




Termas romanas de Bracara Augusta, século II.



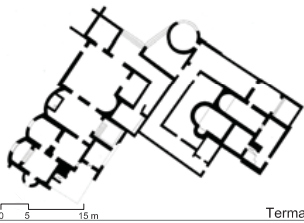
Termas de Nero de Conímbriga, século I e II d.C.



Termas romanas privadas de Olisipo, século ?.



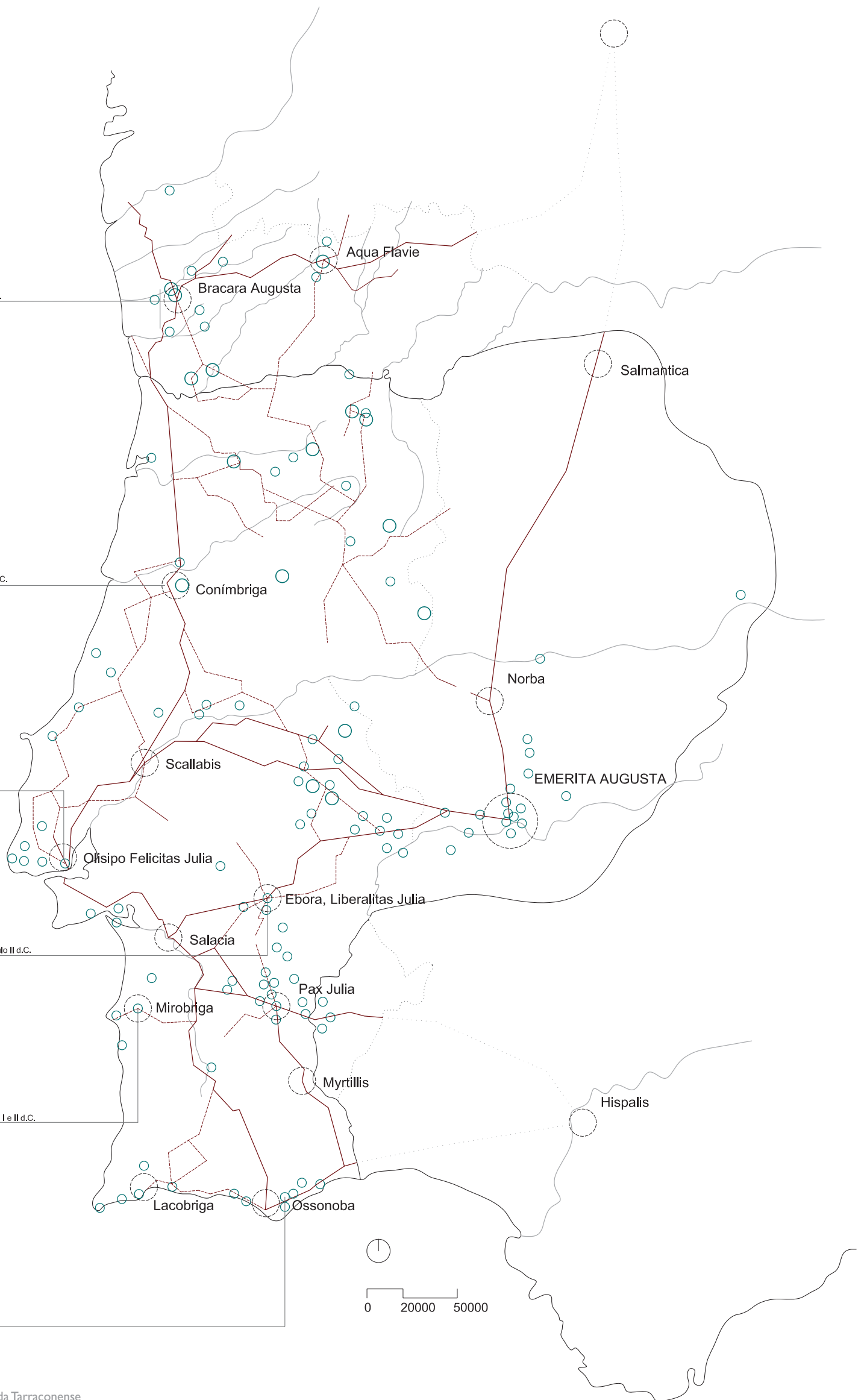
Laconium das termas romanas de Ebora, século II d.C.



Termas duplas romanas de Mirobriga, séculos I e II d.C.



Termas romanas de Milreu, século III d.C.



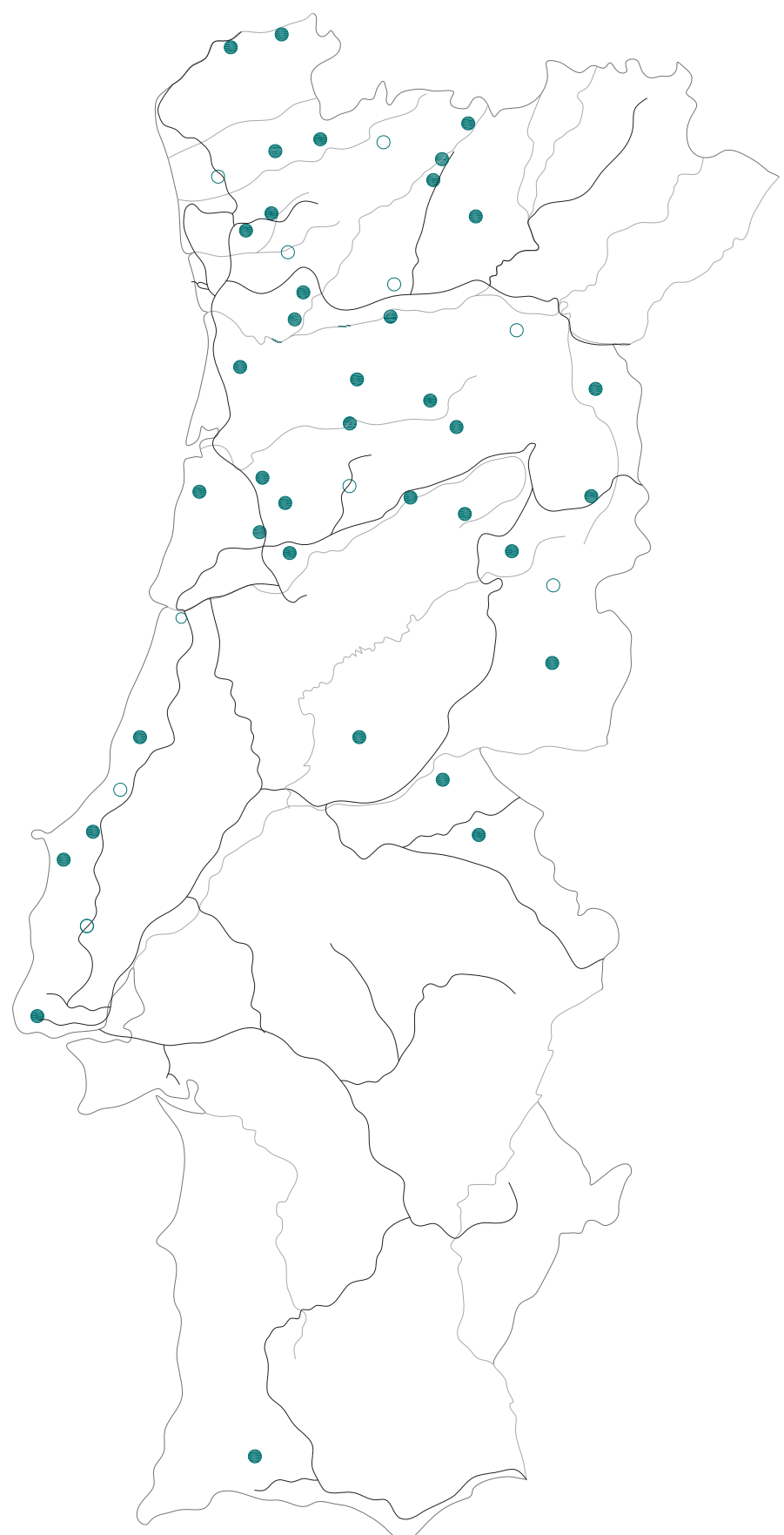
Nos anos 20 e 30 chegam de fora ecos de luxuosíssimas estâncias frequentadas pelos magnatas da indústria, do comércio e das finanças. As termas portuguesas enfeitam-se com hotéis palácios, casinos, parques românticos, decorações Art Nouveau *uma arquitectura cenográfica que estimula e intensifica a relação entre os aquistas e os espaços*<sup>1</sup>. Nesta época o termalismo português alcançava o seu auge com um novo conceito de turismo termal substituindo as antigas instalações por equipamentos modernos: edificios termais, hotéis, largas vias de acesso, casinos, estações ferroviárias, entre outros. As estâncias termais caracterizavam-se pelo sua implantação em contextos naturais, onde o verde é predominante e a água abundante. As povoações mais próximas são pequenas aldeias que estão a alguns metros ou quilómetros de distancia do perimetro termal, mantendo a ideia de isolamento/retiro que se pretendia. Existem três elementos fundamentais na organização de uma estância termal na paisagem: a alameda de acesso, a ferrovia e o parque. O eixo viário normalmente com a orientação este-oeste, contornado por plátanos, é o acesso principal que liga a estação ferroviária ao parque termal ladeado por plátanos que constroem um túnel de folhas que sombreiam a entrada do “paraíso”. O surgimento das estâncias termais acontece em paralelo com a construção e expansão da rede ferroviária em Portugal, o meio de transporte terrestre mais utilizado para longas viagens e por isso todas as estâncias termais eram dotadas de estações tal como acontecia noutras estâncias europeias. O parque definia os perimetros da estância, todos os equipamentos encontram-se envolvidos na sua densa vegetação que protege do “mundo exterior”.

---

<sup>1</sup> Citação da Arquitecta Helena Gonçalves Pinto na entrevista à Rádio Renascença a 8 de Maio de 2011.

1/4.2 Estação ferroviária de Vidago, inaugurada em 1910 mesmo ano do Palace Hotel Vidago;





I/4.3 Estâncias Termais e linhas ferroviárias séculos XX e XXI.

- Termas e estâncias termais desactivadas
- Termas e estâncias termais



*“Para formar uma estação de banhos, há que ter largas avenidas ensombradas de árvores, bonitos passeios com bancos, elegantes chalets entremeados com outras edificações mais modestas, hotéis razoáveis onde se encontra boa comida e pousada confortável, iluminação nas ruas e praças, asseio por toda a parte, um ou dois clubes elegantes para as valsas e os jogos à noite, um parque para passeios à tarde e um estabelecimento de banhos de água doce.”<sup>1</sup>*

---

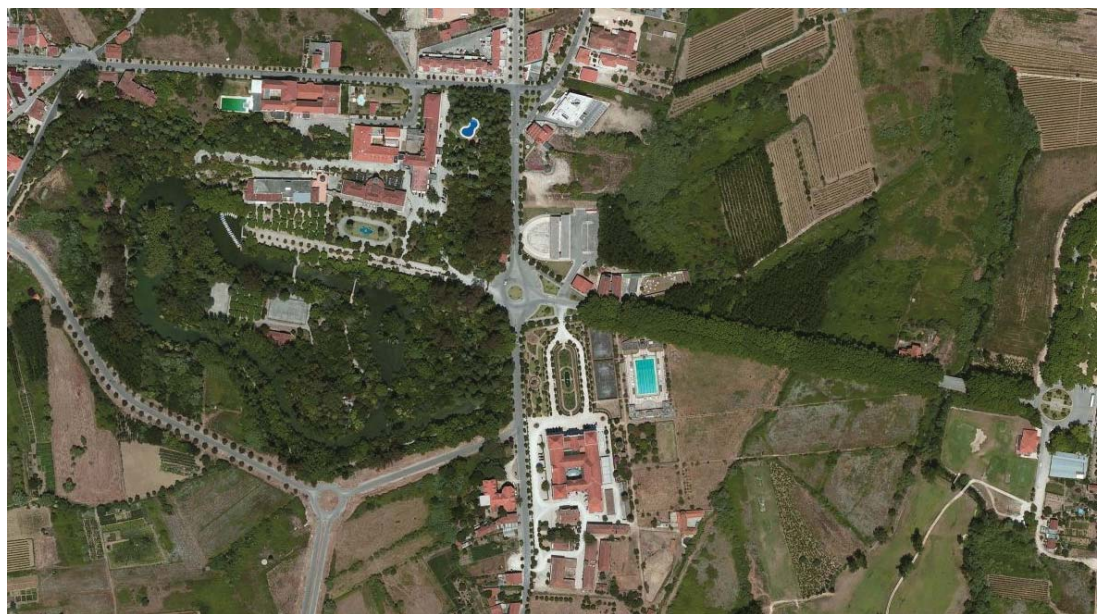
<sup>1</sup>Constituição de uma estância termal descrita na Gazeta dos Caminhos de Ferro de 1898.



1/4.4 Alameda de plátanos da Curia com cerca de 1 km de comprimento.



I/4.5 Ortofotomapa da estância termal da Curia, 1900, 72 hectares de parque. Arquitectos envolvidos: Jaime Inácio dos Santos, Norte Júnior, Luís Benavente, Cotinelli Telmo, Raul Lino e Cassiano Branco.



I/4.6 Ortofotomapa da estância termal das Pedras Salgadas, 1871, actualmente possui 100 hectares de parque em comum com a estância de Vidago. "A 4 de Novembro vão iniciar-se as obras do projecto do architecto Siza Vieira. Vai ser feita em três fases. Na 1ª fase vai ser a recuperação do balneário, do Grande Hotel e das Fontes. Depois, na 2ª fase, é a recuperação da antiga pensão e dos edificios das antigas fábricas, e na 3ª fase será fazer passar o rio outra vez pelo parque, era assim antigamente, e criar no Hotel Universal um lar para a 3ª idade." www.aguas.ics.ul.pt, 2005.



I/4.7 Ortofotomapa da Estância termal de Vidago, 1870, Reabertura e ampliação de serviços em 2010. "(...). Quanto às termas de Vidago, o projecto prevê a ampliação do Hotel Palace, a criação de um novo spa, a ampliação do campo de golfe, a renovação do centro de congressos e ainda a ligação ao parque de Pedras Salgadas por uma ciclovia de 15 km, sem que Vidago perca o "ambiente de nostalgia". Jornal Público, 21 de Janeiro de 2006.





No Portugal do século XX a arte nova, o neo-clássico e o “português suave” foram estilos arquitectónicos contemporâneos que podemos encontrar nos edifícios termais onde a escolha da estilística dos edifícios era uma questão de gosto ou de influências exteriores. Apesar da diversidade as termas em comum tinham a organização interna que se dividia em quatro áreas principais: a zona da buvette, a piscina termal, os compartimentos individuais para tratamentos localizados e os balneários. Nos anos 60 e 80 surge um processo de introdução de novas funções balneares nas termas com construções de piscinas exteriores e equipamentos tecnologicamente mais avançados com o intuito de adaptar o termalismo aos novos hábitos da vida contemporânea como aconteceu nas termas do Vimeiro e em Monchique, este último sob projecto do Arquitecto Carlos Ramos.

Impulsoras de novos estilos de vida e de universos heterogéneos de práticas as termas proporcionam o alívio de uma doença, a renovação do equilíbrio físico e psicológico, o reencontro com a paisagem natural, redes de sociabilidade provisória, a estilização dos corpos e dos comportamentos.

1/4.8 Hospital termal Caldas da Rainha de 1891 apresenta uma imagem peculiar e invulgar em relação à arquitectura do seu tempo, não pertencendo a nenhum estilo ou tendência arquitectónica específicos; 1/4.9 As termas de Széchenyi inserem-se num estilo neo-barroco, usual em edifícios públicos na cidade de Budapeste, e organiza-se num sistema simétrico perfeito um pouco à semelhança das termas imperiais romanas. O edifício de origem data a 1913 sofrendo posteriormente sucessivas ampliações até a 1999; 1/4.10 *Dome* é o principal estabelecimento Termal de vichy, de 1935, que como o próprio nome indica é caracterizado pela sua majestosa cúpula *neo-mourisca*. O edifício também é composto pelo hotel das termas. 1/4.11 Primeiro edifício termal do Luso de 1856; 1/4.12 A buvette da Curia de 1914, estilo ecléctico da autoria de Jaime Inácio Santos que percorreu as principais termas francesas e alemãs com o intuito de conhecer e retirar “ideias” para o projecto Curia; 1/4.13 A última estância termal do Estoril que incluía também o Hotel Parque foi obra do Arquitecto António Rodrigues Silva Junior no início dos anos 30 e demolido em 1961. 1/4.14 Arcadas de Vichy que começavam na buvette e percorrem toda a extensão do parque criando percursos de sombra, 1/4.15 O mesmo acontece nas termas da Curia, acrescento da autoria do arquitecto Norte Júnior em 1921; 1/4.16 e 1/4.17 Piscina termal do Luso da autoria de Gustave Eiffel de 1893 e interior da buvette da Curia. O estilo art nouveau expressado no ferro claramente presente nestes quatro exemplos.

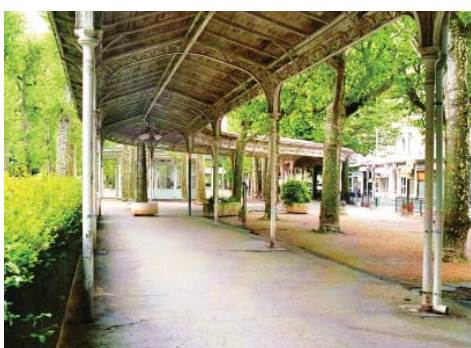
I/4.8  
I/4.9  
I/4.10



I/4.11  
I/4.12  
I/4.13



I/4.14  
I/4.15  
I/4.16  
I/4.17

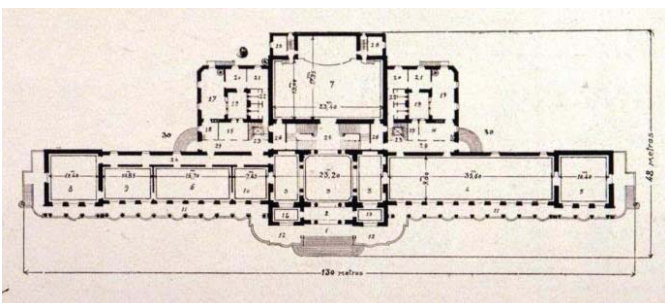




Na década de 30 e 40 as termas atingiram grande prestígio como centros de cura e de veraneio, ocupando um sector significativo do turismo português em ascensão até quase ao final do século XX, possuíam os melhores hotéis com o maior nível de conforto e entretenimento em Portugal e representavam 15% da hotelaria nacional.(III plano de fomento).

O conceito de Palace Hotel vive de efeitos arquitectónicos que atribuem aos seus imensos espaços glamour e uma teatralidade que o distinguem dos outros. A multiplicação do espaço através dos majestosos espelhos que ladeiam as paredes, as pesadas alcatifas que absorvem o som de quem passa, os imensos frisos decorativos e ornamentos que ocultam as infra-estruturas desta grande máquina e a monumental escadaria com os seus degraus alcatifados, proporcionam recepções e ambiências singulares no mundo hoteleiro. Tanto o Palace Hotel e o Grande Hotel suportavam uma lista multidisciplinar/programática muito ambiciosa e infundável, de serviços associados e espaços de convívio como: padaria, posto de gasolina, oficina, mini-golf, piscina, court de ténis, parque, jardim, lago, horta, serviços médicos, cabeleireiro, tabacaria, ginásio, biblioteca, salão de jogos, sala de jantar, café, central telefónica, entre muitos outros, como se trata-se de um pacote, autónomo, que parte com os seus hóspedes por um tranquilo mar verde de águas curativas.

1/4.18 Planta do ante-projecto do Palace Hotel Vidago, da autoria do Arquitecto Miguel Ventura Terra, 1/4.19 Palace Hotel Curia projecto inicial de 1913 da autoria de Deolindo Vieira e Rafael Duarte de Melo, acrescento e remodelação em 1922-26 pelo Arquitecto Manuel Joaquim Norte Junior. José Augusto França descreveu-o como: "corrente afrancesada de luxo", "fachadas que estilizam ordens clássicas", "não desdenhava incursões na arte déco"; 1/4.20 Na década de 20 dá-se início à construção do Casino e Hotel Palace do Estoril juntamente com o plano de urbanização de arruamentos e do jardim do arquitecto Francês Martinet; 1/4.21 Palace Hotel Vidago, projecto do Arquitecto António Rodrigues da Silva Junior de 1910. 1/4.22 O Grande Hotel do Luso de 1938, aparece como oposição ao gosto da época anterior apresentando uma linguagem entre o estilo tradicional e o modernismo português, o "português suave", autoria do Arquitecto Cassiano Branco; 1/4.23 O Grande Hotel e termas de Chão da Pena mais conhecidas por Águas Radium, hoje uma ruína que se demarca na paisagem pelo seu ar acastelado de estilo romântico, trata-se de uma construção em granito dos princípios do século XX de autor desconhecido; 1/4.24 Termas de Monchique existentes desde da época romana e posterior construções do século XV por D.João II, em constante transformação até ao século XX.



I/4.19  
I/4.20  
I/4.21



I/4.22  
I/4.23  
I/4.24



## ÁGUAS TERMAIS DE LISBOA

Lisboa presenciou em três diferentes zonas e tempos específicos termas romanas, os banhos de Alfama e os banhos de São Paulo. Durante o seu funcionamento as três possuíram uma característica em comum, a proximidade com as margens do rio Tejo.

Olisipo Julia<sup>1</sup> fora uma importante cidade piscatória romana e até nós chegaram diversos vestígios arqueológicos desse tempo como as termas públicas dos Cássios encontradas nos arrabaldes da cidade muçulmana, século 49 a.C. e 336 d.C.. Também foram encontradas umas termas privadas, século III, eventualmente pertencentes a uma residência da fábrica de preparados de peixe que também ali se encontrava.

As Alcaçarias e banhos de Alfama, nascentes de água quente do Grupo das Alcaçarias, encontram-se alinhadas na zona entre o largo do Chafariz de El-Rei e o largo do Chafariz de Dentro, ao longo da Rua do Terreiro do Trigo, e deram origem a um conjunto de ocorrências que foram exploradas como “balneários públicos” durante algumas décadas. Detalhadamente estudadas por Choffat (1895-1897), destaca-se um grupo que foi utilizado com fins mais nobres: as Alcaçarias de D. Clara, Alcaçarias do Baptista, Banhos do Doutor e as Alcaçarias do Duque. Águas quentes, que constituíam, o que genericamente se chamou, o grupo das Alcaçarias. Com base na avaliação de especialistas ao longo dos séculos, a água das nascentes de Alfama foi utilizada durante várias décadas em “balneários públicos” concessionados. A adopção do nome de “balneário público” em detrimento de “termas” justifica-se pelo carácter bastante rudimentar dos estabelecimentos licenciados na época. Na zona ocidental de Lisboa viria-se a construir os banhos de São Paulo, século XIX, da autoria do arquitecto Pierre-Joseph Pezerat que curiosamente também viria a projectar o plano de saneamento e aproveitamento das águas de Alfama. P.J. Pézerat, arquitecto e engenheiro francês radicado em Portugal defendia nas suas publicações de 1865 uma Lisboa à imagem de Paris de Haussmann, ou seja, vasta urbanização de conjunto, com bairros novos servidos por grandes avenidas e contra à ideia de renovação parcial do tecido urbano. Este foi o último arquitecto dum neoclassicismo atardado no gosto oficial.

---

<sup>1</sup> Lisboa Romana.

<sup>1/5.1</sup> Antigas alcaçarias do Duque, Alfama.

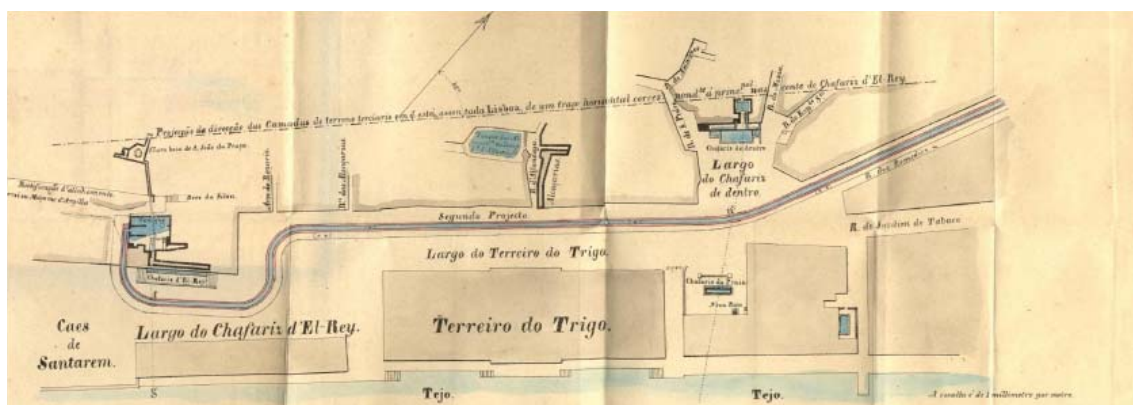




I/5.2 Área envolvente aos Banhos de São Paulo.  
Planta de Filipe Folque, 1856, n.º 50.



I/5.3 Plano de Pierre- Joseph Pezerat para as águas de Alfama, 1852.

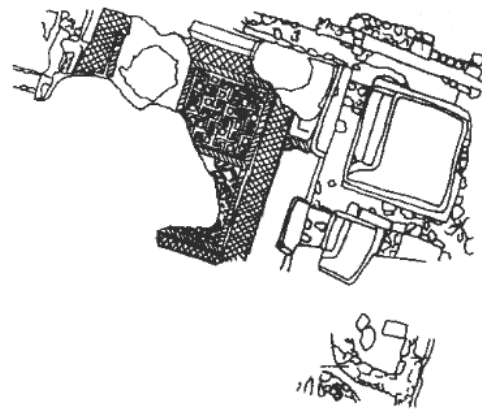
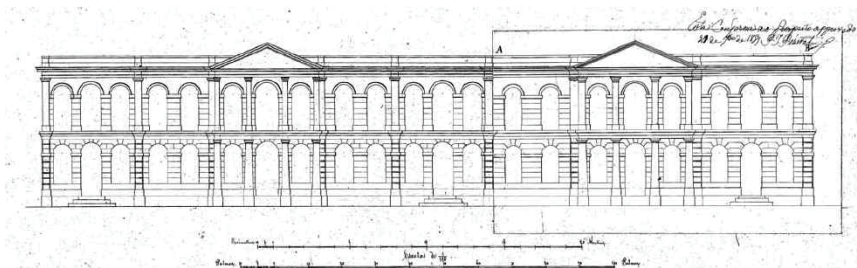
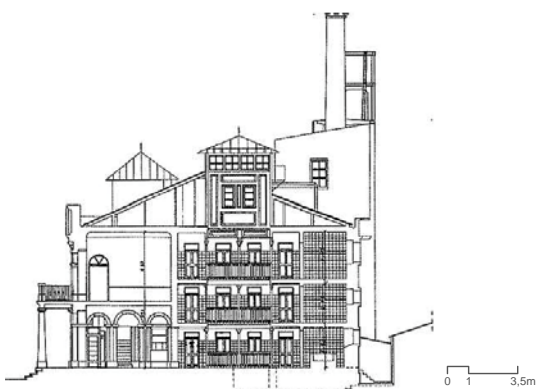






----- Leito de Cheia Olisipo

0 30 100 m



### Termas privadas Romanas

Termas do século I/III d.C. inseridas no interior de uma habitação romana e num contexto de indústria de transformação e conserva de peixe de Olisipo. Actualmente encontram-se por baixo da Rua do Correiros. Das termas apenas é visível o espaço do frigidarium.

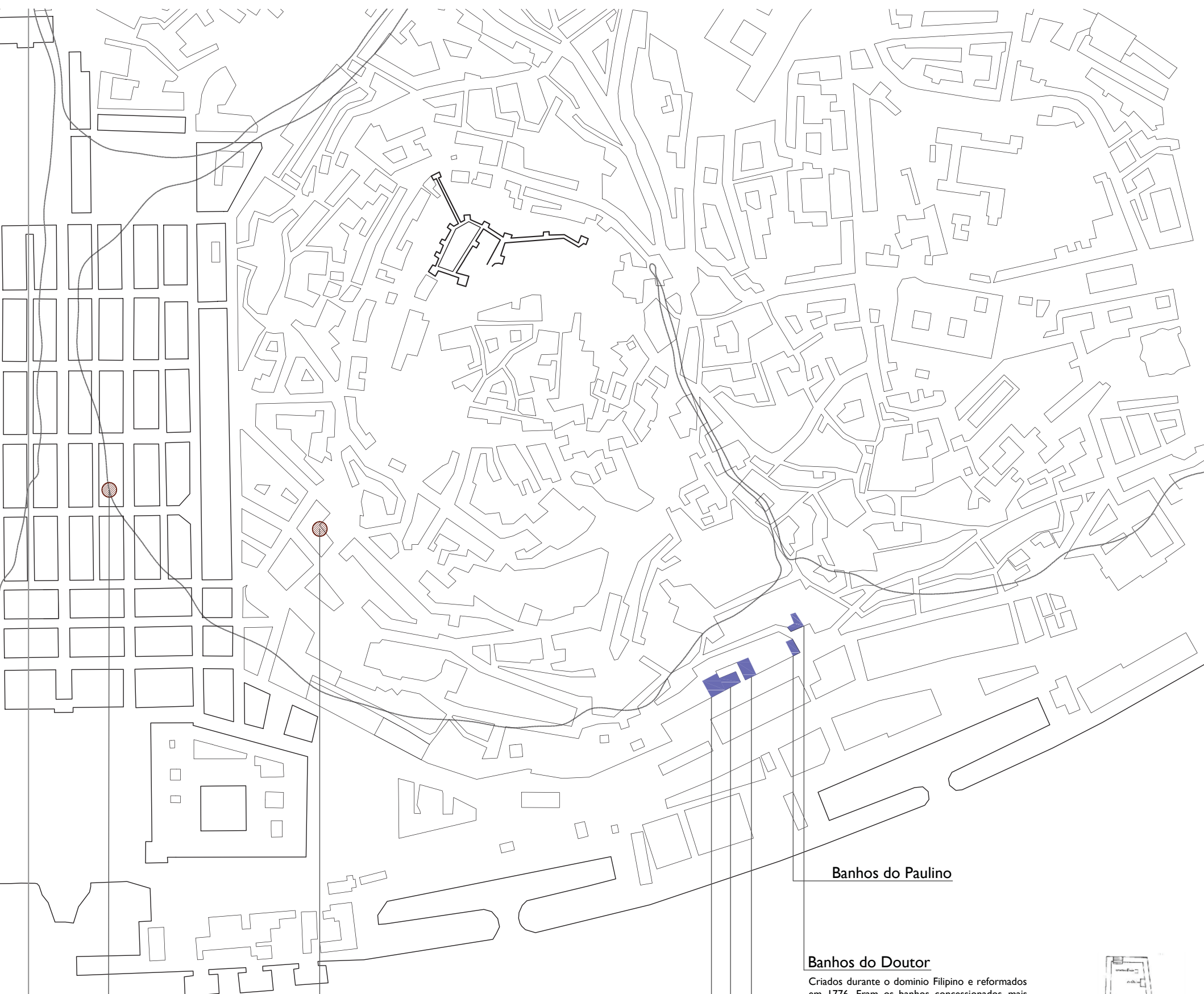
Levantamento da planta que inclui o peristilo da casa romana e tanque do frigidarium da autoria da arqueóloga Jacinta Bugalhão, publicada na sua dissertação de Mestrado *A Indústria Romana de Transformação e Conserva de peixe em Olisipo* em 1997.

0 0.5 2m

### Banhos de São Paulo

Projectado pelo Arquitecto Francês Pierre-Joseph Pezerat e edificado entre 1850 e 1868. A sua construção decorre após descoberta de águas ricas junto à ala poente da Praça do Comércio, em 1829, mais conhecidas como as águas do Arsenal. Edifício de estilo Neoclássico, interiormente desenvolve-se em três pisos mais sótão com interior vasado que ilumina e ventila o espaço através de uma clarabóia. Os banhos encerrariam em 1975 e em 1994 reabriria como Associação dos Arquitectos Portugueses com projecto de adaptação de Manuel Graça Dias.

Corte Transversal - Edição de Maria da Fonte e Natália Branquinho de 1987.  
Alçado Principal - Alçado com projecto de ampliação de 1857 também da autoria de Pierre Pezerat, não executado.



### Termas romanas dos Cássios

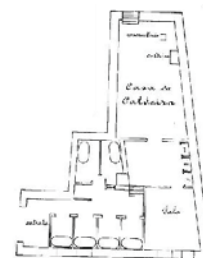
Construídas em 49 a.C. e reconstruídas em 336 d.C. sob ordem de Constantino. O seu levantamento ainda não é público devido ao interrompimento das escavações arqueológicas. Situam-se na actual Rua das Pedras Negras.

### Banhos do Paulino

### Banhos do Doutor

Criados durante o domínio Filipino e reformados em 1776. Eram os banhos concessionados mais pequenos de Alfama.

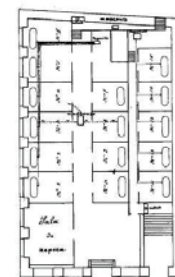
Plantas dos banhos e alcaçarias de Alfama reproduzidas durante o licenciado da Inspeção de Águas em 1894.



### Alcaçarias do Duque

Estabelecimento termal inicial inaugurado em 1716 pelo 1º Duque do Cadaval substituído posteriormente pelo edifício ainda lá hoje existente. Único estabelecimento termal das nascentes de Alfama a ser expressamente construído para banhos públicos e também o com maior capacidade.

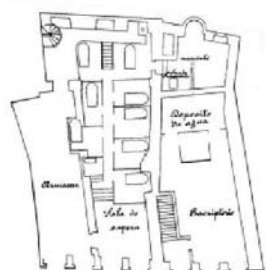
Plantas dos banhos e alcaçarias de Alfama reproduzidas durante o licenciado da Inspeção de Águas em 1894.



### Alcaçarias de Baptista

Planta das alcaçarias de Baptista, vizinhas das alcaçarias D. Clara, licenciadas pela Inspeção de Águas no ano de 1894.

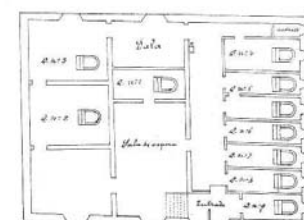
Plantas dos banhos e alcaçarias de Alfama reproduzidas durante o licenciado da Inspeção de Águas em 1894.



### Alcaçarias de D.Clara

Edificadas em 1759, propriedade de D.Clara Xavier de Aguiar. Constituíam os segundo maiores banhos de Alfama.

Plantas dos banhos e alcaçarias de Alfama reproduzidas durante o licenciado da Inspeção de Águas em 1894.











O QUARTEIRÃO NO LARGO DO RATO

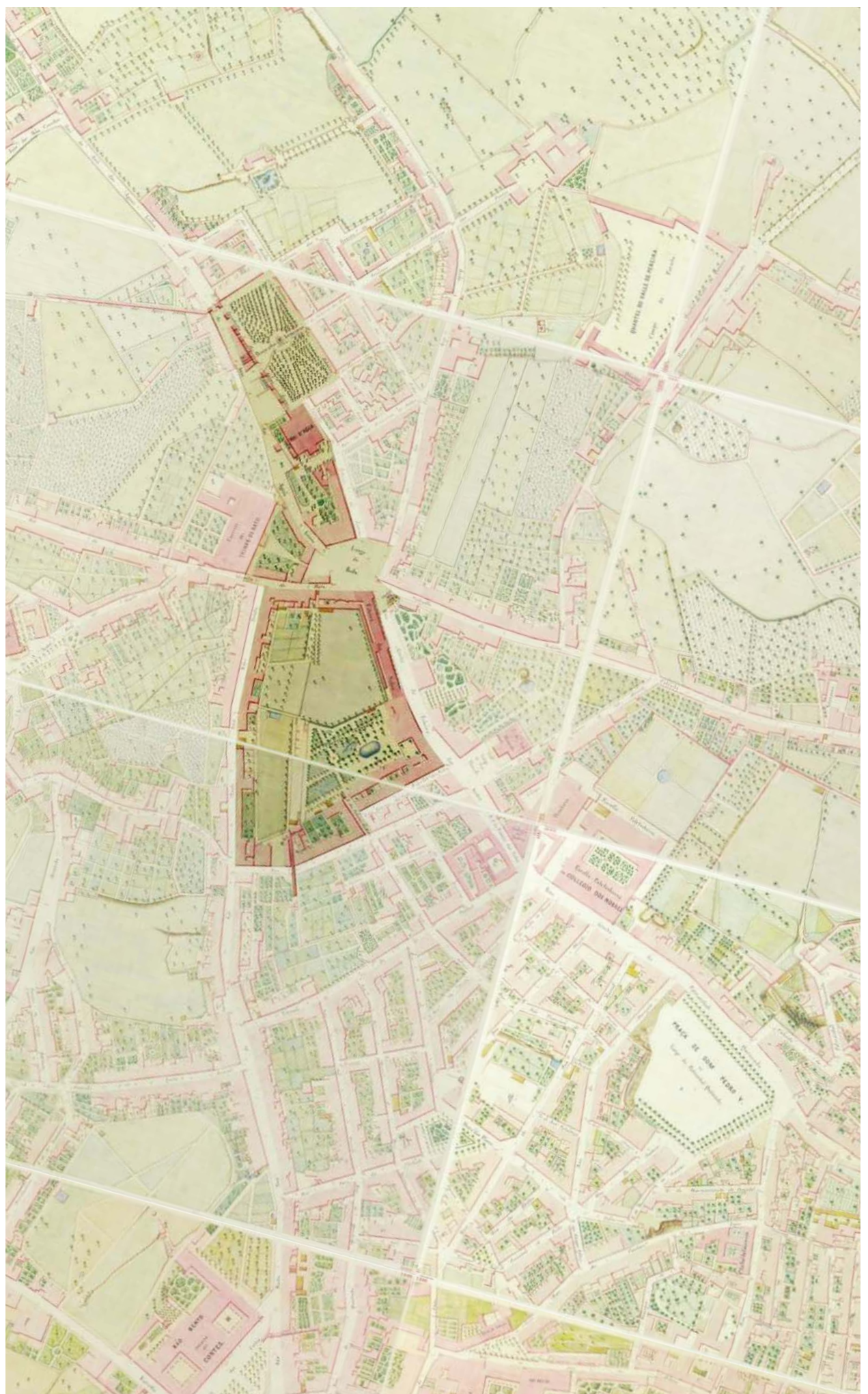


## LARGO DO RATO séculos XIX, XX e XXI

No século XVI o Rato era um terreiro natural, ou eirado, largo ou simples logradouro envolvido por vasta área rural com quintas e caminhos rudimentares, zona suburbana de Lisboa que descia até Santos e Alcântara. Manteve-se como logradouro dos arrabaldes da cidade até começos do século XVIII, mas agora a coberto de outra designação ampla – Cotovia – nome que permaneceu ao longo do século XIX. Com o crescimento demográfico o Largo do Rato tornou-se num local de comércio com numerosas barracas, tendas e mesas ao ar livre, que ocupavam o centro, além dos muitos outros estabelecimentos de negócio nas casas que corriam da rua do Salitre ao começo das Amoreiras e à de São Bento.

A partir de 1736 adquire a designação de Rato, espaço em forma de triângulo irregular que se estendia em declive de norte para sul, servido por tortuosos e estreitos caminhos de serventia, envolvidos por quintas, hortas e terrenos bravios. A norte, compreendida entre a rua das Amoreiras, travessa da fábrica das sedas e sul do pátio do Geraldes e vale de pereiro, era a grande quinta de D.Helena. Ainda na freguesia de Santa Isabel existiam outras importantes quintas: a dos padres Quentais ou Oratorianos, a do Carpinteiro e a do Desembargado. Apesar de localização imprecisa confinariam com a quinta de D.Helena. Do Lado Sul do Largo do Rato entre as ruas da Imprensa Nacional, Escola Politécnica, largo do rato e a rua de São bento eram terrenos pertencentes a D.Rodrigo de Noronha e Meneses desde 1669 do Morgado da Cotovia.

Pela irregularidade do terreno como pelo desalinho e insignificância do casario, que escapava a qualquer norma de urbanização, juntamente com a recente problemática populacional era urgente um plano social e urbanístico para o Rato. Em 1759 Marquês Pombal dá início à urbanização do Rato com objectivo de dar carácter permanente a uma zona de reconhecida importância Social, colocando os trabalhos sobre supervisão de um dos principais arquitectos da reconstrução de Lisboa, Carlos Mardel.



II/1.1 Cartografia Lisboa/Largo do Rato, de Filipe Folque, 1856.



## Século XX

1930



1935



1950



Até meados de setecentos o Rato e zonas adjacentes foram gradualmente sendo povoadas e pontualmente com sinais de variada significação sócio-económica e monumental, porém manteve-se uma área claramente rústica às portas da cidade. Apenas duas exceções se destacavam deste padrão: o arco triunfal com que termina a grandiosa obra das Águas Livres no começo da rua das Amoreiras, o Convento das Trinas e o reservatório da Mãe de Água.

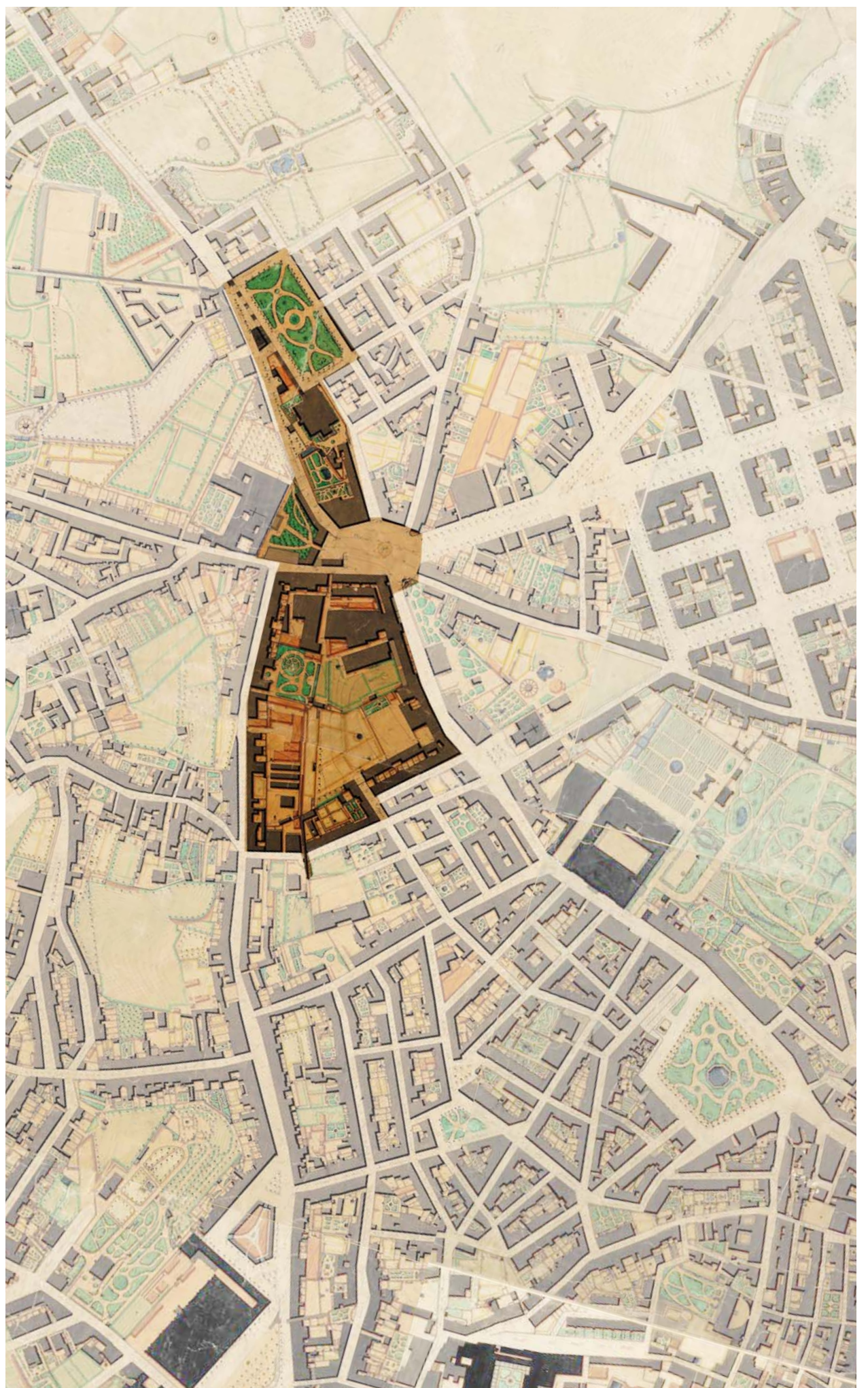
O Largo do Rato, cuja configuração data das obras ocorridas em 1935, com a abertura de 3 faixas de rodagem e da sua ampliação, em detrimento de espaços pedonais e ajardinados centrais, na década de 1980, foi-se assumindo como nó viário numa das circulares (a das Colinas) de Lisboa e como tal um ponto frequente de estrangulamento do trânsito. Em meados do século XIX, o Rato evoluíra já da situação de porta da cidade pombalina para um importante cruzamento de acessos, onde confluíam as ruas da Escola Politécnica e de S. Bento, eixos de ligação respectivamente aos largos ribeirinhos do Cais do Sodré e Conde Barão/Santos. Do Rato partia também o arruamento do Salitre, de ligação ao vale onde se abria entretanto a Avenida da Liberdade, por sua vez, a Rua do Sol ao Rato e a Rua das Amoreiras faziam a ligação para poente e norte.

III/1.2 Fotografia Largo do Rato em 1930.

III/1.3 Fotografia Largo do Rato após o seu alargamento com as obras públicas de 1930.

III/1.4 Fotografia Largo do Rato em 1950.





II/1.5 Cartografia Lisboa/Largo do Rato, de Silva Pinto, 1911.



**A fábrica das Sedas** fora fundada em 1725 pelo Francês Robert ou Ricardo Godin, que inicialmente encontrava-se no bairro industrial das Amoreiras e transferida em 1738 para a via a que deu nome, a actual rua da Escola Politécnica. Em 1750 a fábrica é reconvertida após a apropriação Pombalina, passando a designar-se a Real Fábrica das Sedas. Ligando-se parte dela (oficinas, armazéns e outros anexos) pelo interior da antiga quinta dos Soares da Cotovia com a antiga rua da fábrica das Sedas. O que da fábrica subsiste no presente, é um extenso edifício de 110 metros de frontispício ao longo da Rua da Escola Politécnica, rasgada entre as antigas quintas do Noviciado dos jesuítas e a de D.Rodrigo. da fábrica das Sedas.

**Módulos do antigo real Colégio das manufacturas** era composto pela travessa da Fabrica das Sedas, nº35 a 49; Praça das Amoreiras, nº50 a 52; Travessa da Fabrica dos Pentes e Travessa Légua da Póvoa. Do complexo fabril pombalino, subsistem três módulos, um dos quais bastante adulterado. O Real Colégio das Manufacturas abrangia vários quarteirões, preenchidos por unidades modulares de dois pisos que funcionavam como oficinas-escola e habitações para os artesãos. O edifício melhor conservado é o da antiga Fábrica dos Pentes, recentemente classificado como Imóvel de Interesse Publico. Projecto de 1759 atribuído a Carlos Mardel.

**Convento das Trinas** situado sobre o poente do largo do Rato, fora instituído por Manuel Gomes de Elvas e plano arquitectónico inicial da responsabilidade do arquitecto régio Baltasar Álvares. Conclusão da construção por volta 1721, quando passou a ser invocado como convento da Nossa Senhora dos Remédios.

II/1.6 Edifício da Antiga Fábrica das Sedas da Rua da Escola Politécnica; Convento das Trinas.

II/1.7 Convento das Trinas.

II/1.8 Antigo Palácio de Palmela e actual Procuraria Geral da República.

II/1.9 e II/1.10 Fotografias antigas do Chafariz do Rato.



II/1.6  
II/1.7  
II/1.8



II/1.9  
II/1.10

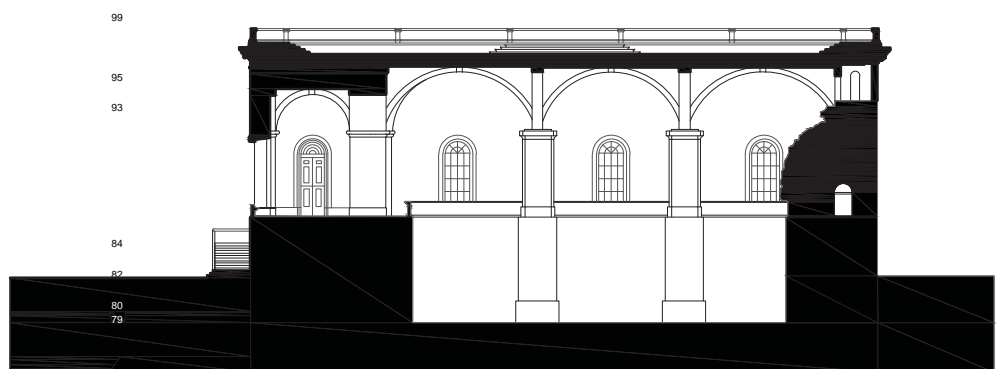
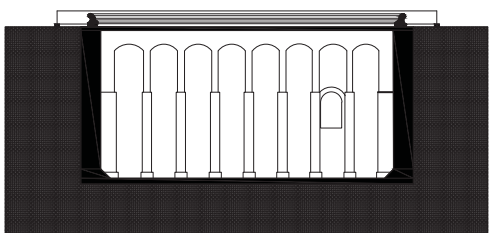
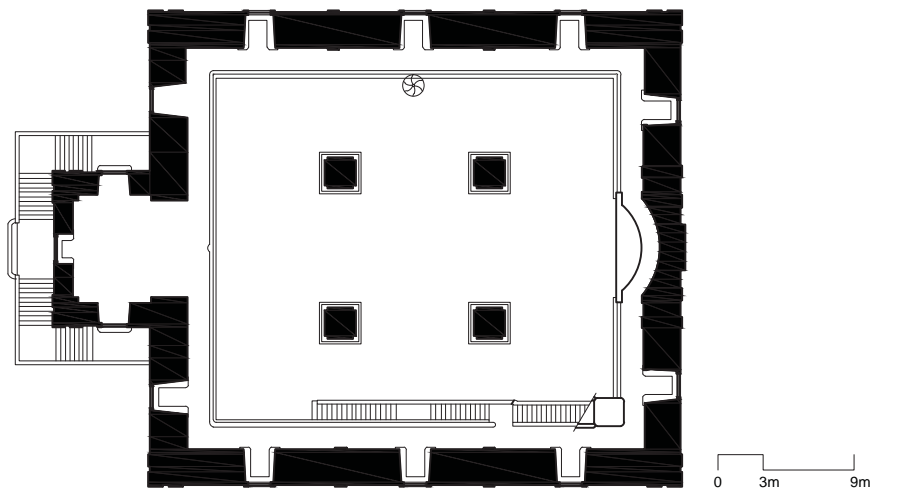
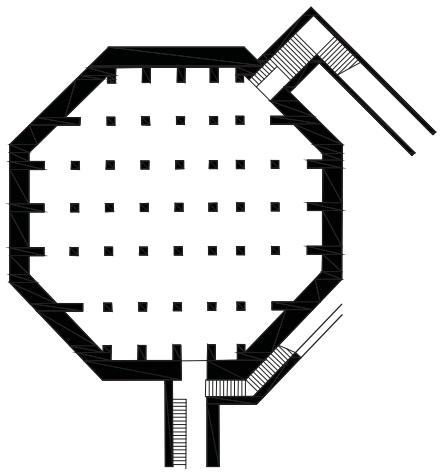


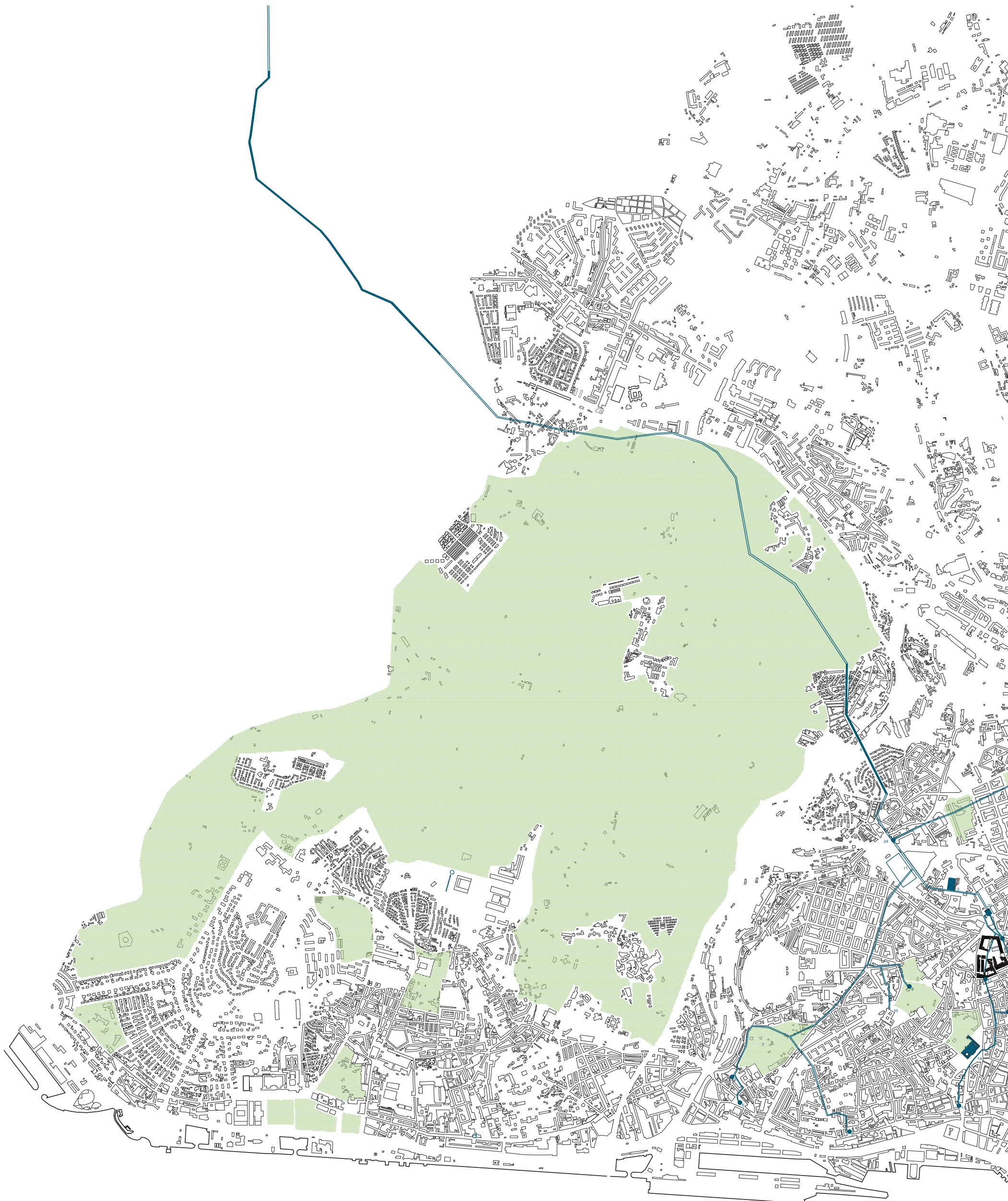


O interior de quarteirão do Rato é atravessado por uma galeria desactivada do aqueduto das águas Livres, que abastecia a fonte da rua do Arco de São Mamede, o antigo convento de São Bento e terminava no chafariz da Esperança.

O monumental reservatório da Mãe D'Água apresenta uma estrutura funcional com a sua massa cúbica sobre planta quadrangular. Internamente dividido em três corpos por grossos pilares que suportam seis panos de abóbadas de aresta, exteriormente revestidas de tijolo. Obra com início no período joanino, como a anterior projectada por Carlos Mardel, "aliança formal de um maneirismo *Terziano* com o barroco romano ao gosto estético do período que antecede o pombalismo", ficando completo apenas em 1834.

O reservatório da Patriarcal apresenta a escavação como solução arquitectónica para este género de infra-estruturas, caracterizado pela sua forma octogonal e pela "floresta" de pilares de pedra maciça.





#### AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

- 1 Troço do Aqueduto do Alto da Ajuda
- 2 Chafariz da Junqueira
- 3 Reservatório do Arco
- 4 Arcaria do Vale de Alcântara

#### Galeria das Necessidades

- 5 Chafariz das Janelas Verdes
- 6 Chafariz Praça da Armada
- 7 Tapada das Necessidades
- 8 Fonte do Largo das Necessidades
- 9 Lago do Jardim da Estrela
- 10 Basílica da Estrela
- 11 Reservatório das Amoreiras da EPAL

#### Galeria da Esperança

- 12 Fonte da Rua do Arco à São Mamede
- 13 Chafariz da Esperança
- 14 Palácio de São Bento
- 15 Chafariz do Largo Agostinho da Silva

#### Galeria do Lorete

- 16 Chafariz do Largo
- 17 Fonte Praça da /
- 18 Chafariz do Séci
- 19 Chafariz do Carr
- 20 Reservatório da
- 21 Reservatório da
- 22 Largo de São Ce

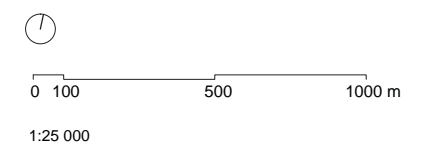




oredo  
 Largo do Rato  
 da Alegria/Av.Liberdade  
 Século  
 Carmo  
 da Mãe d'Água das Amoreiras  
 da Patriarcal  
 o Carlos

- Galeria de Santana**
- 23 Chafariz do Intendente
  - 24 Chafariz da Rua do Arco de Carvalhão
  - 25 Chafariz de São Sebastião da Pedreira
  - 26 Chafariz no Arco do Taboado (Confirmar)
  - 27 Campo/Jardim de Santa Ana
  - 28 Chafariz de Entrecampos 1851

- ÁGUAS DE ALFAMA**
- a. Chafariz de Santo Estevão
  - b. Chafariz D'El Rei
- Zonas Verdes ■  
 Quarteirão Projecto ■



Século XXI

Virado o século, dois novos meios de transporte, o eléctrico e o automóvel, trariam, cada um a seu modo, profundas implicações na mobilidade deste espaço.

Hoje, desenham-se outras batalhas, como a dependência petrolífera e consequente impacto ambiental, os direitos do peão-cidadão e a densidade urbana. Valeria a pena determo-nos na reflexão sobre este largo, que já foi “praça” e hoje mais não parece que uma rua com três níveis de rodagem, recebendo e distribuindo trânsito nos mais diversos sentidos. A sua mais valia também é o seu maior defeito.





II/1.11 Ortofotomapa Largo do Rato, 2009.





Transportes

Largo do Rato, plataforma afluyente de nove artérias urbanas, onde o trânsito diário é continuamente intenso, caracteriza-se também por ser um interface de transportes públicos, função reforçada com a abertura da estação local do Metropolitano, no final de 1997.

Comércio



Cultura





Saúde / Desporto



## Estrutura Verde

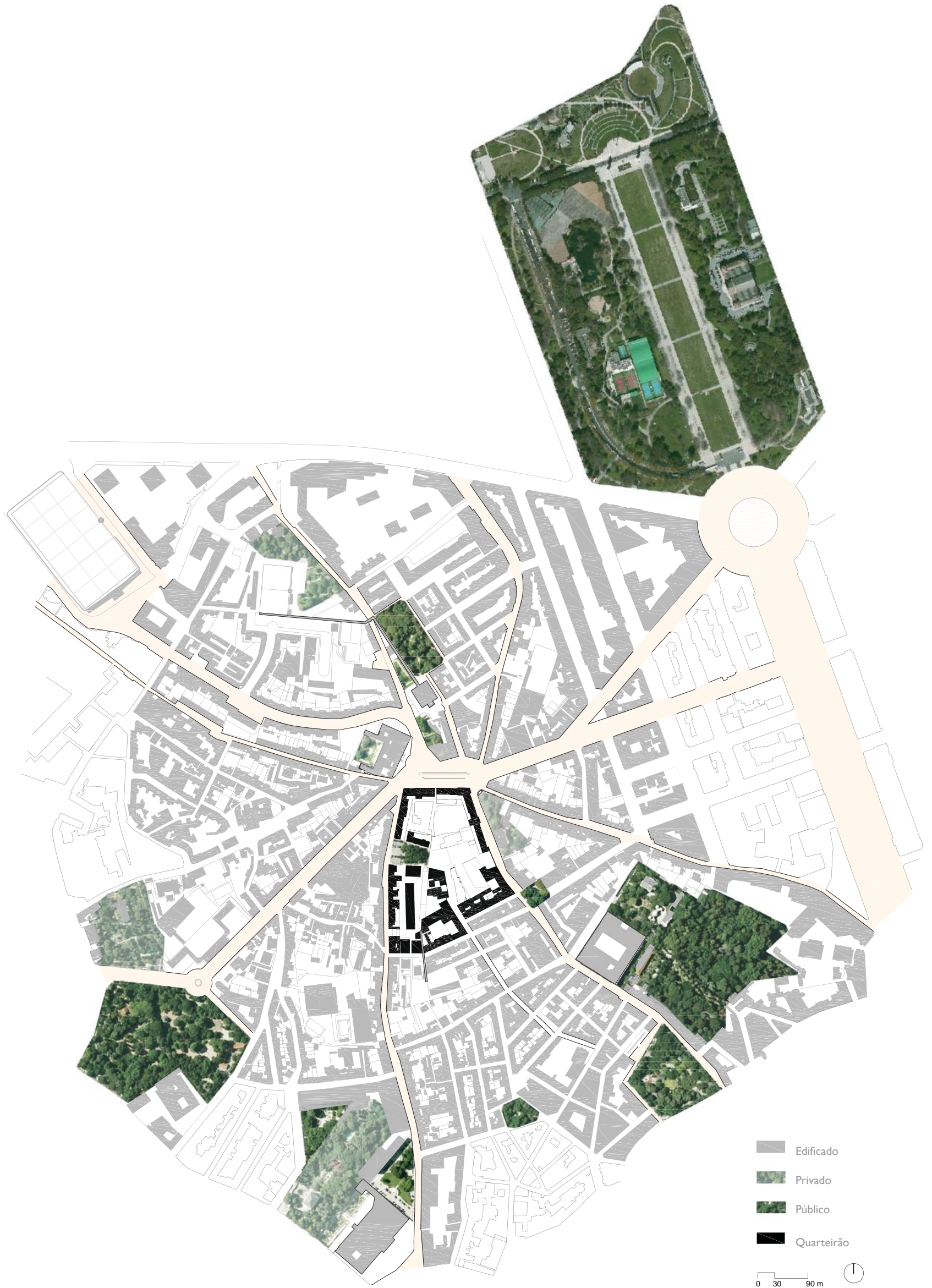
A presença da natureza, através de espaços abertos, espaços verdes e superfícies de água, é indispensável à qualidade do ambiente urbano, à beleza da cidade, ao recreio, saúde e bem estar da população. O coberto vegetal também é importante nos meios urbanos para defender o solo da erosão, permitir a infiltração da água das chuvas e filtrar as poeiras e produtos tóxicos que vagueiam no ar.

Apesar da escassez deste tipo de espaços na cidade de Lisboa nas imediações do Largo do Rato existem alguns jardins de considerável dimensão como o Parque Eduardo VII, o Jardim da Estrela e o Príncipe Real, mesmo assim não os suficientes para combater a densidade, poluição e stress urbano actual.



II/1.12 Lago e cobertura do reservatório da Patriarcal, jardim do Príncipe Real.  
II/1.13 Árvore Borracheira centenária do Largo Hintze Ribeiro.



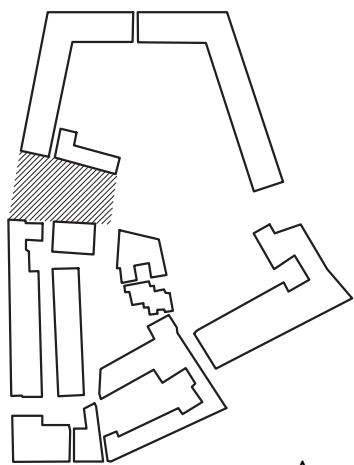




## Interior Quarteirão

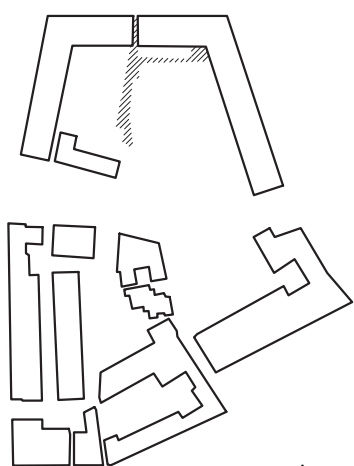
O quarteirão do Rato possui diversas características de destaque das quais a sua extrema permeabilidade Interior/exterior. Este é acessível a partir dos 4 principais pontos cardeais: a norte a partir do Largo Rato, a oeste a partir do Largo Hintze Ribeiro, a sul pela Rua Tenete Raul Cascais e a este pela Rua da Escola Politécnica; dois largos, duas ruas. Estes dificilmente encontram-se devido às construções existentes e diferenças de cota do terreno.

II/1.14 Vista Rua de São Bento; II/1.15 Largo Hintze Ribeiro.  
II/1.16 Acesso do extinto teatro do Rato; II/1.17 Fotografia acesso ao quarteirão através do Largo do Rato, 1944; II/1.18 Vista do acesso do Largo do Rato a partir do interior do quarteirão.  
II/1.19 Acesso da Rua da escola politécnica por uma velha fachada de um edificio demolido; II/1.20 Vista acesso da Rua Tenete Raúl Cascais.



Acesso Oeste: Rua São Bento.  
Largo Hintze Ribeiro

II/1.14  
II/1.15



Acesso Norte: Largo do Rato

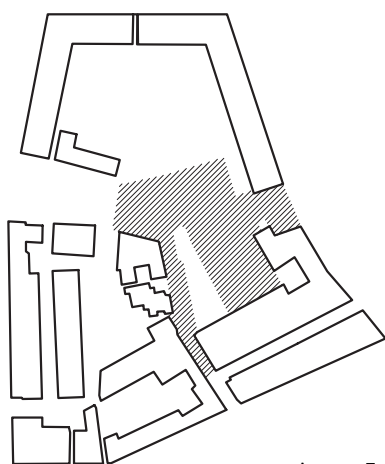
II/1.16  
II/1.17  
II/1.18



1944



1967

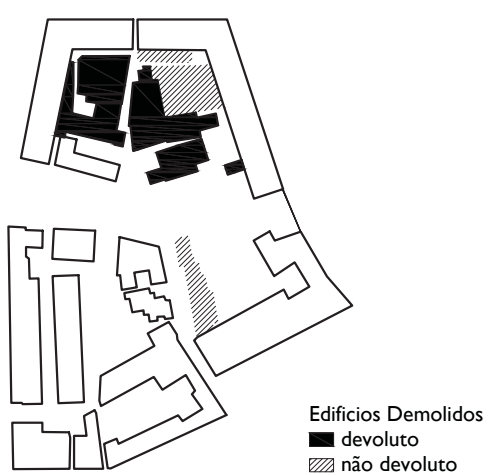


Acesso Este/ Sul: Rua Escola  
Politécnica / Rua da Tenente Raul

II/1.19  
II/1.20

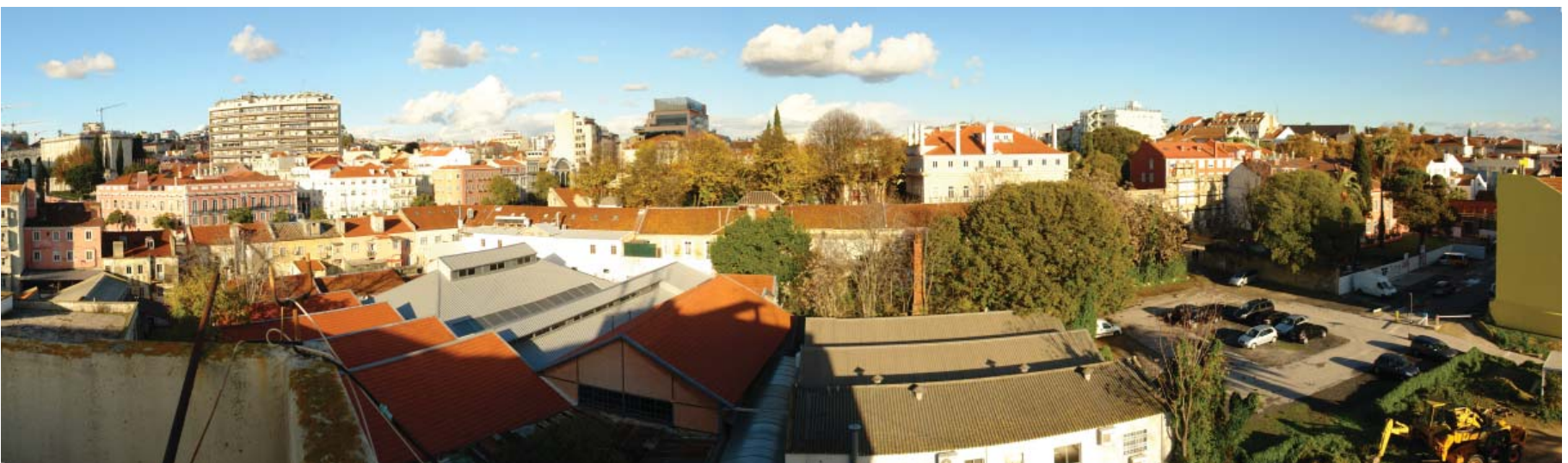
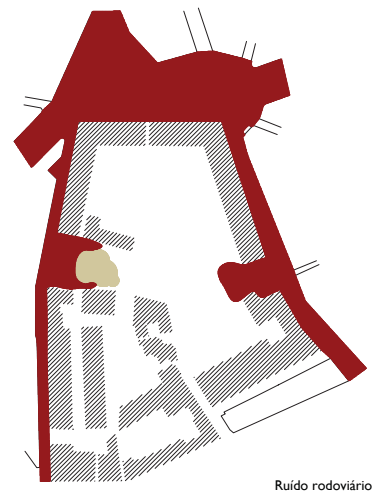
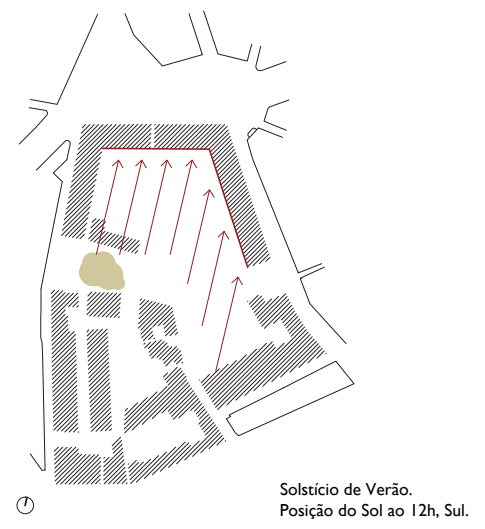
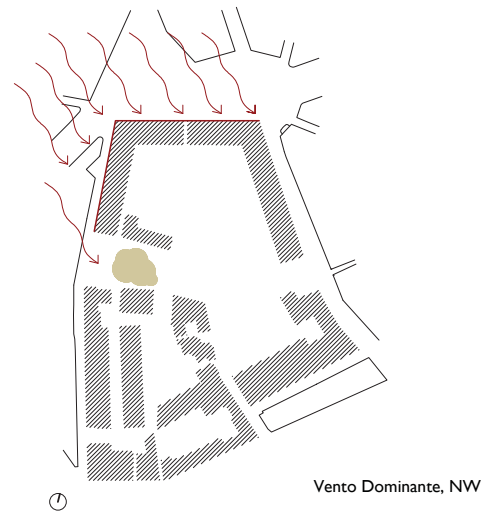


O interior do quarteirão do Rato está na sua maioria marcado pela presença de vários barracões e edifícios de características industriais em devoluto, uma grande oficina de um stand auto-móvel em funcionamento e alçados de traseira degradados dos edifícios limite do quarteirão em grande desarmónia entre si. Foi por isso considerada uma acção de limpeza deste elementos voltando de certa forma á fisionomia do quarteirão no século XIX, que apresenta características muito favoráveis para se habitar.



II/1.21 Vista Panorâmica a partir do interior do quarteirão.

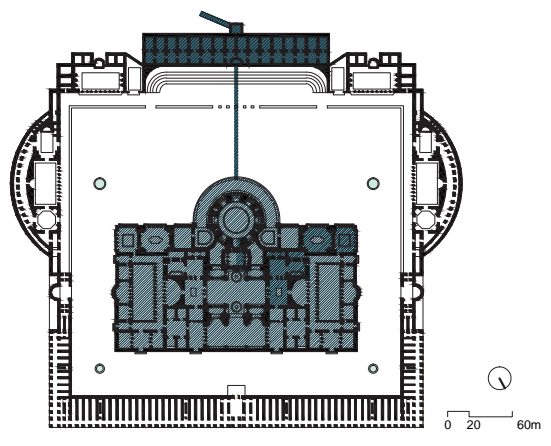
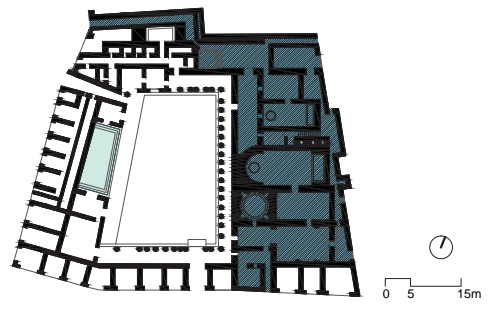




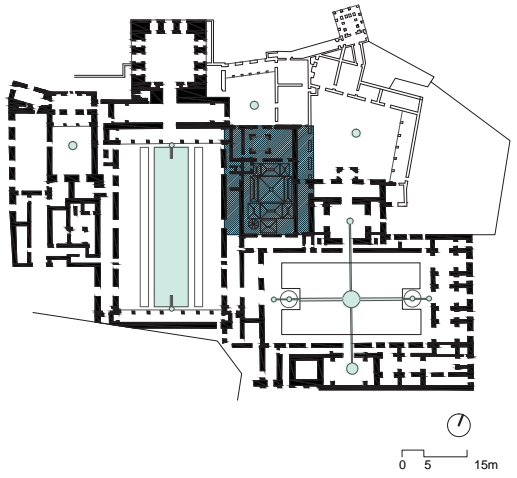
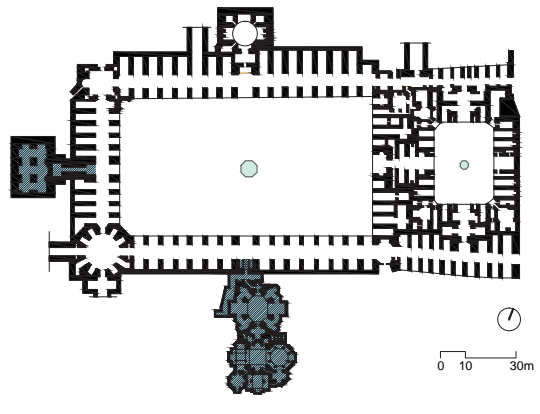
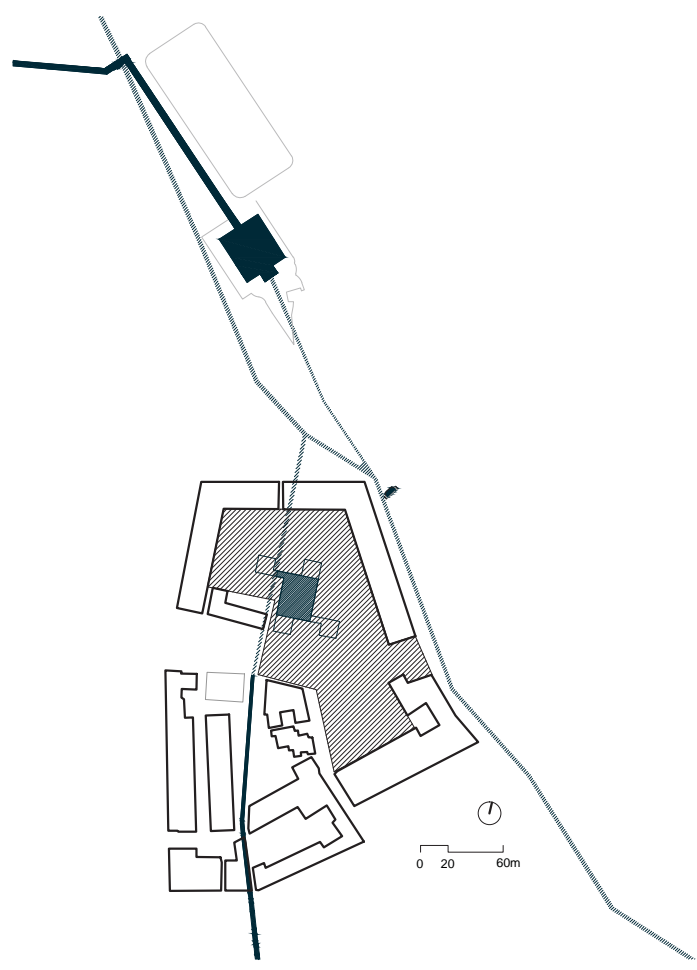
## CONCEITO TERMAL E O QUARTEIRÃO DO RATO

Após um estudo sobre as arquitecturas termais juntamente com o reconhecimento das características e intenções para o lugar tornou-se possível estabelecer-se uma análise conjunta evidenciando as semelhanças conjuntas.

O abastecimento de água através de cisternas, reservatórios e aquedutos é um tema fulcral e recorrente no mundo termal e dos banhos. Infraestrutura de que o interior do quarteirão do Rato usufrui.



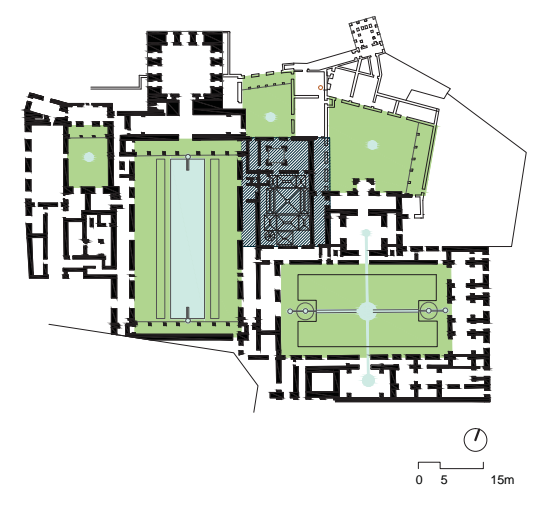
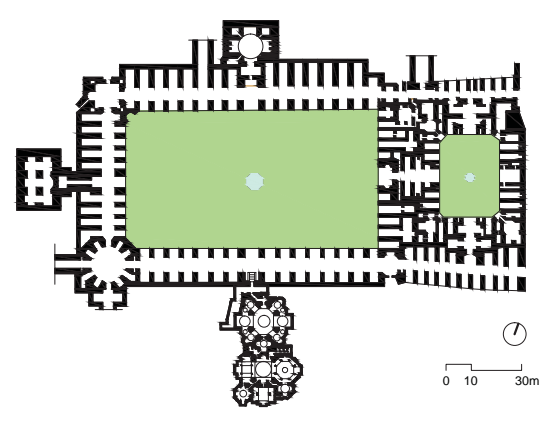
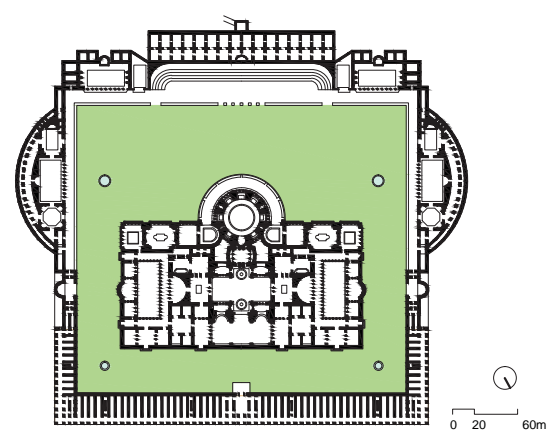
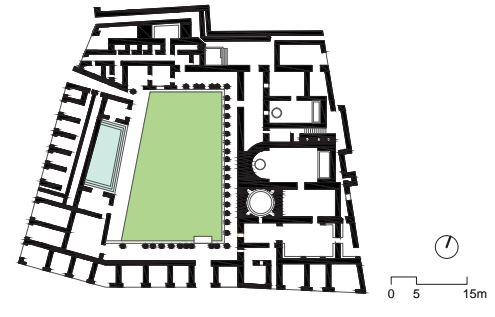
Sistema Hidrológico/Espaço termal

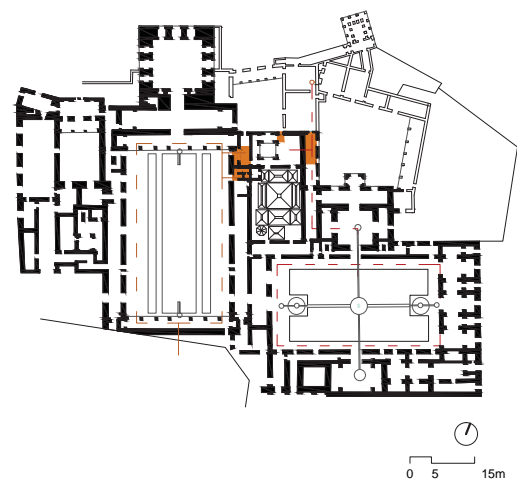
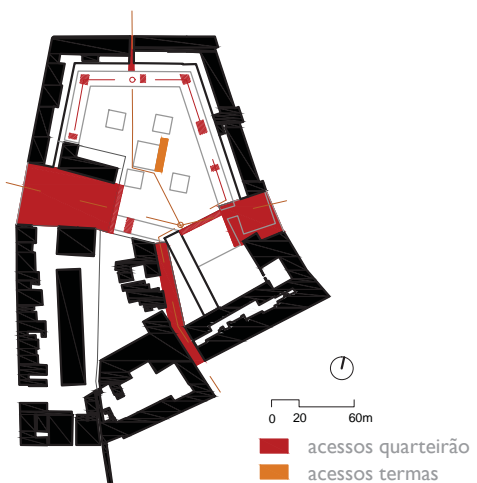
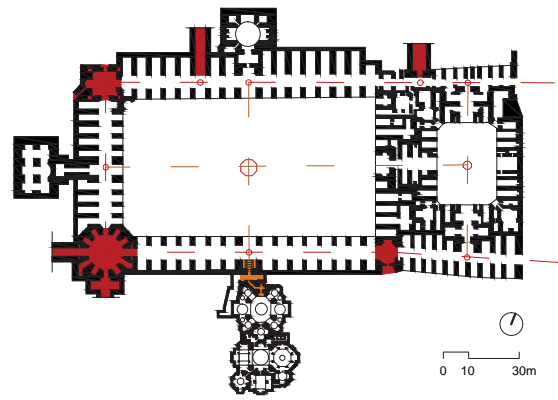
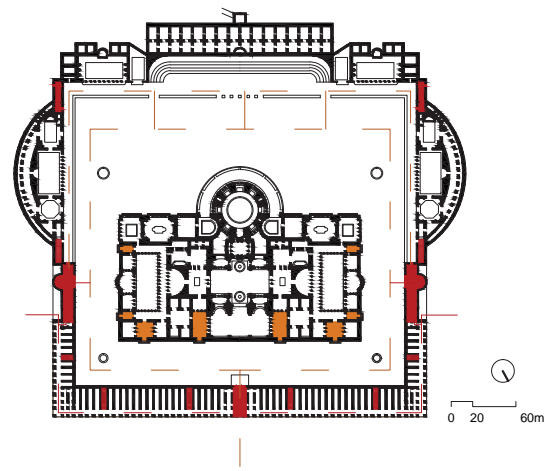
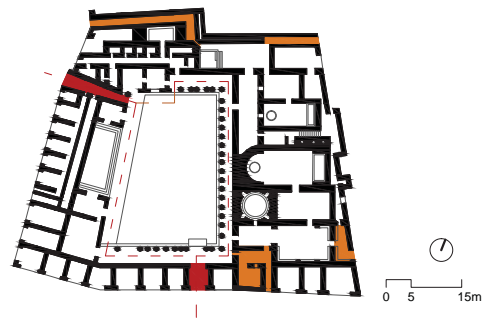




Jardim/Praça

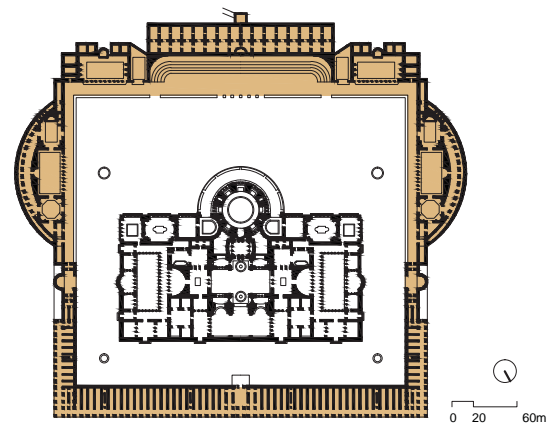
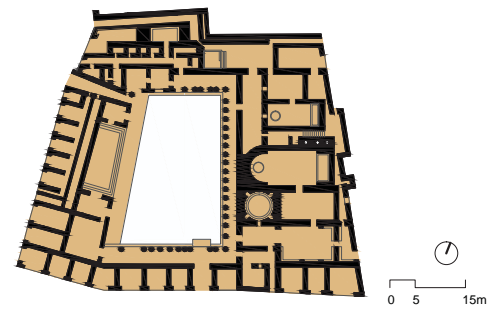
O espaço central ajardinado pontuado com repuxos e fontes é um elemento quase obrigatório nestes complexos. Anexos ou envolvente ao espaço termal, a ligação ao meio natural faz parte da rotina termal do banhista.



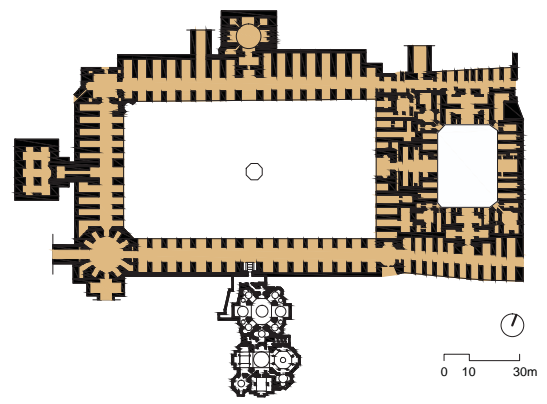


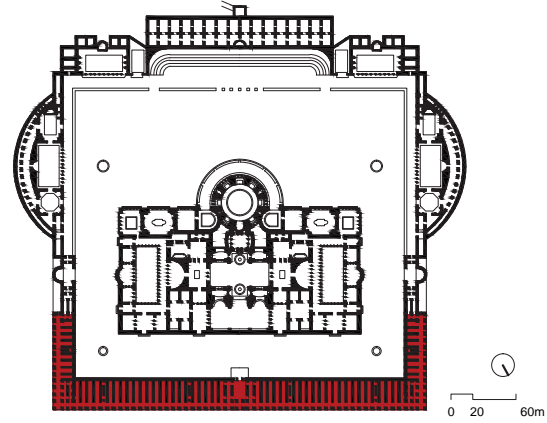
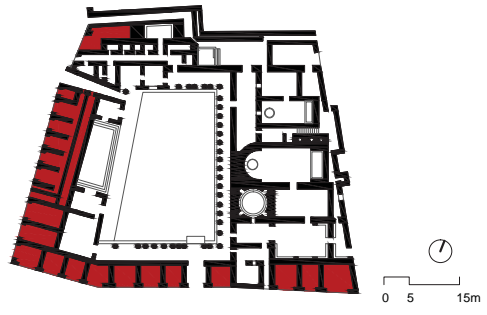
Acessos/percursos



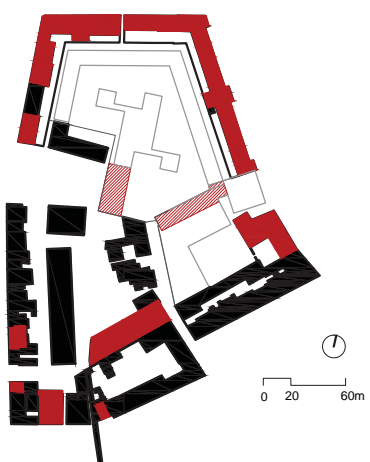
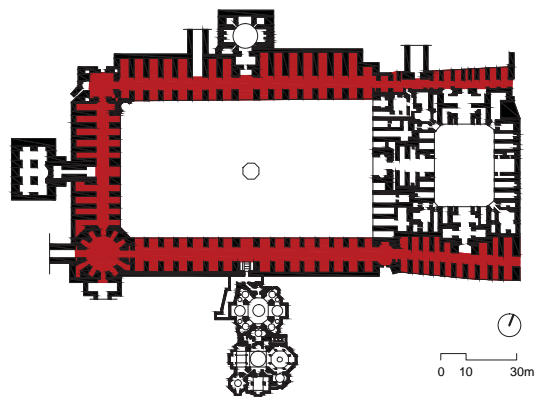


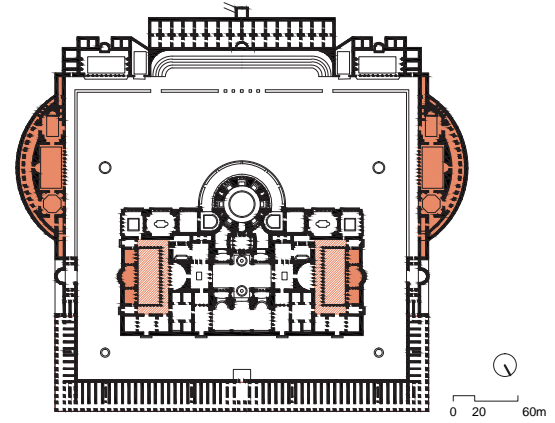
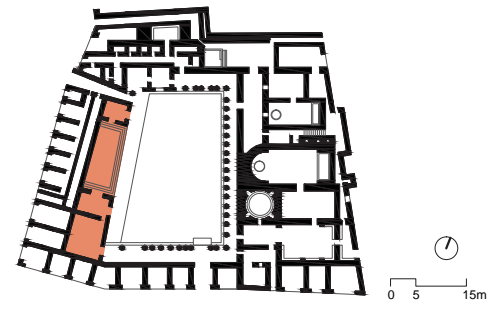
Edificio Circundante



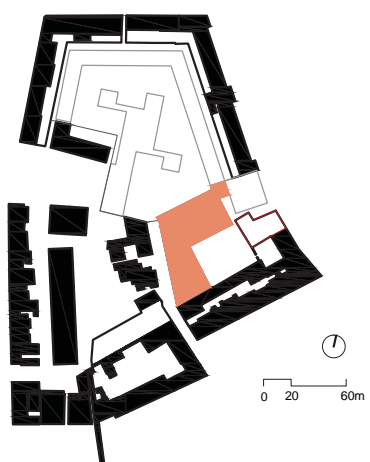


Comércio





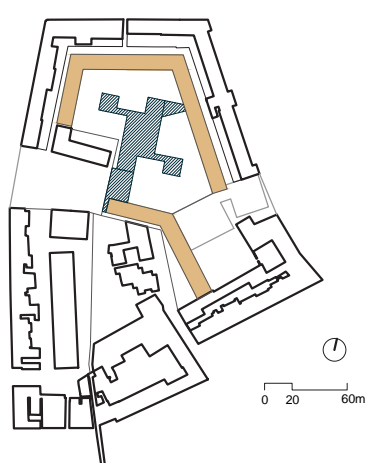
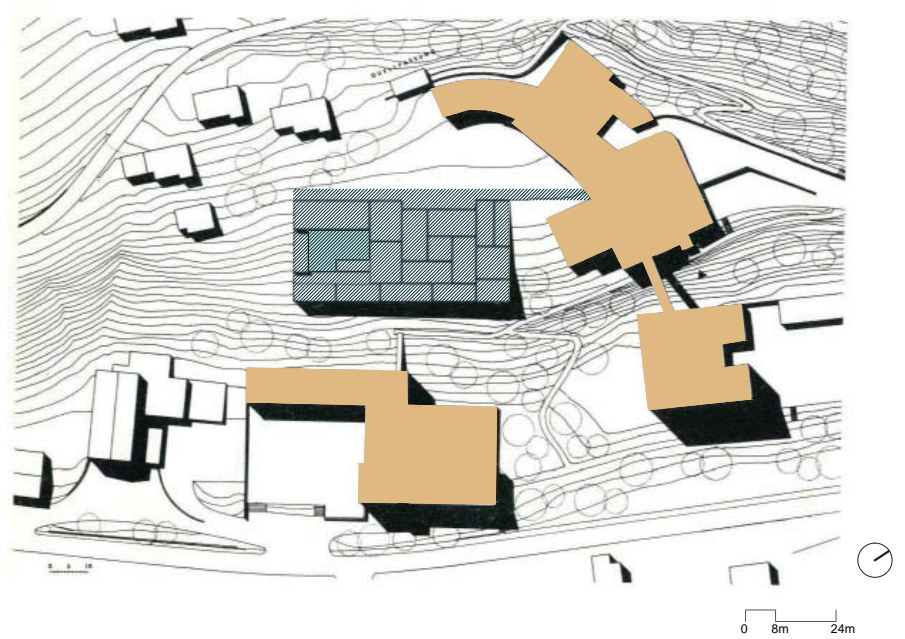
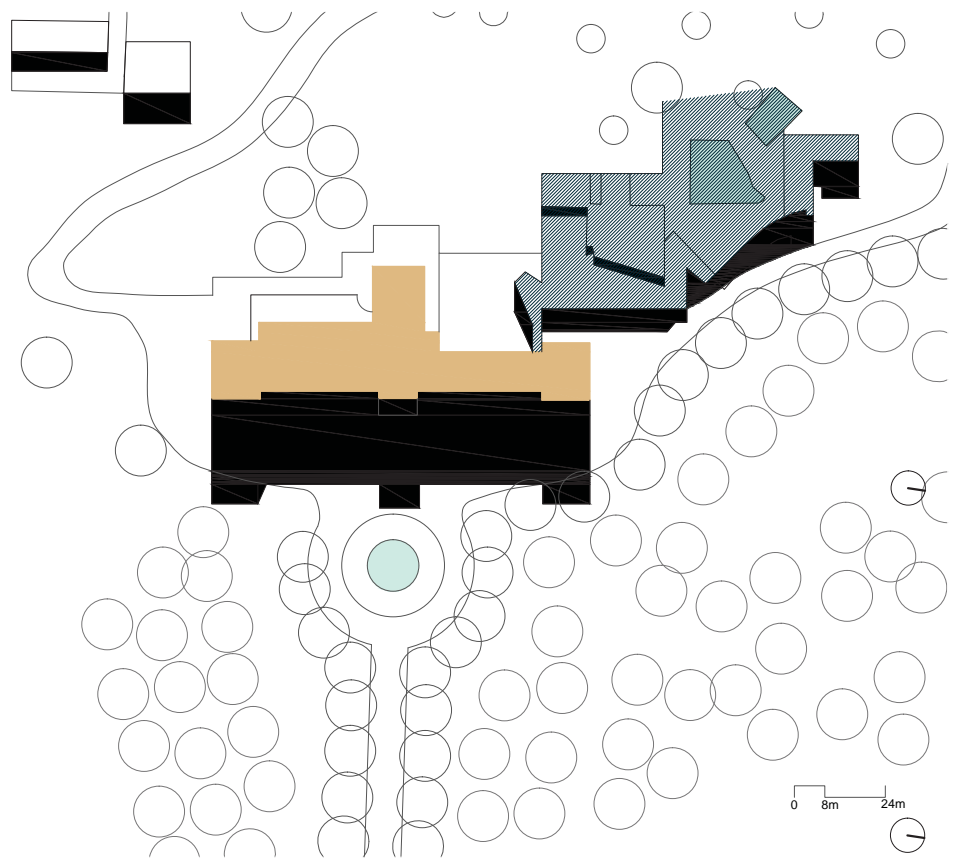
Ginásio





## Dormitório/Espaço termal

O Spa de Vidago e as termas de Vals foi introduzido posteriormente a complexos hoteleiros existentes evidenciando as potencialidades do lugar estabelecendo uma ligação interna e externa. Também no quarteirão do Rato esta ligação habitação-termas é evidente, pelo carácter permanente do residente e centralidade no seio de uma comunidade, determinando a sua prática como um estilo de vida.



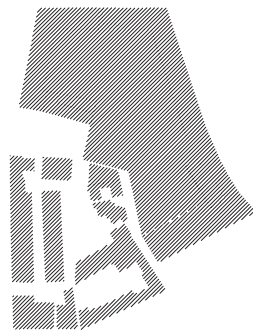
## NOVAS RELAÇÕES QUARTEIRÃO/CIDADE

### Proposta

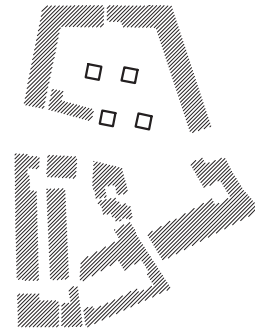
O projecto para o quarteirão do Rato passa por 5 intenções fundamentais: estabelecer a área de intervenção; criação de um espaço público no seu interior evidenciando as ligações interior-exterior aos seus limites; atribuir uma ideia de união do espaço através das habitações assistidas; criação de habitações envolvidas no coberto vegetal; criação de espaços de lazer e convívio para uma comunidade sénior; estabelecer um estilo de vida mais saudável e activo através da água.

O terreno tem um declive acentuado, com uma diferença entre a cota mais alta (rua da Escola Politécnica) e cota mais baixa (Largo Hintze Ribeiro) de 10 metros. Foram por isso estabelecidos três patamares que se ligam através de um sistema de rampas e onde se desenvolve pela seguinte ordem descendente o programa habitacional, público e comunitário.

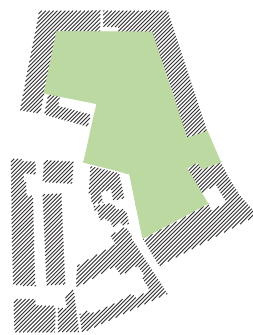




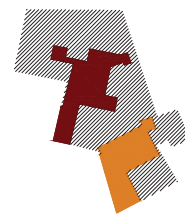
1. Quarteir



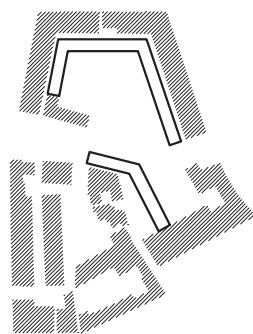
4. Residências de cuidados Intensivos



2. Jardim



5. Centro de Dia / Ginásio



3. Residências Assistidas



6. Piscinas / Spa

## Residências

Os três tipos de módulos habitações que o enunciado pedia deu origem a três diferentes edifícios: 1) o edifício a Sul que substitui e remata o largo à cota da Rua da Escola Politécnica; 2) o edifício que circunda o interior do quarteirão a poente, norte e nascente; 3) conjunto de quatro pequenas torres que pontuam o jardim.

Esta disposição dos edifícios perpétua o desenho protector do quarteirão ao mesmo tempo que dá uma nova fachada ao seu interior atenuando o problema das fachadas traseira e desunião. Estes envolvem e envolvem-se no jardim.



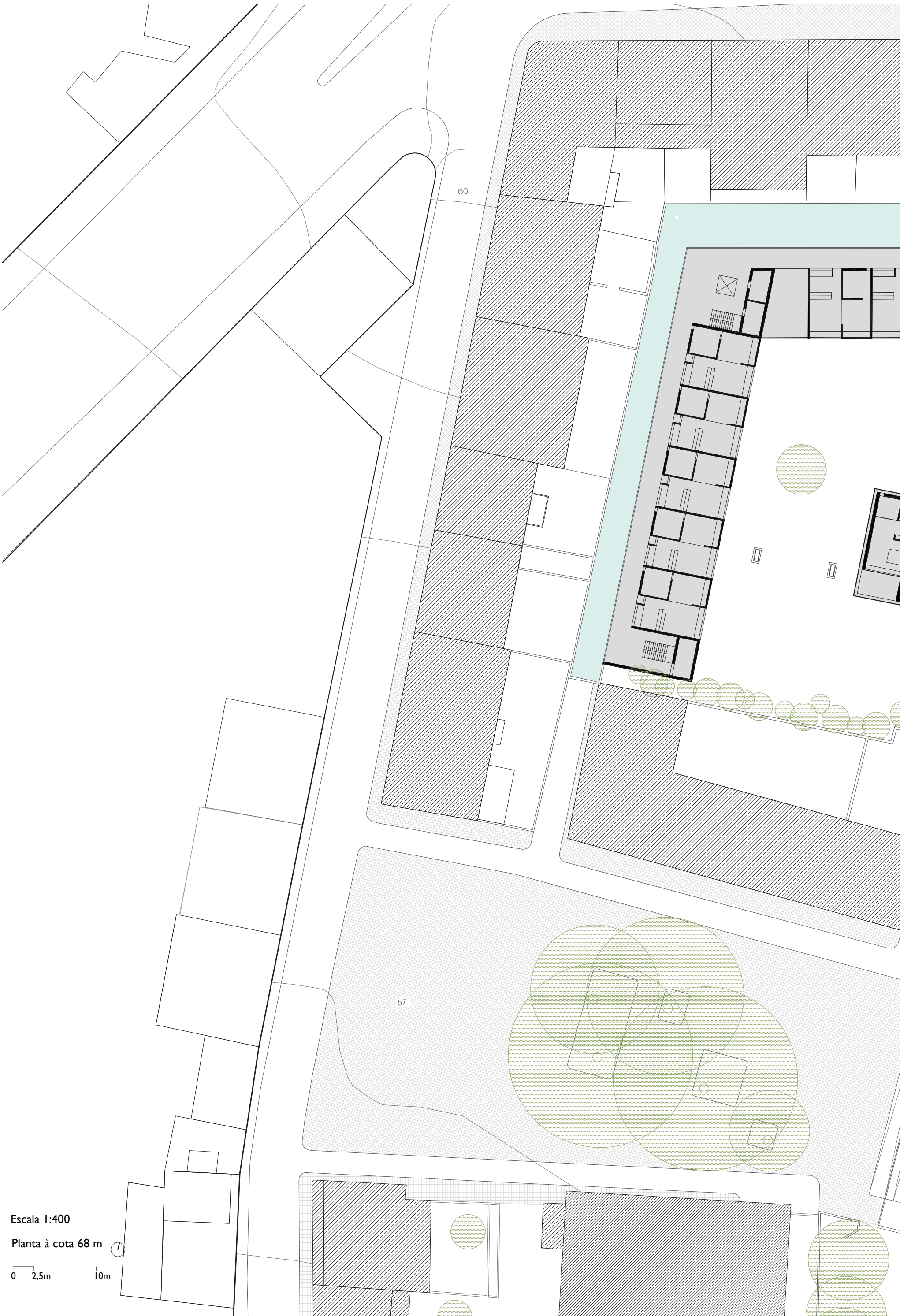
Escala 1:1000

Planta à cota 68 m



0 5m 15m 30m



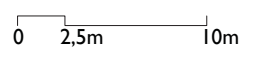


60

57

Escala 1:400

Planta à cota 68 m







65

67

## Jardim

O jardim evidencia-se pelo seu ar despido em contraponto com os densos jardins existentes em redor do Rato. Caracterizado pelo seu extenso relvado, pontuado por árvores de grande porte, (cedros, pinheiros bravos, choupos brancos) e percursos de água. Este é apresentado por um percurso em pavimento de Pedra Lioz que o atravessa desde a entrada do Rato ao restaurante e cafetaria. A meio encontramos uma “praça de água” que espelha o céu e anuncia a entrada principal das piscinas termais. A intersectar este percurso passa um pequeno canal de água que marca o trajecto da galeria subterrânea de esperança.

Um jardim no interior do quarteirão beneficia da barreira protectora ao som e à poluição do movimento da cidade. Em substituição um corredor de água com pequenas quedas contorna-o espalhando o tranquilizante som da água pelo jardim.





Escala 1:1000

Planta à cota 61 m



0 5m 15m 30m





Quiosque

Bancos de Pedra Lioz

Laje de Betão

Repuxo de Água

Escala 1:400

Planta à cota 60 m

0 2,5m 10m



57

60

62









Espaços Comuns  
(centro de dia/ginásio)

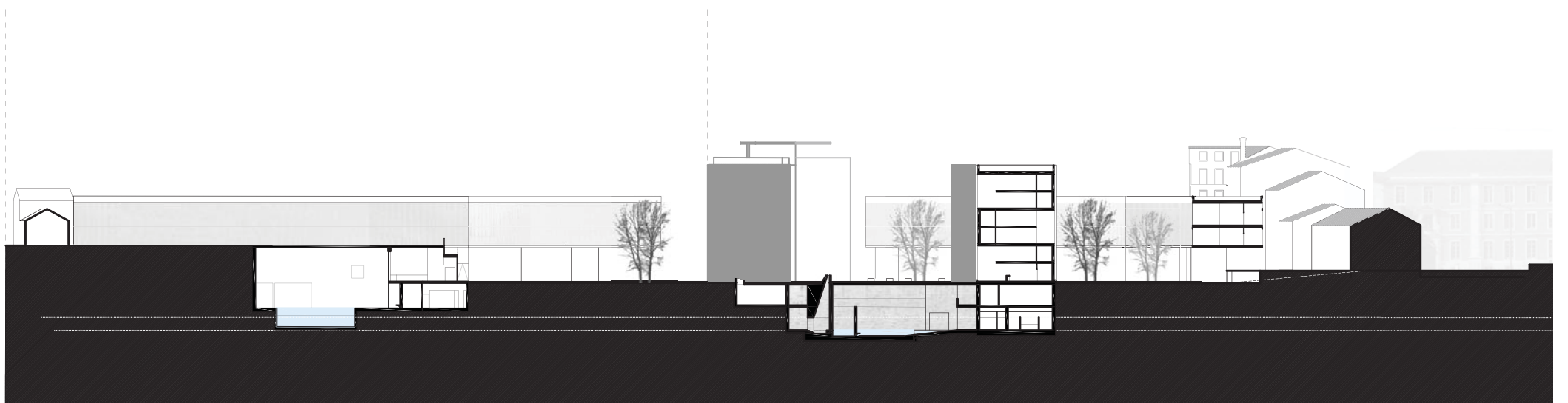
Escala 1:400  
Planta à cota 58 m ①  
0 2,5m 10m



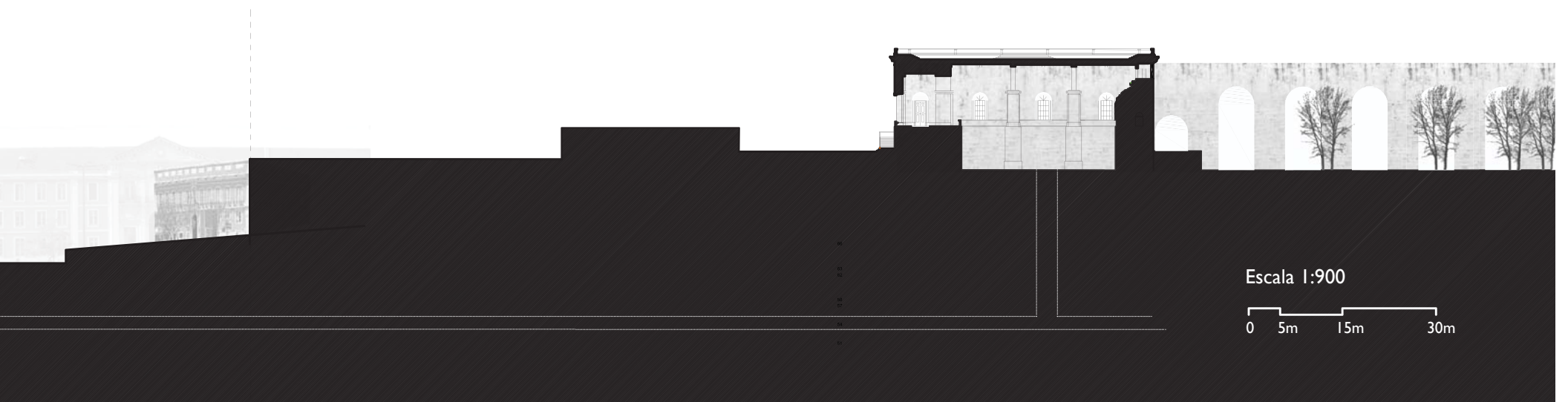
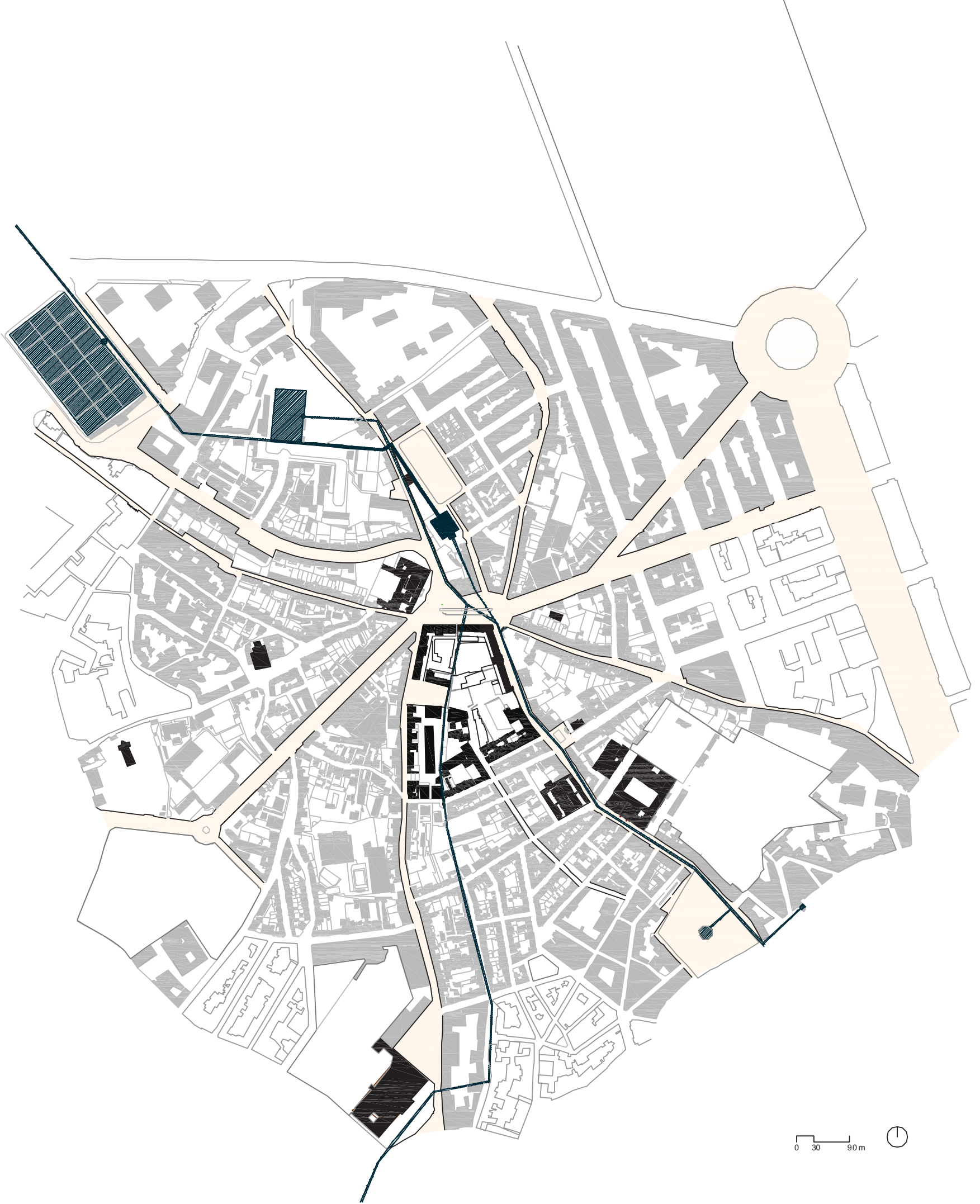




Por baixo do jardim e á cota do Largo Hintze Ribeiro encontramos o ponto de encontro da comunidade, zona de estar, de refeições, cultural e no centro um espaço destinado ao bem-estar e á hidroterapia possivelmente auxiliado pela estrutura hidrológica do aqueduto das águas livres que abastecia reservatórios e regava os jardins da cidade.













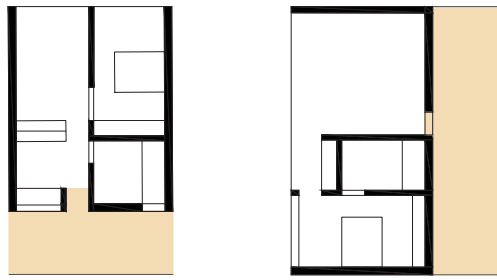
## O MÓDULO HABITACIONAL

Os módulos habitacional dividem-se em três diferentes tipos de dependência do idoso: 1) o módulo de habitação independente, 2) o módulo de habitação assistida e 3) o módulo dependente ou de cuidados intensivos.

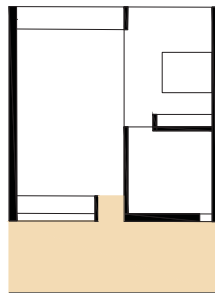
A área do módulo aumenta conforme o grau de dependência e menor mobilidade tal como os espaços semi-exteiores, permitindo ao idoso maior área de manobra e contacto com o exterior caso esteja numa cadeira de rodas ou doente sem possibilidade de se ausentar do seu quarto. Apesar da evolução necessária do módulo e á excepção de um módulo de categoria independente a sequência e organização interna dos módulos é mantida para que no caso de o idoso ter de mudar de quarto por piora do seu estado de saúde não sofra grande sensação de desconforto e estranheza.

Neste projecto foi tomada especial atenção para com o módulo 2 e 3, com destaque para o último que por sua vez apresentava um maior desafio e delicadeza. Luz, privacidade e contacto com o exterior foram as premissas para a concepção do módulo.

Circulação



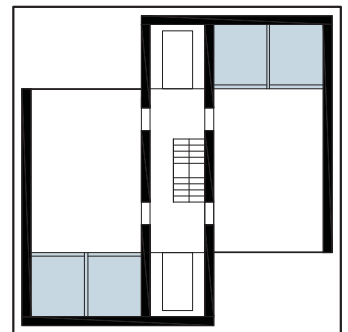
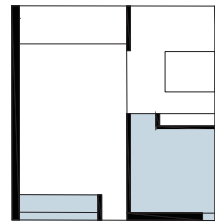
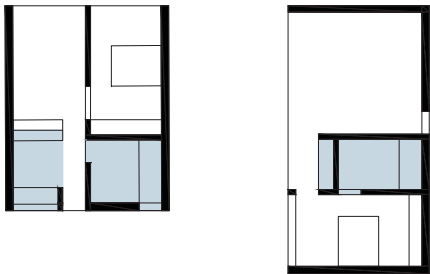
MÓDULO HABITAÇÃO ASSISTIDA



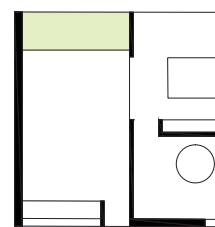
MÓDULO HABITAÇÃO de CUIDADOS INTENSIVOS



Zona de Águas



Semi-Exteriores



Módulo Cuidados Intensivos



Recepção / Sala de estar Piso 0

escala 1:75

**FACHADA**  
Pele em arame metálico

**PAREDES**  
Betão Branco à vista(exterior)  
Paredes divisórias (alvenaria 7 e 11 cm)  
Revestimentos: Reboco branco (paredes interiores)

**PAVIMENTOS**  
Madeira clara (Freixo)  
Alcatifa (zona acessos)  
Betonilha cimento(I.S.)  
Pedra Lioz (átrio)  
Linóleo cor cinza (salas de arrumos)

**Vãos**  
Caixilho madeira clara a definir  
Vidro duplo

**MOBILIÁRIO** fixo  
Pedra Lioz (balcão)



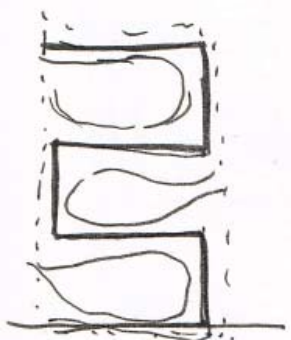
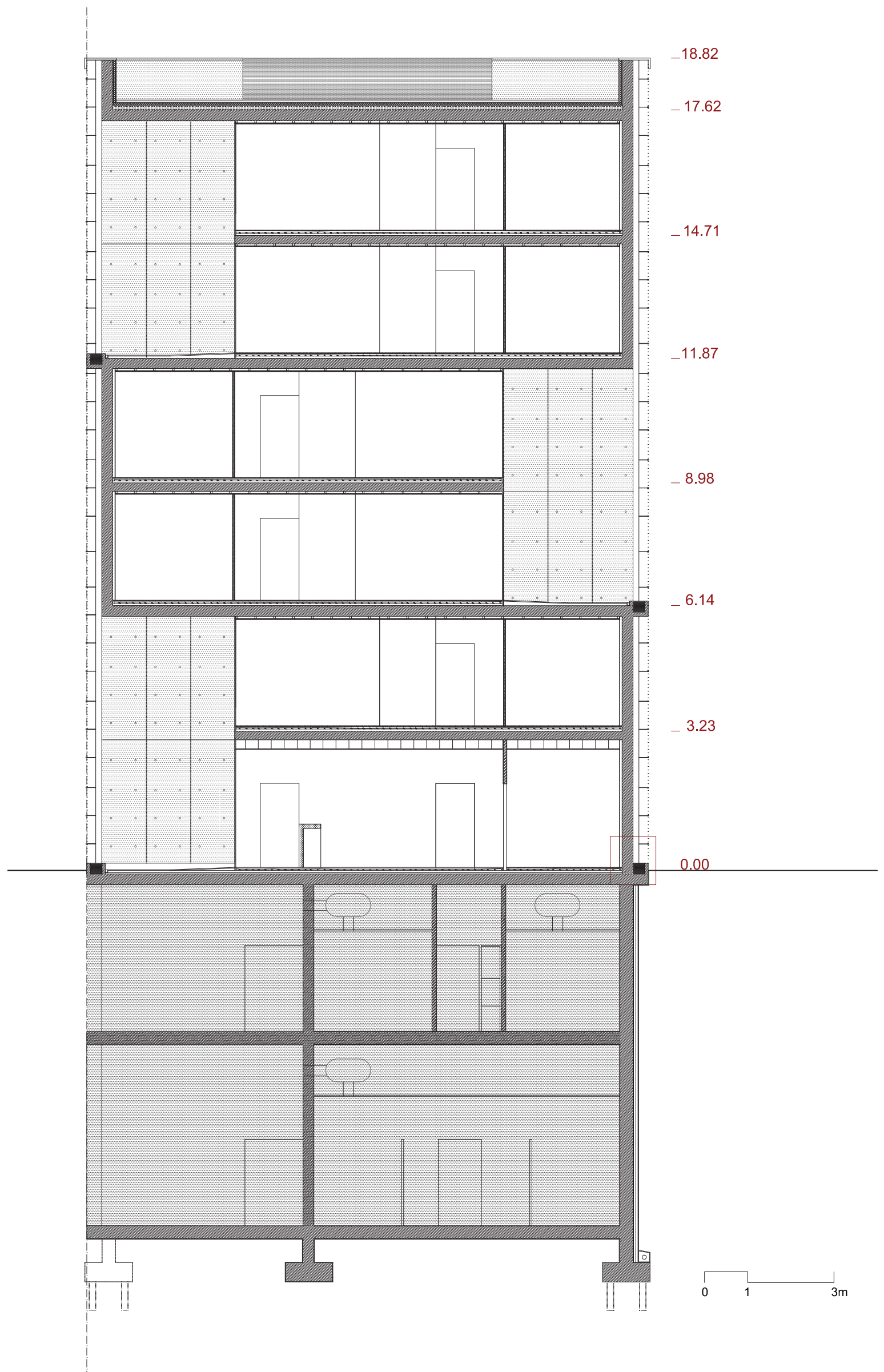


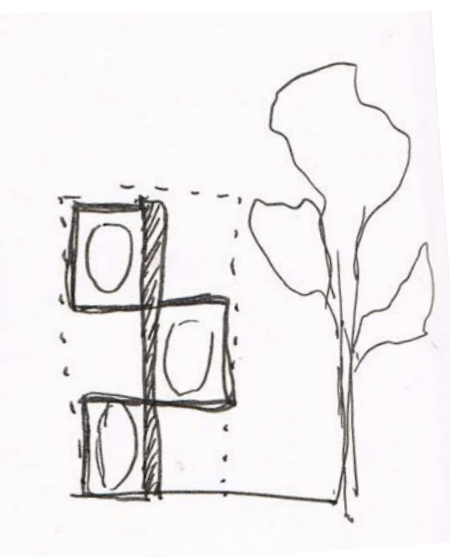
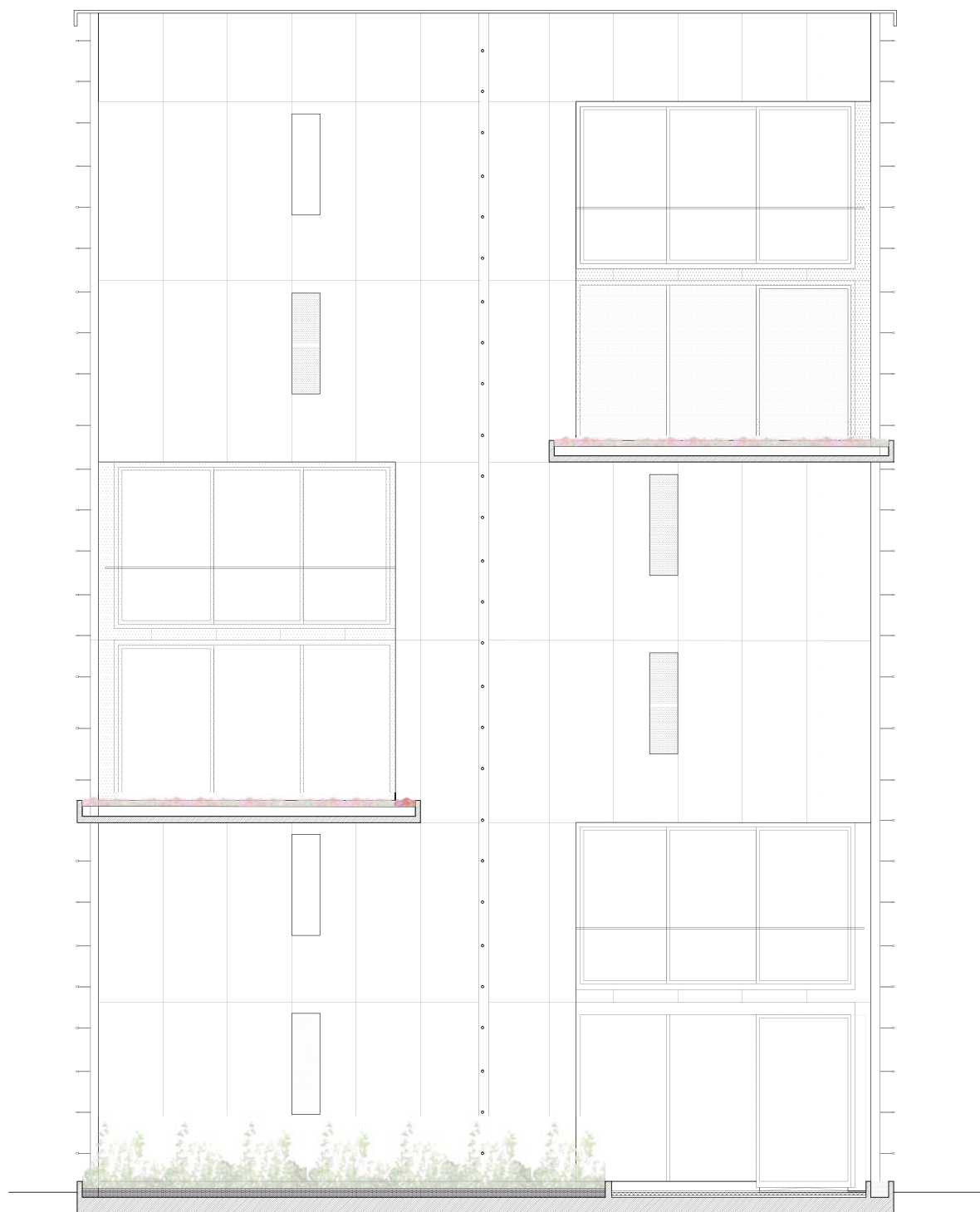
**Piso Quartos**  
1:75

**PAREDES**  
 Betão Branco à vista (exterior)  
 Paredes divisórias (alvenaria 7 e 11 cm)  
 Revestimentos: Reboco branco (paredes interiores)

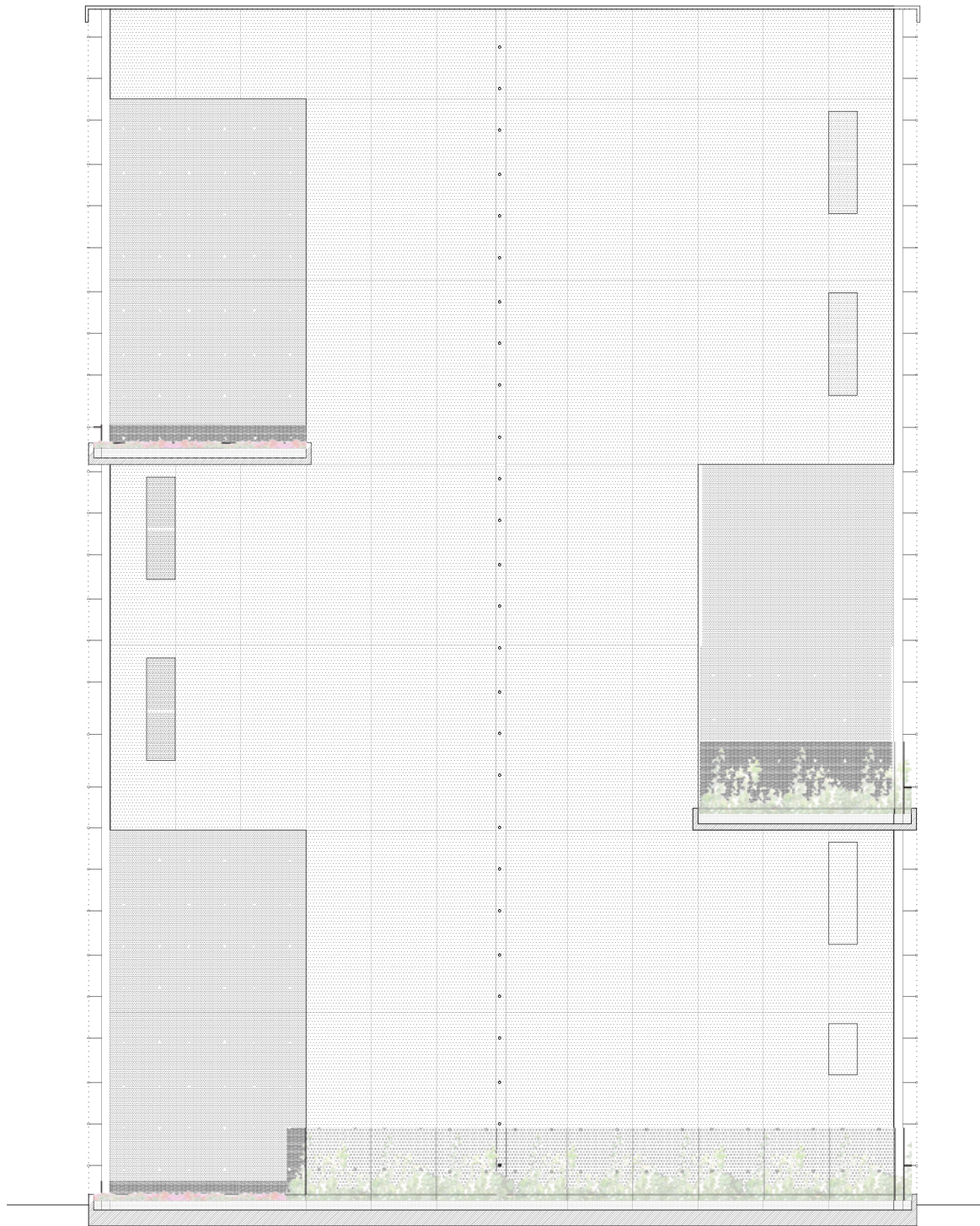
**PAVIMENTOS**  
 Madeira clara Freixo  
 Mosaico (I.S.)  
 Pedra Lioz (alpendre)  
 Alcatifa (zona acessos)

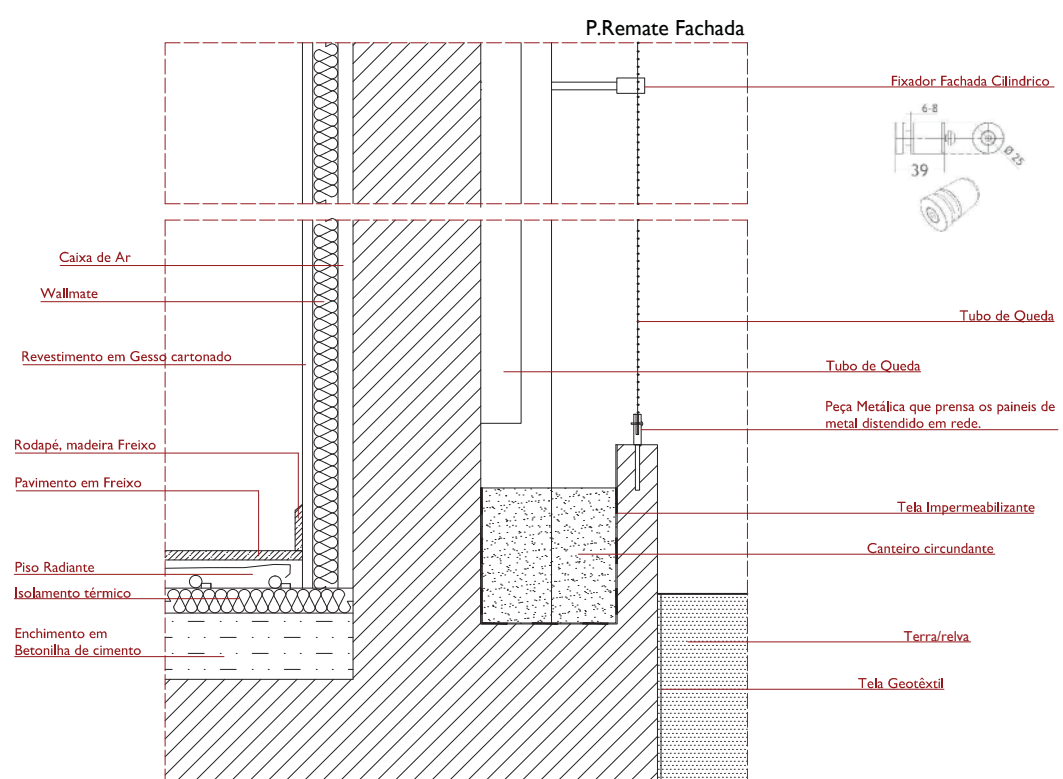
**Vãos**  
 Caixilho madeira clara a definir  
 Vidro duplo  
 Vão de correr



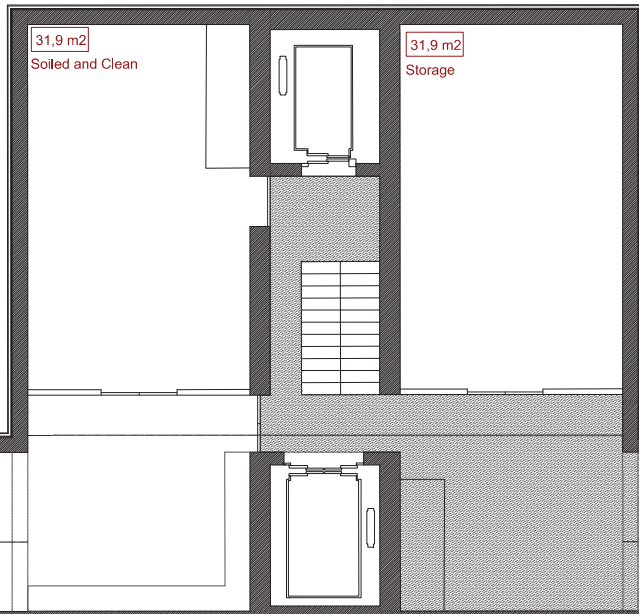




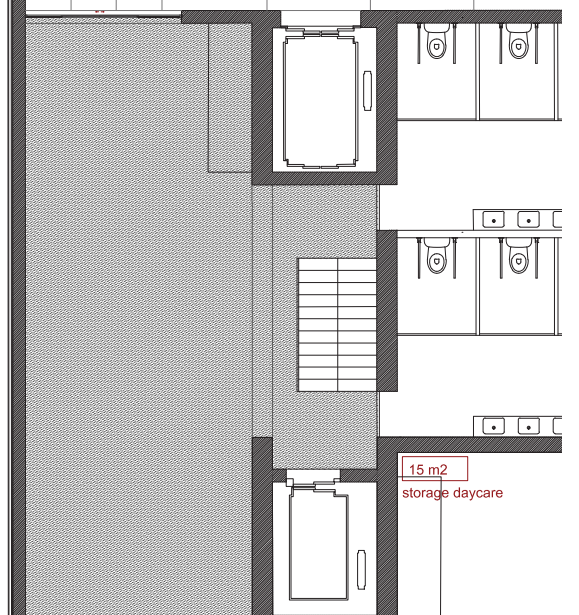
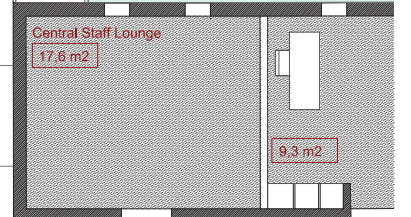
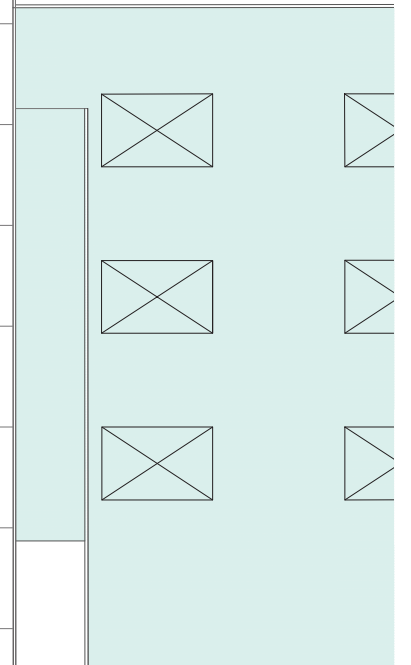
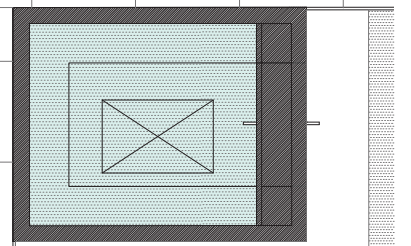




Escala 1:15

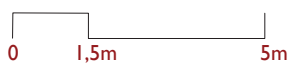


ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO TERMAL À ROTINA DE UMA COMUNIDADE SÉNIOR

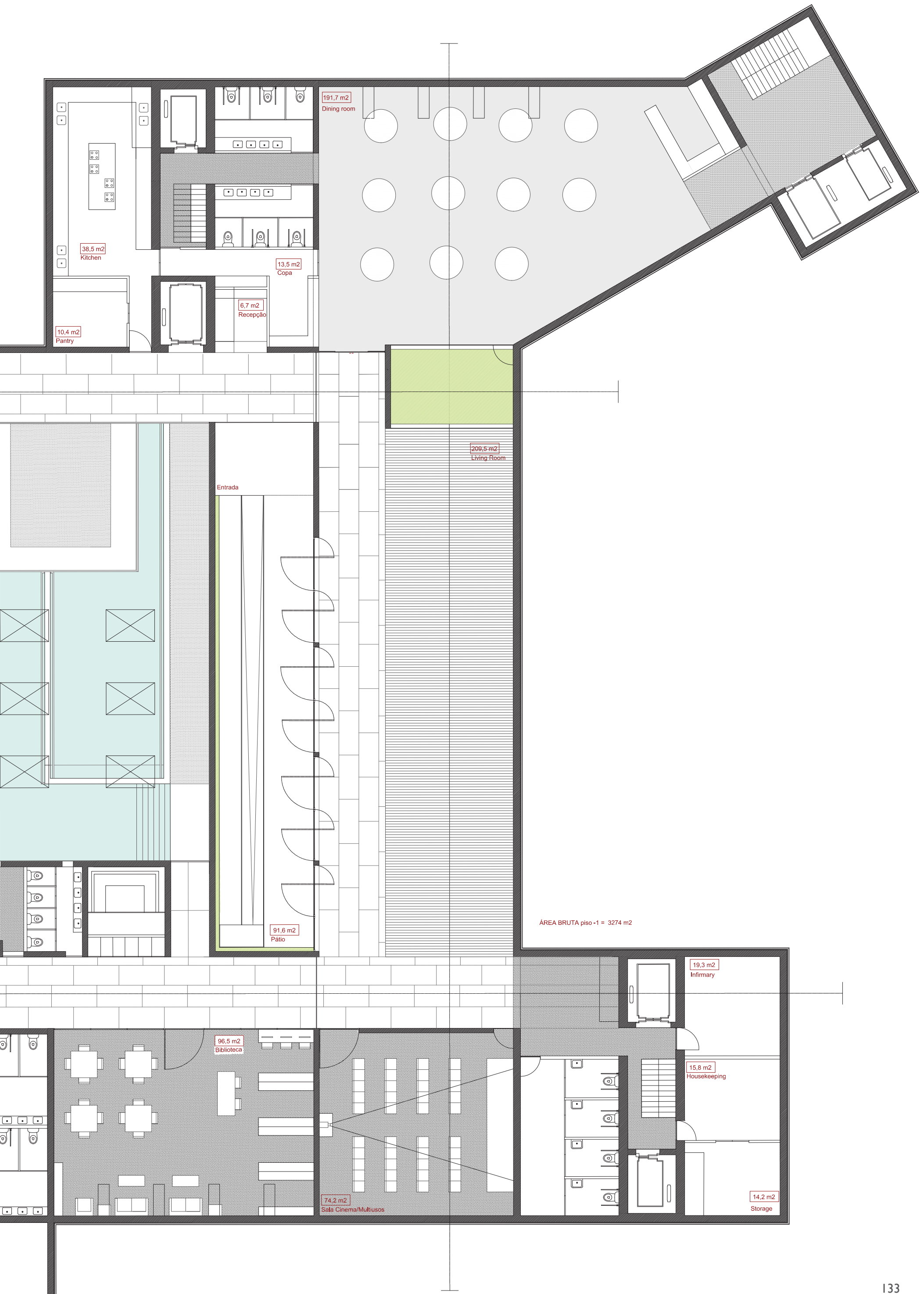


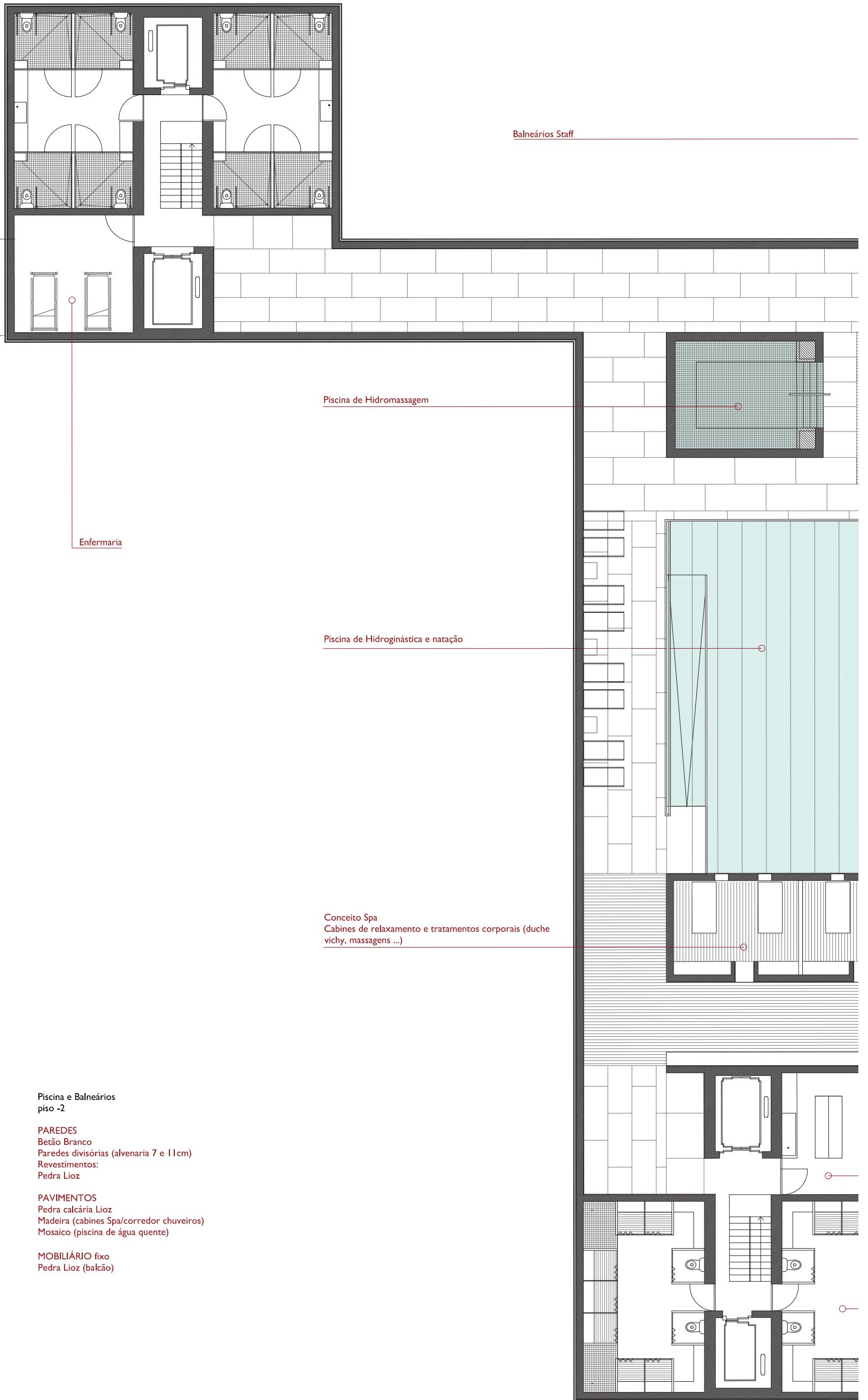
Escala 1:150

Planta à cota 58 m









Balneários Staff

Piscina de Hidromassagem

Enfermaria

Piscina de Hidroginástica e natação

Conceito Spa  
Cabines de relaxamento e tratamentos corporais (duche vichy, massagens ...)

Piscina e Balneários  
 piso -2

**PAREDES**  
Betão Branco  
Paredes divisórias (alvenaria 7 e 11cm)  
Revestimentos:  
Pedra Lioz

**PAVIMENTOS**  
Pedra calcária Lioz  
Madeira (cabines Spa/corredor chuveiros)  
Mosaico (piscina de água quente)

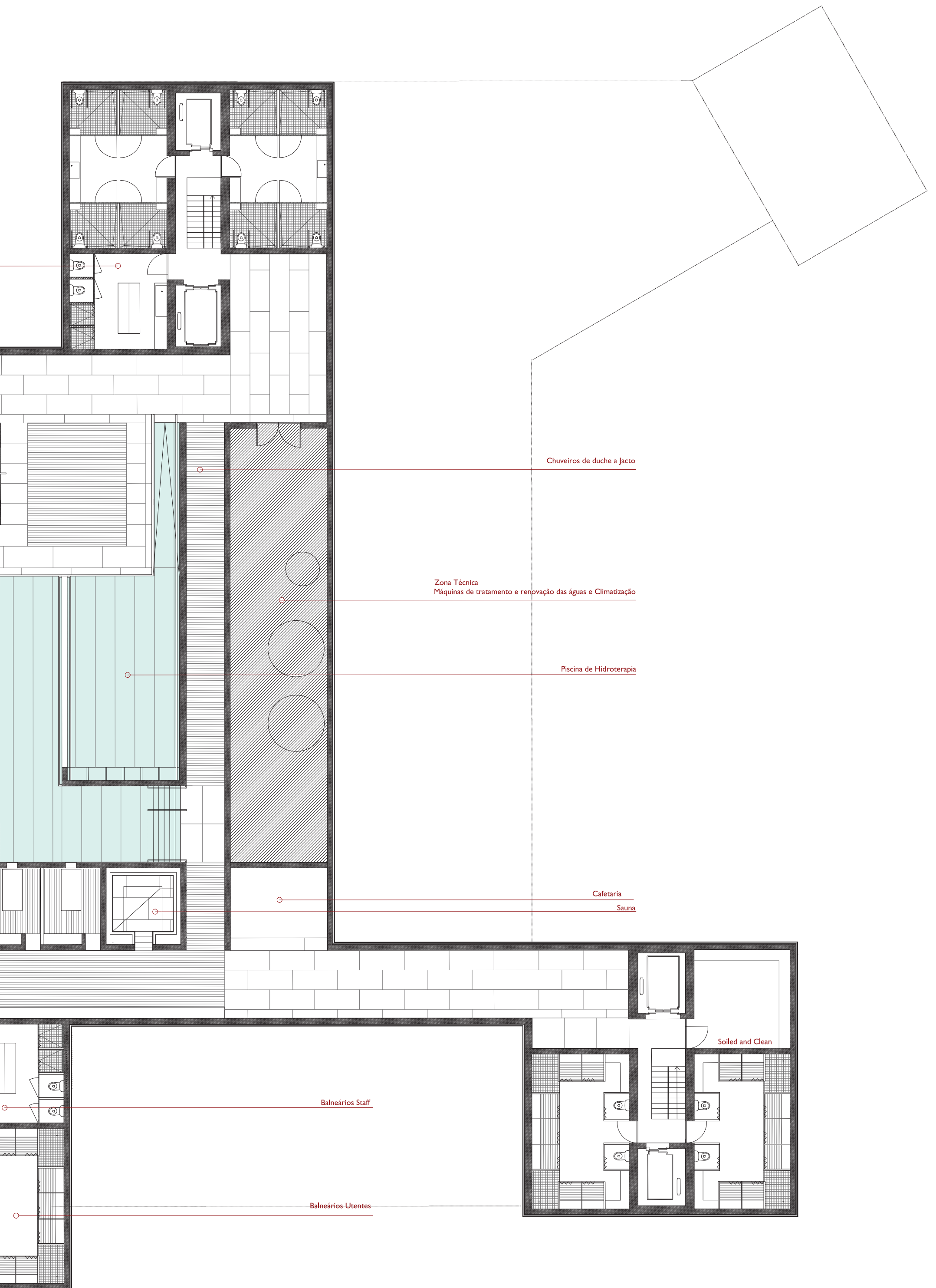
**MOBILIÁRIO** fixo  
Pedra Lioz (balcão)

Escala 1:150

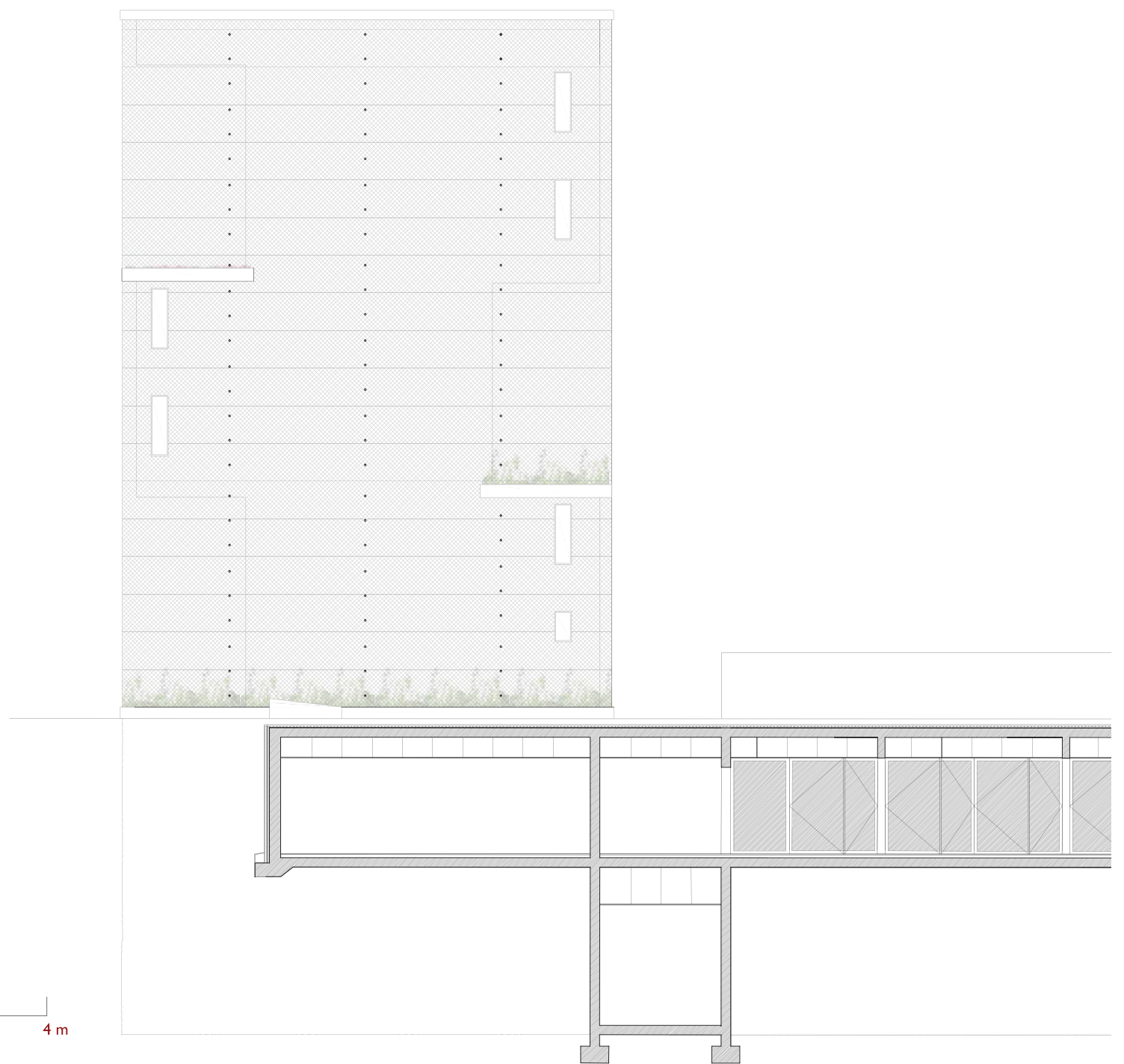
Planta à cota 54 m

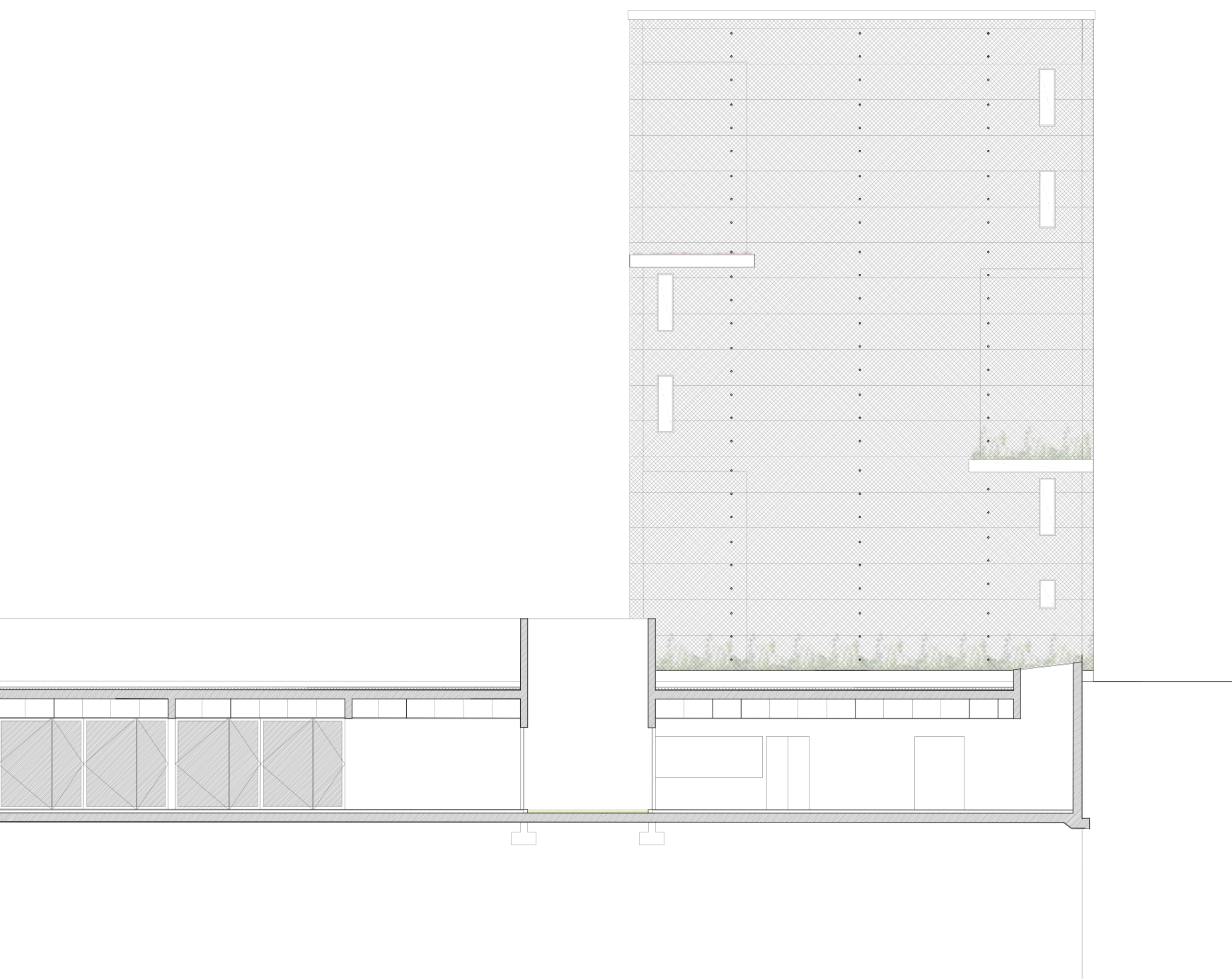










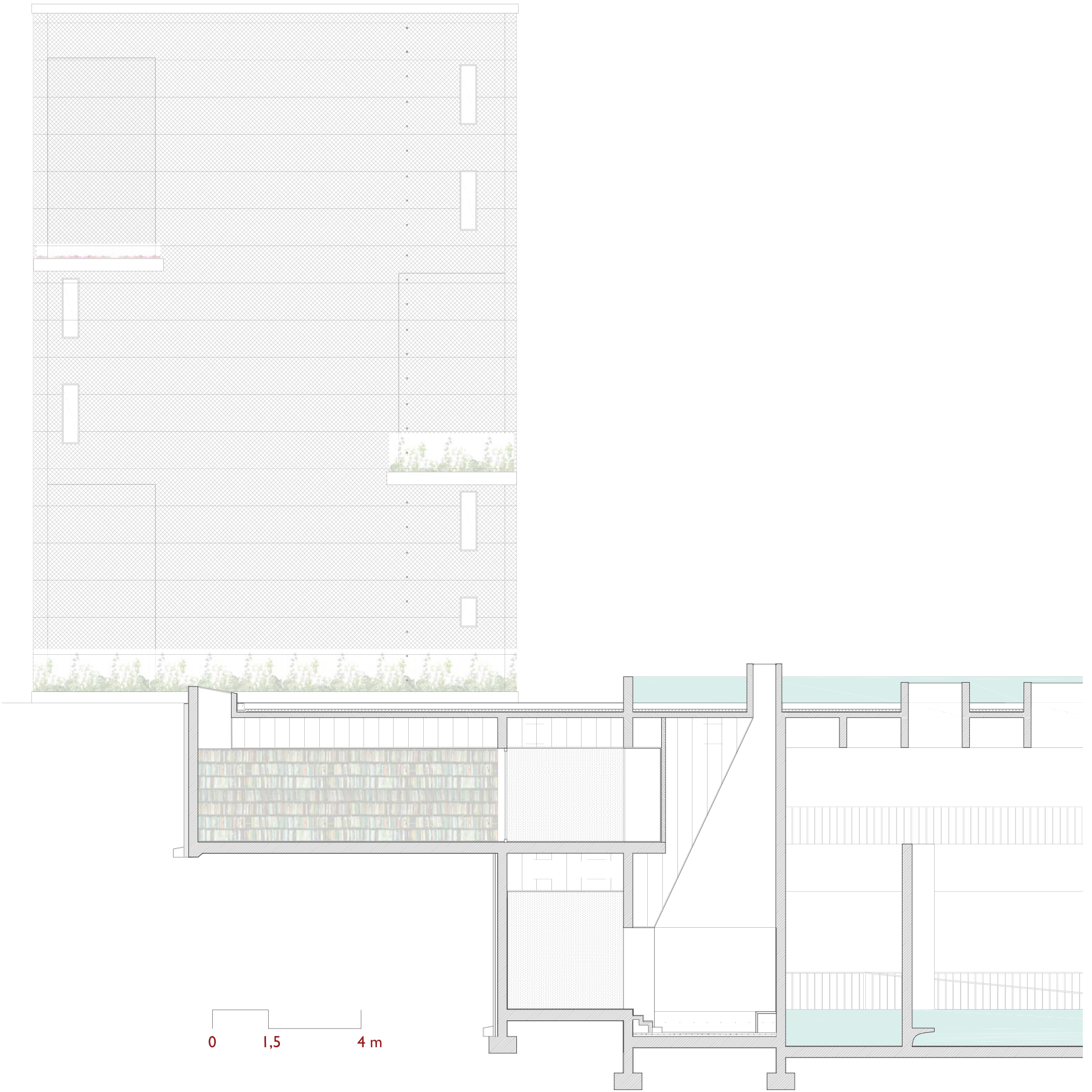


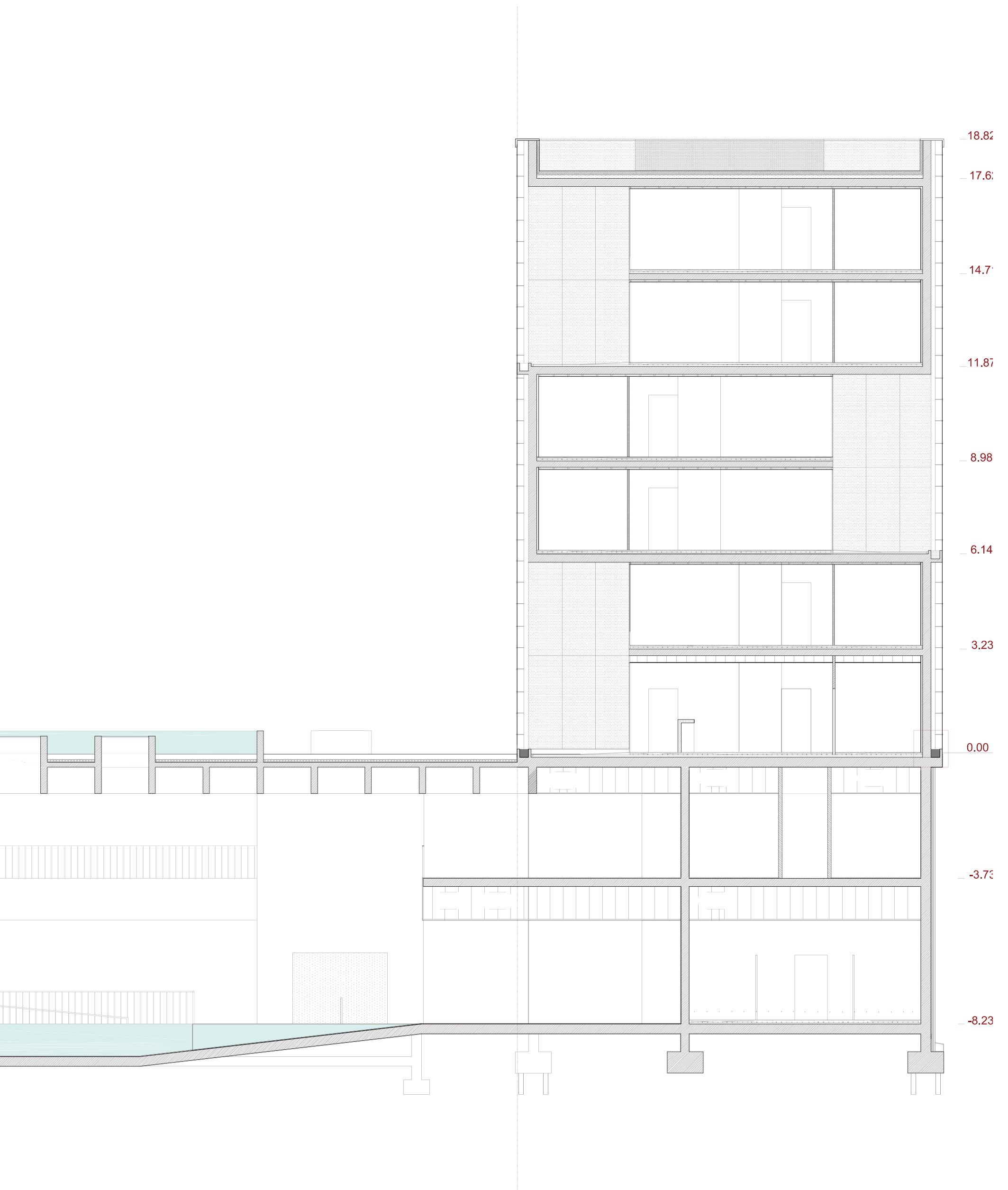


0 1,5 4 m











## CONCEITO CONSTRUTIVO E MATERIALIDADES

A lógica de unidade seguida na proposta de implantação do projecto é igualmente aplicado nas estruturas dos edificios deste complexo, tanto os exteriores (residências) como interiores (espaço termal). Betão armado branco é o material estrutural escolhido, pedra artificial do nosso século que mais se aproxima da robustez e tez clara do Lioz. A vigas de betão entrelaçadas com uma métrica regular surge como solução para os espaços que têm necessariamente vencer grandes vãos como é o caso da cobertura das piscinas, e também como solução que melhor se adequa a uma coberta com expressão e “textura” pretendida, que conciliasse naturalmente com a intersecção das clarabóias.



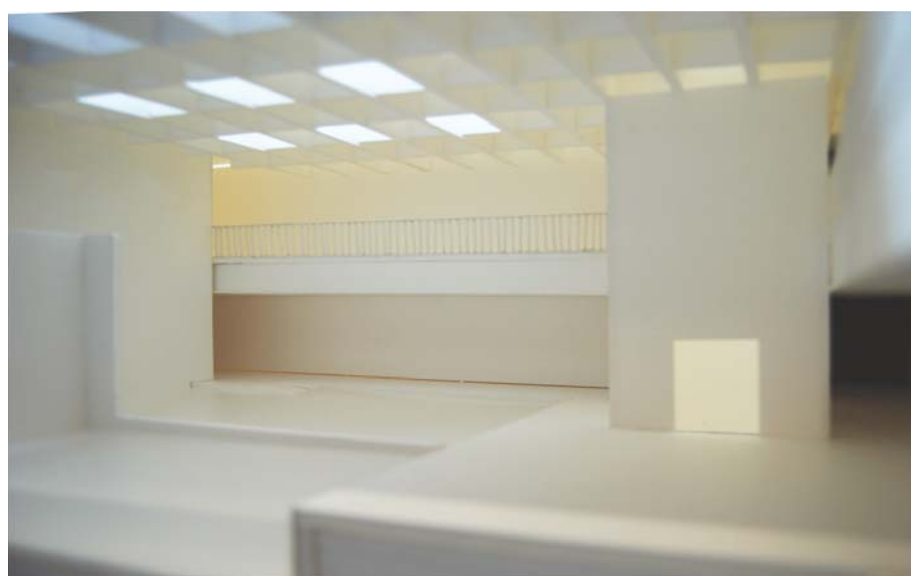
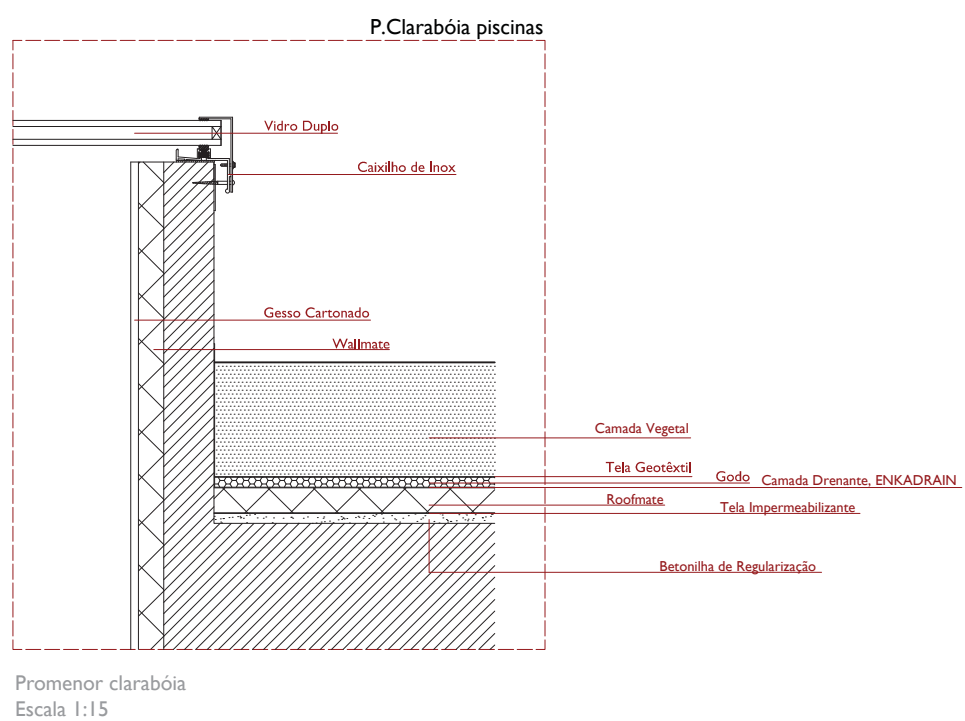
III/1.1 Frank Lloyd Wright demonstra com as mãos dois sistemas estruturais básicos, em cima um sistema orgânico de vigas entrelaçadas, em baixo o antigo sistema construtivo da coluna e da viga.  
III/1.2 Beacon, museu da Dia Art Foundation em Nova York, 2003. Projecto de Peter Zumthor característico pela sua ampla cobertura em vigas de betão branco de padrão ortogonal; III/1.3 Great Western Savings and Loan, 1961. Paffard Keatinge-Clay; III/1.4 Faculdade de Arquitectura da Universidade de São Paulo, projecto de Vilanova Artigas, 1969.

III/1.2



III/1.3  
III/1.4





III/1.5 e III/1.6 Imagem do espaço termal do projecto onde é visível a forte presença estrutural da cobertura e suas clarabóias.



## Revestimentos

Também nos revestimentos foram procurados materiais claros com o objectivo de absorvendo e reflectir a maior quantidade de luz natural, factor de bem estar. Para além desta premissa também houve a preocupação de que a relação com o lugar e a história do mesmo se reflectisse através dos materiais e por isso a pedra calcária Lioz surge como revestimento de eleição sobretudo nos espaços em contacto directo com a água, devido á sua forte e histórica presença na cidade de Lisboa e na estrutura hidrológica da mesma. Freixo é a madeira utilizada nos espaços comuns e nos módulos habitacionais.

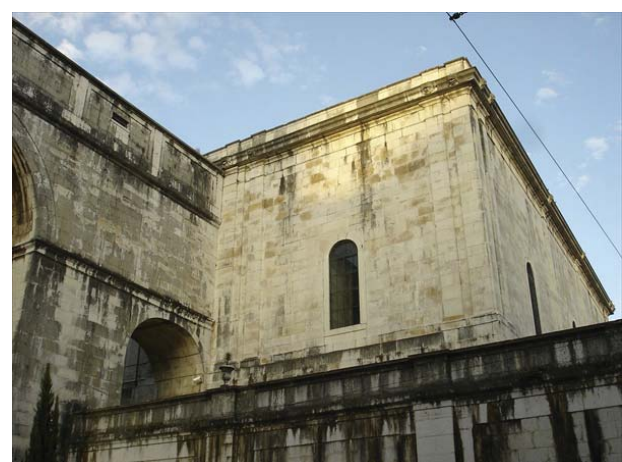


Pedra Lioz



Madeira de Freixo

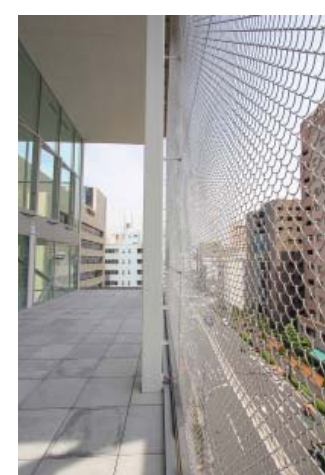
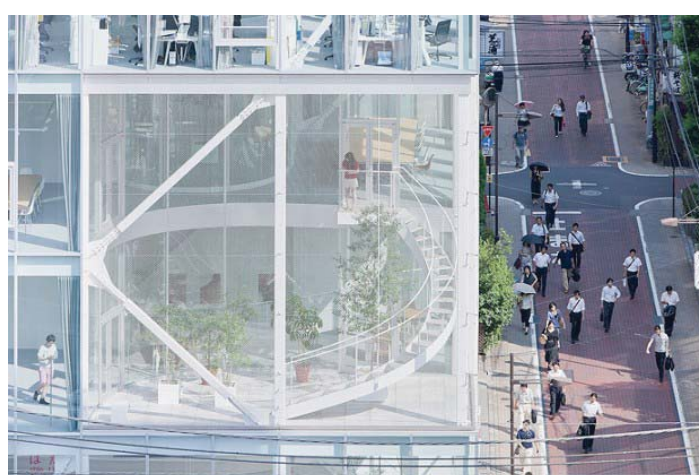
III/1.7 Reservatório da Mãe d'água, emblemática obra Joanina em pedra Lioz.



## Pele

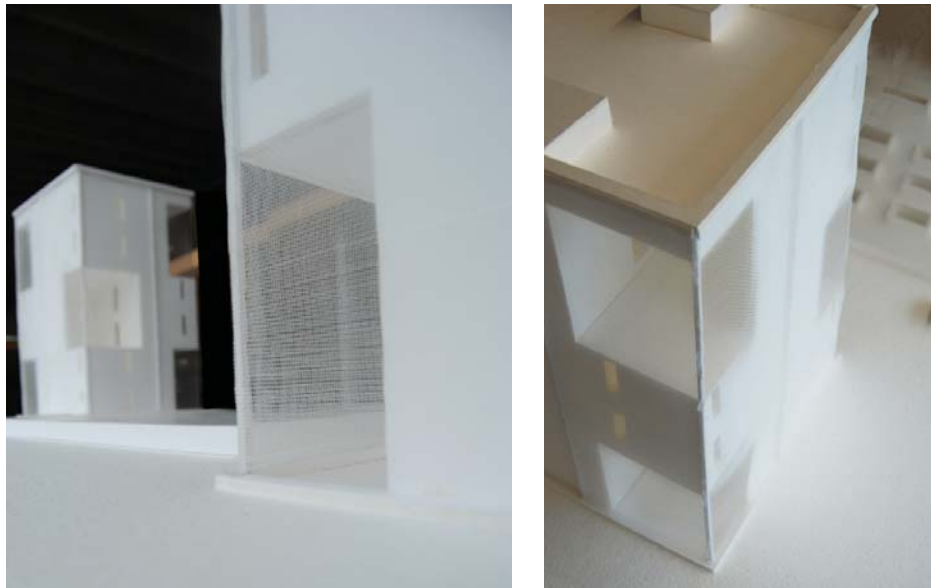
De encontro a três factores base para os espaços semi-exteriores dos módulos habitacionais aparentemente incompatíveis, luz/privacidade/contacto com o exterior, o arame surge como elemento chave desta relação. O arame entrelaçado e de fina espessura permite a entrada livre da luz, cria um efeito de penumbra conforme a distância e o ângulo a que se está da mesma ao mesmo tempo que possibilita a libertação de grandes vãos das guardas e outros elementos que obstem a visão.

Este é aplicado como revestimento integro nas torres e parcial nos restantes edificios habitacionais.

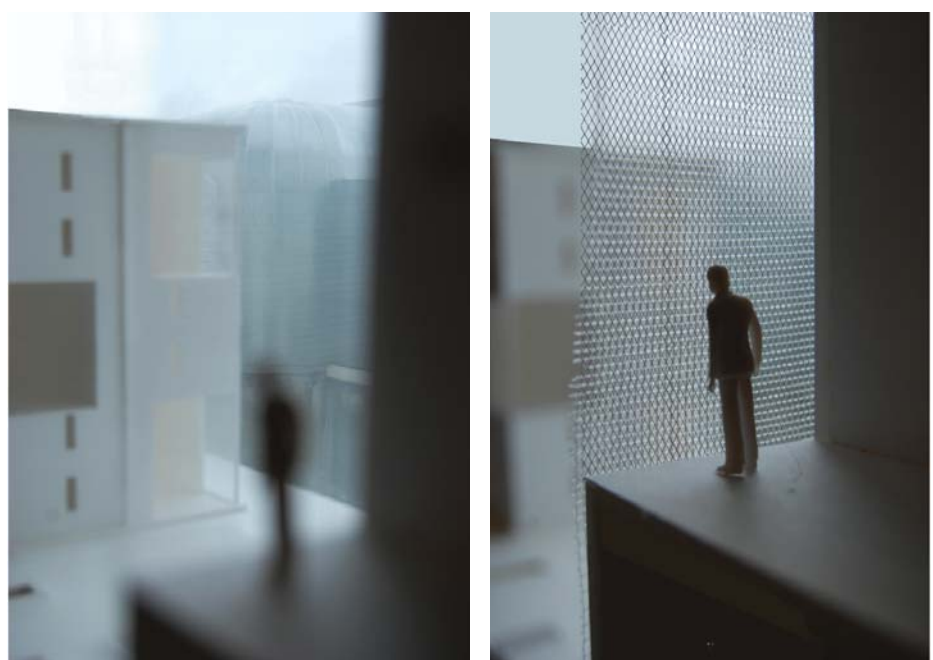


III/1.8 e III/1.9 Fachada em rede da Shibaura House em Tokio.  
Projecto da dupla Sejima e Nishizawa, 2011.

III/1.10 Maquete Torre das habitações de cuidados intensivos com a fachada em rede que as envolve.



III/1.11 e III/1.12 Relação Interior Exterior que este tipo de fachada em rede permite através da distância e proximidade.





## CONCLUSÃO

A dissertação de mestrado aqui desenvolvida assenta numa base teórica que assume uma conclusão prática através do projecto de arquitectura. O processo desenvolveu-se a partir de uma problemática urbana e social, a densidade e o envelhecimento das cidades, e como resposta foi proposto um programa de reabilitação e bem-estar associado a um tema já implícito no lugar, a Água. Para tal foi desenvolvido num primeiro capítulo um estudo e reflexão com base em arquitecturas termais, espaços que tiveram e têm sobretudo um papel social de relevante importância na vida humana e que reúnem à sua volta muitos outros programas e temáticas que deram origem a autênticos edifícios multiusos, fenómeno merecedor de investigação. Este projecto também colmata as carências actuais em diversas áreas relacionadas com a saúde e qualidade de vida do indivíduo idoso, através da prevenção e promoção de estilos de vida mais saudáveis por meio das actividades aquáticas e na criação de áreas de recreio e espaço público.

Recriar a partir da arquitectura um estilo de vida com base num conceito de termalismo pode correr o risco de se tornar um exercício pouco credível numa sociedade urbana, onde existem muitas outras prioridades e onde a falta de tempo rege o dia à dia, factores aparentemente incompatíveis ao tempo e disposição necessários para o usufruto deste tipo de equipamento aqui proposto. No entanto numa sociedade envelhecida e reformada, onde a ocupação do tempo é um tema de extrema importância para o bem estar do indivíduo, a questão do tempo inverte-se e esta ideia ganha força, para além de também ajudar a amenizar os problemas derivados do ritmo alucinante e pouco saudável das cidades. Aqui é ressuscitada a rotina termal de civilizações anteriores estudadas no primeiro capítulo deste trabalho, com toda a sua multiplicidade de programas: jardim e passeio público, zona de banhos, ginásio, biblioteca, restaurante, descanso, entretenimento, adaptados à condição do idoso.

A análise de diversos casos de estudo escolhidos pela sua significativa importância e influência na evolução do espaço termal permitiu identificar seis distintas tipologias da paisagem termal: termas quarteirão, termas palatinas, parques termais, estância termal portuguesa e termas topografia. Desta evidenciam-se três importantes tipologias determinantes na concepção organizacional e programática destes espaços, primeiramente

foi através das termas romanas imperiais, que deixaram bem claro a ideia de complexos urbanos recreativos, o Palace Hotel com o seu conceito de estadia de luxo e importante componente auxiliar do termalismo do século XIX e XX, fazendo a ponte entre a prática termal, o conforto e lazer, e por último a estância termal, conjunto que reúne no mesmo espaço as termas, o hotel, o parque e outros equipamentos recreativos em contextos de pleno contacto e harmonia com a natureza. A compreensão desta comunhão (natural/construído) é também determinante para o futuro deste tipo de equipamentos. A compreensão da forma como se iluminava o espaço termal é igualmente importante e essencial para a concepção do mesmo, elemento que confere a introspecção e mística que o caracteriza.

O projecto reflecte a procura da qualidade de vida através do entendimento tipológico e cultural do banho e da arquitectura termal e da sensibilidade para com as pré-existências e história do sítio, Largo do Rato, potencializando os seus recursos (sistema hidrológico século XVIII), em prol de uma comunidade frágil que necessita de protecção e de uma cidade que pede mais espaços públicos de qualidade, recreio e de lazer para se embelezar e respirar. O espaço público é um tema explorado no projecto através da proposta de um novo jardim, constitui um espaço fulcral para o desenvolvimento, para a continuidade da estrutura ecológica, articulação e bem-estar da cidade, recuperando muitas vezes identidades históricas desconhecidas e inserindo-as num novo paradigma urbano, neste caso, um interior de quarteirão. Através da análise do subcapítulo Conceito Termal e o Quarteirão do Rato foi possível estabelecer um paralelo entre as características da tipologia termal e as características do quarteirão que concluem-se serem propícias à criação de um novo espaço termal urbano, devido à presença da galeria hidrológica, à área disponível para criação de um jardim, à cintura comercial existente e à programática em questão, residências, seguindo a lógica hotel-termas explorada a partir das termas do século XVIII e que permanece.

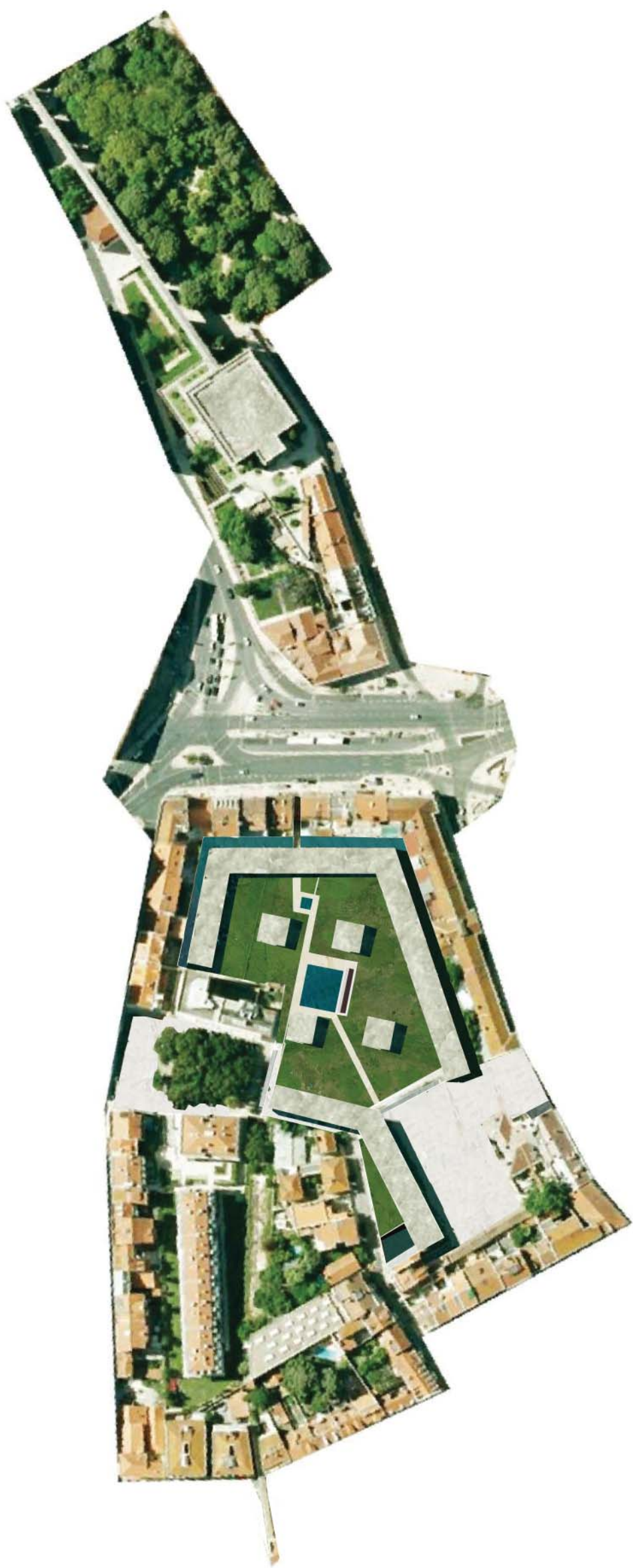
As residências assistidas que envolvem e que são envolvidas pelo jardim criam dois importantes momentos no quarteirão: o contorno do seu interior e a pontuação do espaço público. O primeiro cria uma nova fachada e resolve o problema de desalinhamento das

fachadas traseiras dos edifícios existentes, estabelecendo novas relações de vizinhança e, o mais importante, criar uma ideia de unidade/comunidade neste lugar. O segundo momento procura com a sua implantação central uma maior e mais íntima relação com o espaço público (jardim).

Este projecto é também reflexo da memória arquitectónica do sítio, da pedra e da água, da água e do Jardim. Estas relações culminam sobretudo no espaço termal do projecto, procurando um sentido de pertença ao lugar, juntamente com as influências tipológicas e características termais estudadas: espaço central do conjunto (termas imperiais), interioridade (hammam), relação de proximidade com o jardim, iluminação zenital (atmosferas), galeria superior de circulação e observação, materialidades (pedra, madeira, mosaico) e programática (sauna, cabines massagem, degradê térmico do espaço, tanque de água).

Concluo que a realização deste trabalho constitui um testemunho importante para futuras reflexões sobre a arquitectura para a terceira idade e como uma aceitável experiência de novas tipologias urbanas através da ocupação do interior do quarteirão, respeitando o seu vazio por evidentes questões de permeabilidade do solo mas sobretudo como criação de mais espaços públicos e verdes para as cidades.





### ÁGUA MINERAL NATURAL

É uma água considerada bacteriologicamente própria, de circulação profunda, com particularidades físico-químicas estáveis na origem dentro da gama de flutuações naturais, de que resultam propriedades terapêuticas ou simplesmente efeitos favoráveis à saúde.

### AQUISTA

Designação portuguesa para pessoa que se desloca a uma estância termal com o objetivo de realizar uma temporada de terapia à base das águas minerais.

### BALNEÁRIO TERMAL (ou estabelecimento termal)

Unidade prestadora de cuidados de saúde na qual se realiza o aproveitamento das propriedades terapêuticas de uma água mineral natural para fins de prevenção da doença, terapêutica, reabilitação e manutenção da saúde, podendo, ainda, praticar-se técnicas complementares e coadjuvantes daqueles fins, bem como serviços de bem-estar termal.

### BANHO

Imersão parcial ou total do corpo em substância aquosa, usualmente água. Prática de higiene e de relaxamento.

### BUVETTE

Expressão francesa adoptada para designar local que abriga a fonte onde se faz a ingestão da água com propriedades terapêuticas.

### CARAVANÇARAI

A palavra caravançarai é uma ocidentalização do termo originário persa que combina as expressões caravana com sarayi ou serai que significa residência, habitação, palácio ou cortes.

### CALDARIUM

Palavra em latim, que significa sala de banhos de água quente nas termas romanas.

### CRENOTERAPIA

É o tratamento através da ingestão ou do banho em águas minerais.

### FRIGIDARIUM

Palavra em latim, que significa sala de banhos de água fria, água à temperatura natural, nas termas romanas.

### HAMMAT

Plural de Hammam. Mais do que um hammam.

#### HIPOCAUSTUS

Galeria subterrânea das termas romanas, onde se propagava o ar quente que vinha do praefurnium.

#### PREAFURNIUM

Zona de fornalhas que aqueciam ar e água das termas romanas.

#### TEPIDARIUM

Palavra em latim, que significa sala de banhos de água tépida nas termas romanas.

#### TERMAS

Palavra de origem grega, thermai, que significa banhos tépidos ou quentes adequados, e do latim thermas, aqui associada aos edifícios dos banhos públicos e à prática do termalismo.

#### TERMALISMO

É o uso da água mineral natural e outros meios complementares para fins de prevenção, terapêutica, reabilitação ou bem-estar.

#### TRATAMENTO TERMAL

Conjunto de acções terapêuticas e praticadas por um aquista, sempre sujeitas à compatibilidade com as indicações terapêuticas que foram atribuídas ou reconhecidas à água mineral natural utilizada para esse efeito.

#### SERVIÇOS DE BEM-ESTAR

São serviços de melhoria da qualidade de vida que estão ligados à estética, beleza e relaxamento. Paralelamente, são susceptíveis de comportar a aplicação de técnicas termais, com possibilidade de utilização de água mineral natural, podendo ser prestados num estabelecimento termal.

#### SPA

Spas são locais dedicados ao bem-estar geral, que estimulam, através de uma variedade de serviços profissionais, a renovação da mente, corpo e espírito (definição da International Spa Association). A origem da palavra diz respeito a uma pequena cidade belga chamada SPA, conhecida na Roma Antiga como Aquae Spadanae, onde era encontrada uma nascente de água quente muito frequentada para banhos.

#### VERANEANTE

Designação portuguesa para pessoa que se desloca a uma entidade termal com o objetivo de usufruir dos seus serviços turísticos e lúdicos, sem necessariamente recorrer aos serviços terapêuticos.



## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Clara; VASCONCELOS, Lucia; LOURO, Maria Regina; *Termas Portuguesas*, edições Inapa, 1995;

AEEASG, *Programa de Acção do AEEASG '2012| Portugal*, Governo de Portugal, Janeiro 2012;

BUGALHÃO, Jacinta, *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada á Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Julho de 1997;

CAETANO, Rita, *Termas de Portugal*, Dossiê Especial Jornal Expresso, 24 de Maio de 2008;

CAROMANO, Fátima A.; CANDELORO, Juliana Monteiro: *Fundamentos da Hidroterapia para Idosos*. Arquivo Ciências da Saúde Unipar; 5 (2): 187-195., 2001.

DUBY, Georges, ARIÉS, Philippe, *História da Vida Privada: da Europa Feudal ao Renascimento*, edições Afrontamento, 1990;

EUROPEAN COMMISSION, *Envelhecimento Activo*, Eurobarometer, Novembro 2011;

EUROSTAT STATISTICAL. ISSN 1830-7906: *Active Ageing and Solidarity Between Generation - a statistical portrait of the European Union 2012*, 2012 edition;

FERREIRA, Claudino, *Estilos de Vida, Práticas e Representações Sociais dos Termalistas, O caso das Termas da Curia*, Revista Crítica de Ciências Sociais nº43, Outubro 1995;

IRWIN, Robert, *The Alhambra*, Profile Books, Grã-Bretanha, 2004;

FRANÇA, José Augusto, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Ministério da Educação e Ciência, Biblioteca Breve, Junho de 1980;

FRANÇA, José Augusto, *O Palácio de S.Bento*, Assembleia da República - Divisão de Edições, Lisboa 1999;

GARCIA, Frederico Ressano, *Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874 -1909*, Fundação Calouste Gulbenkian, Abril/Maio 1989;

MACIEL, M. Justino, *VITRÚVIO Tratado de Arquitectura*, IST Press, Lisboa 2006;

MALISSARD, Alain, *Les Romains et L'eau - fontaines, salles de bains, thermes, égouts, aqueducs...*, Realia/Les Belles Lettres, 2002

MANGORRINHA, Jorge, *PAVILHÕES DO PARQUE* Património e Termalismo nas Caldas da Rainha, Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, 1999;

MENDES, Maria Clara, *As Estâncias Termais Portuguesas*, projecto de investigação, Lisboa, 1980;

MÜLLER, Werner, VOGEL, Gunther, *Atlas de Architectura I*, Alianza Atlas, 7ª edição, 1999,;

QUINTA, Fernanda, SILVA, Pedro, *Urbanismo, Paisagismo e Arquitectura - Estância Termal da Curia*, Revista Patrimónios, nº2, Aveiro, Março 2002;

QUINTELA, Maria Manuel, *Cura Termal: Entre as práticas populares e os saberes científicos*, III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A Questão Social no Novo Milénio, Coimbra 16, 17, 18 de Setembro 2004.;

RAMOS, Adília Rita; SANTOS, Rossana Andreia, *O Modelo do Novo Paradigma Termal - o caso português*, Global Tourism, Vol.4 - nº1, Maio 2008;

RAMOS, Paulo Oliveira, *EPAL Iconografia Histórica*, volume I, edições EPAL, Lisboa 2007;

ROSSA, Walter, *Além da Baixa - Índicios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, Dezembro de 1998;

TELES, Ribeiro Gonçalo, *Plano Verde de Lisboa .Componente do Plano Director de Lisboa*, Edições Colibri, 1998;

VÍLCHEZ, Carlos, *Arab Baths*, Diputación de Granada, Granada 2004;

YILMAZKAYA, Orhan. *Turkish Baths, a light onto tradition and culture: a guide to the historic Turkish bath of Istanbul*, 3ª edição, Çitlembik, Instambul 2006;

#### TESES

GOMES, Joel Filipe, *A Construção de Atmosferas, matéria e tempo na obra de Peter Zumthor*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Universidade de Évora, 21 de Julho de 2010;

OLIVEIRA, Carlos Manuel, *Memória das Águas de Alfama*, Dissertação de Mestrado em Estudos do Património, Universidade Aberta, Lisboa, Janeiro de 2008;

REIS, Maria Pilar dos. *As Termas e os Balneários Romanos da Lusitânia. Tese de Mestrado*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000;

TORRES, Elias, *Zenithal Light*, Doctoral thesis, Escola Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Barcelona, 2004;

#### ARTIGOS

ANTUNES, Conceição. "Termas voltam a estar na moda", *Turismo de Saúde*, 1 de Agosto de 2009, p.12-13;



RAMALHO, E. C. e Lourenço, M. C., *As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa*, Revista da APRH, 2005, v. 26, pp.101-112.

SOUSA, Nestor de, *O Largo do Rato, Placa Distributiva de Lisboa, Espaço de Vários Espaços*, revista Arquipélago da Universidade dos Açores, Vol. 7, N.º. 2, pp. 55-100, Jul-Dez, 1985;

#### FILMOGRAFIA

*The Belly of an Architect*, Peter Greenaway, editor John Wilson, 1987;

*Les thermes de pierre*, Richard Copans,

[www.aguas.ics.ul.pt](http://www.aguas.ics.ul.pt)

[www.archnet.org/library/sites/sites.jsp?usage=hammam](http://www.archnet.org/library/sites/sites.jsp?usage=hammam)

[www.carrileiros-portugal.blogspot.pt/2012/03/muita-terra-muita-terra.html](http://www.carrileiros-portugal.blogspot.pt/2012/03/muita-terra-muita-terra.html)

[www.igespar.pt](http://www.igespar.pt)

[www.imprompto.blogspot.pt/2006/05/mapas-das-vias-romanas-sul-de-portugal.html](http://www.imprompto.blogspot.pt/2006/05/mapas-das-vias-romanas-sul-de-portugal.html)

[www.pascalmeunier.com/reportages\\_photos\\_en.php?pild=137](http://www.pascalmeunier.com/reportages_photos_en.php?pild=137)

[www.restosdecoleccion.blogspot.pt/search/label/Termas](http://www.restosdecoleccion.blogspot.pt/search/label/Termas)

[www.termasdeportugal.pt](http://www.termasdeportugal.pt)

[www.ultimasreportagens.com](http://www.ultimasreportagens.com)



## ANEXOS

a) Programa Design for Aging	160
b) Maquetes	162
c) Cartaz da Dissertação	164





## Organograma com áreas do programa

**DAYCARE or  
PRESCHOOL**  
abc = 464m<sup>2</sup>

**COMMUNITY PROGRAM:**  
abc = 1393m<sup>2</sup>  
uma combinação de qualquer um dos seguintes programas:  
- Adult Day Health Care  
- Fitness / Wellness Center  
- Distance University  
- Restaurant  
- Small scale retail  
- Clinic / health services  
- Shared Living Room

**INDEPENDENT LIVING**  
30 unidades  
abc = 4 180m<sup>2</sup>

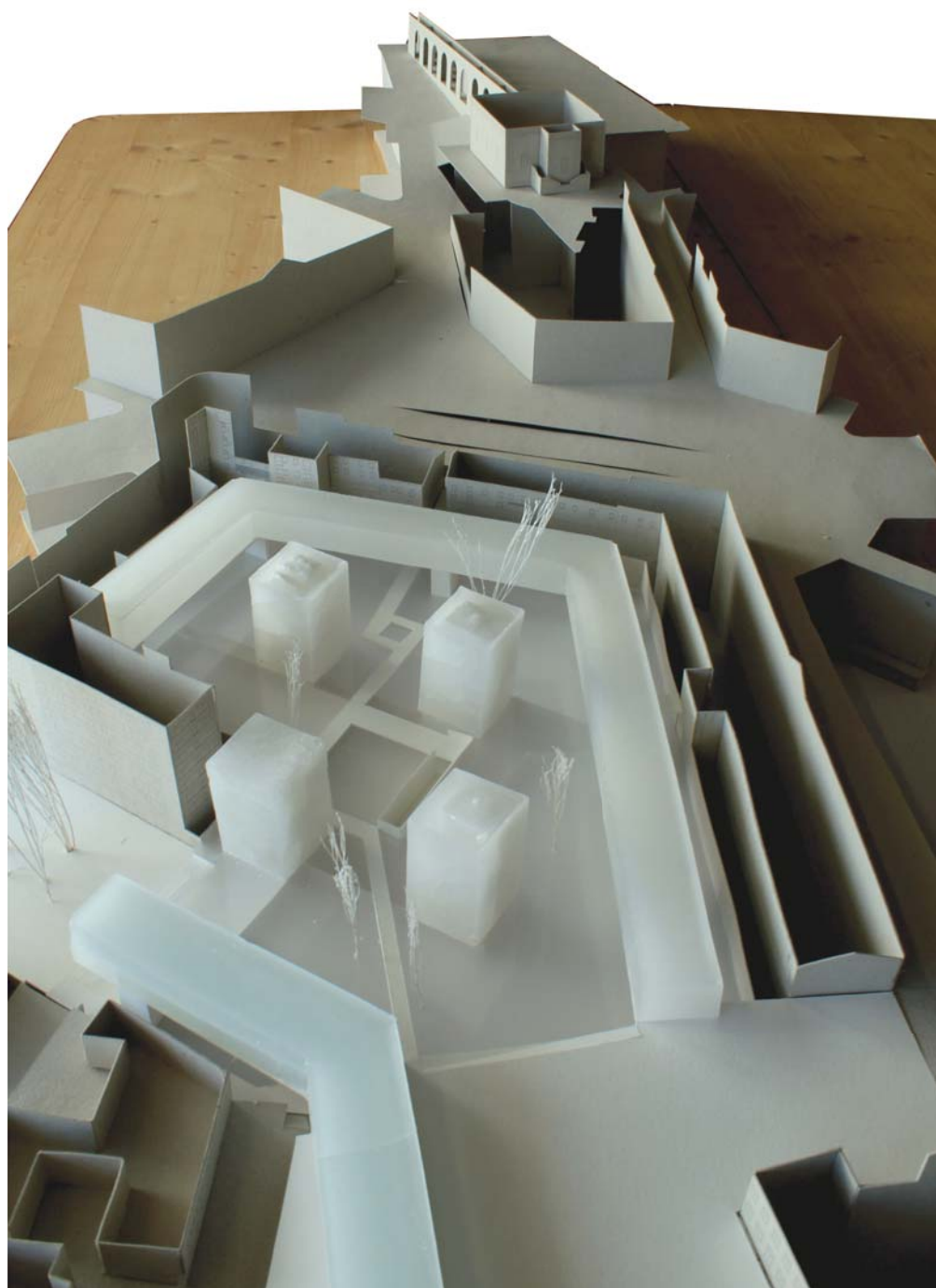
**ASSISTED LIVING**  
40 unidades  
abc = 4 180m<sup>2</sup>

**SKILLED NURSING SMALL HOUSE**  
4 bairros/casas  
cada bairro = 10 residências  
abc = 4 254m<sup>2</sup>

**PARQUE DE  
ESTACIONAMENTO**  
50 automóveis

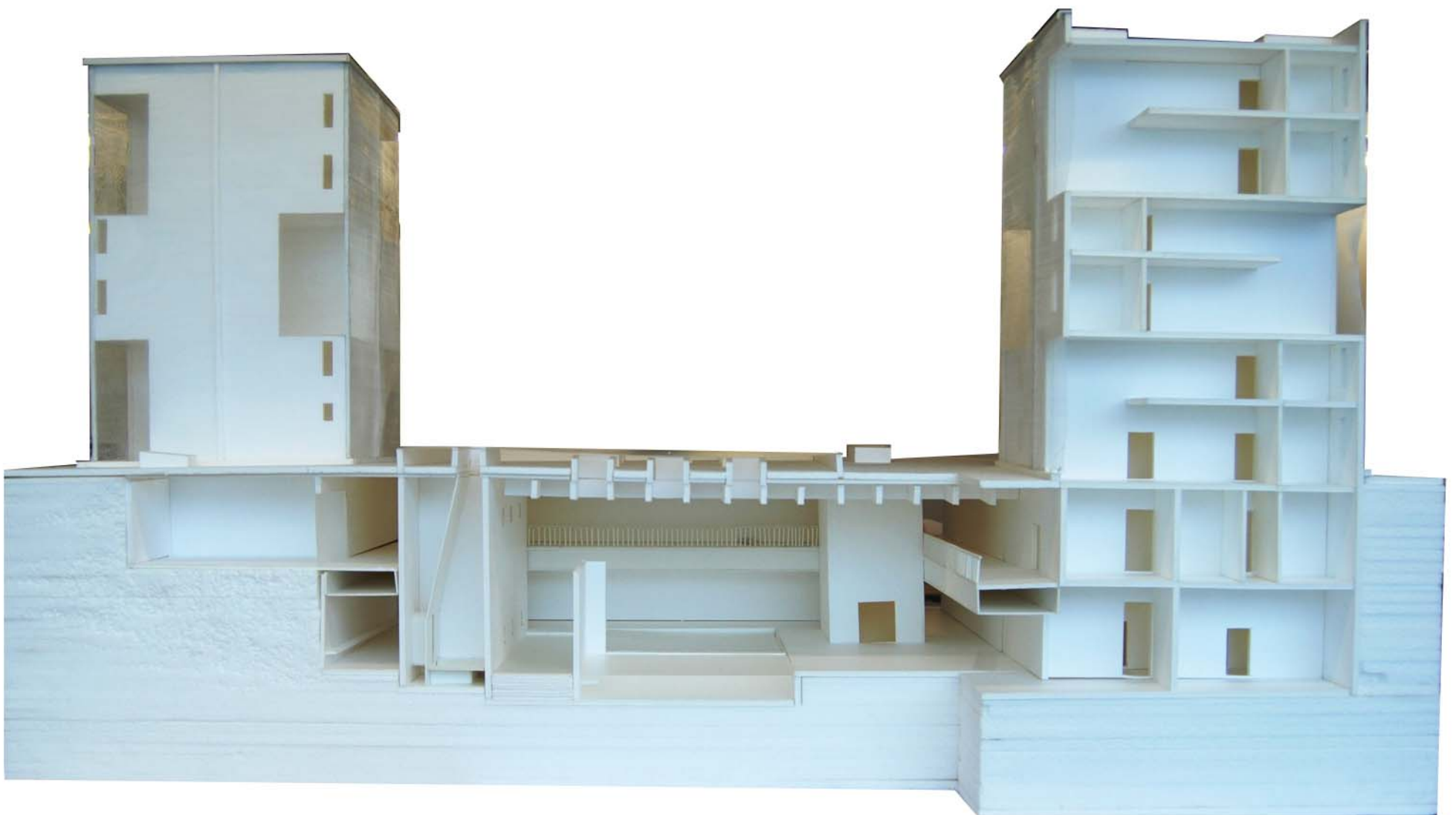
**ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO TOTAL**  
14 473m<sup>2</sup>

Maquete 1:300

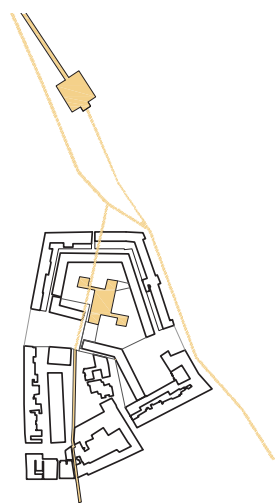
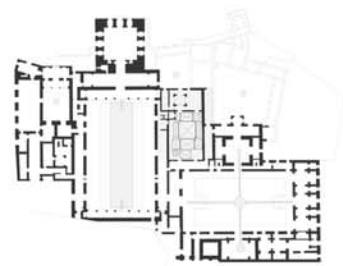
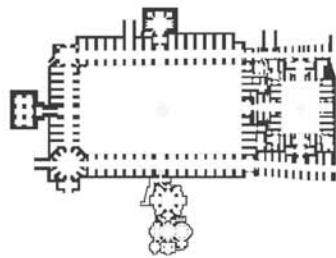
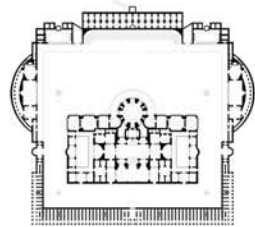




Maquete 1:50



CARTAZ



# O PARADIGMA DA ARQUITECTURA TERMAL E A COMUNIDADE SÉNIOR

